



A Inclusão da Criança com NEE no 1º Ciclo do Ensino Básico: estudo de caso

Rita Isabel Gonçalves Martins Coelho

Orientadora

Professora Doutora Maria Helena Ferreira de Pedro Mesquita

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Helena Ferreira de Pedro Mesquita, Professora Adjunta da Unidade Técnico-Científica de Ciências Sociais e Humanas do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

novembro de 2014

Composição do Júri

Presidente

Professor Doutor Henrique Manuel Pires Teixeira Gil, Professor Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Vogais

Professora Doutora Isabel de Lacerda Pizarro Madureira, Professora Adjunta da Escola Superior de Educação de Lisboa (Arguente).

Professora Doutora Maria Helena Ferreira de Pedro Mesquita, Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco (Orientador).

Suplente

Professor Doutor Ernesto Candeias Martins, Professor Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Dedicatória

Ao meu marido, ao meu pai e à minha irmã!

Agradecimentos

Ao longo desta etapa acadêmica, muitas foram as pessoas que tiveram uma palavra de apoio e carinho, o que me ajudou a chegar ao fim sem nunca desistir.

Em primeiro, um agradecimento especial à Professora Doutora Maria Helena Ferreira de Pedro Mesquita, pela orientação, disponibilidade e ajuda, por ter sempre acreditado que este trabalho era possível e por ter sempre uma palavra de apoio nos momentos mais difíceis. Bem-haja por nunca me ter deixado desistir.

À professora titular de turma e à professora de educação especial, sem as quais este trabalho não teria sido possível.

À professora cooperante, pelo apoio e dedicação durante a prática supervisionada e por me ter transmitido tantas experiências enriquecedoras.

Aos meus pais, sogros, tia, cunhado, afilhado e restante família por todo o apoio. Principalmente, ao meu marido, ao meu pai e à minha irmã pela força e coragem que me transmitiram para nunca desistir.

A todos os meus amigos, especialmente à Rita por todo o apoio prestado.

Obrigado a todos!

Resumo

O acesso à educação em escolas do ensino regular por crianças com NEE tem vindo a ser uma realidade bastante atual. Estas crianças colocam grandes desafios à comunidade escolar que deve arranjar estratégias para incluir estes alunos, e que tenham a hipótese de terem sucesso escolar. O Decreto-lei 3/2008 define os apoios especializados para todos os anos de escolaridade.

Com este trabalho pretendemos conhecer como se processa a inclusão de uma criança com NEE no 1º ciclo do ensino básico. São entrevistadas a professora titular de turma e a professora de educação especial onde a criança está incluída.

Esta investigação assenta num estudo de caso qualitativo e descritivo, num paradigma naturalista, visto que só recolhemos dados presentes numa realidade existente, mas, não interferimos com essa mesma realidade.

A criança com NEE frequenta o 3º ano de escolaridade, tem oito anos, é do género masculino e tem uma NEE de carácter prolongado, com tipificação cognitiva. Esta criança tem um atraso de quatro anos, por isso, a sua idade mental é inferior em quatro anos à idade real. Beneficia das medidas do regime especial do Decreto-Lei 3/2008.

A recolha de dados utilizada foi a análise documental, a entrevista semiestruturada, as notas de campo e a observação. Procurou-se caracterizar a criança com NEE através da análise ao processo individual, de recolha de informações junto dos intervenientes mais diretos no seu processo educativo e da entrevista semiestruturada à professora titular de turma e à professora de educação especial.

Com base na análise dos resultados pretende-se uma reflexão acerca da inclusão de uma criança com NEE no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Palavras chave

Inclusão; Criança com NEE; Dificuldade Intelectual e Desenvolvemental;

Abstract

The access to education in schools for children with Special Needs has been a social phenomenon in nowadays. These children pose big challenges to the school community that should include strategies to get these students, in order to have the chance to have academic success. The Portuguese Decree - Law 3/2008 defines specialized support for all school years.

With this work we intend to learn how to process the inclusion of children with Special Needs in the 1st cycle of basic education. The teacher and the teacher of special education were interviewed, where the child is included.

This research is based on a qualitative case study and descriptive, a naturalistic paradigm, since we only collect data present in existing reality, but this does not interfere with this reality.

The child with Special Needs attends the 3rd grade and he is eight years old, and he has a long Special Needs status with cognitive classification. This child has a delay of four years, so his mental age is lower in four years to his present age. He benefits from the special measures regime of the Portuguese Decree -Law 3/2008.

The data collection used was documentary analysis, semi-structured interviews, field notes and observation. We sought to characterize the child with Special by analyzing the individual process of collecting information from more direct stakeholders in the education process and the holder of semi-structured classroom teacher and to the special education teacher interview.

Based on the analysis of the results it is intended to reflect on the inclusion of children with Special Needs in the 1st cycle of basic education.

Keywords

Inclusion; Children with Special Needs; Intellectual and Developmental Disability

Índice Geral

Composição do Júri.....	III
Dedicatória	V
Agradecimentos.....	VII
Resumo.....	IX
Palavras chave.....	IX
Abstract.....	XI
Keywords	XI
Lista de tabelas.....	XV
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos.....	XIX
Capítulo I – Práticas Supervisionadas em Educação Pré- Escolar e no 1ºCiclo do Ensino Básico.....	3
1.1. Introdução	5
1.2. Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar.....	5
1.2.2. Caraterização da instituição.....	7
1.2.3. Caraterização do grupo dos quatro anos e da sala número 2	7
1.2.4. Planificação semanal, planificação diária e sua reflexão da semana individual	9
1.3. Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico.....	14
1.3.1.Caraterização do meio envolvente à instituição.....	14
1.3.2.Caraterização da instituição.....	15
1.3.3.Caraterização da sala da turma 6ST.....	15
1.3.5.Planificação semanal, planificação diária e sua reflexão da semana individual.	18
Capítulo II – Enquadramento Teórico.....	29
2.1. Introdução	31
2.2. Breve evolução histórica da Educação Especial em Portugal.....	31
2.3. Conceito e classificação das Necessidades Educativas Especiais.....	36
2.4. Inclusão – Uma Escola para Todos.....	40
2.5. O papel do professor face à Inclusão.....	42
2.6. Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental.....	43
2.6.1. Caracterização da Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental	45
2.6.2. Comportamento Adaptativo.....	46

2.6.3. Avaliação e Intervenção	47
Capítulo III – Enquadramento Metodológico.....	49
3.1. Introdução.....	51
3.2. Definição da Questão de Partida.....	51
3.3. Definição dos Objetivos do Estudo	51
3.4. Opções Metodológicas	52
3.5. Recolha de dados - Procedimentos.....	52
3.5.1. Análise Documental	53
3.5.2. Entrevista Semiestruturada.....	53
3.5.3. Notas de Campo e Observação.....	55
3.6. Caracterização da Criança com NEE.....	56
3.7. Tratamento dos dados.....	59
Capítulo IV – Apresentação e Discussão dos Resultados	61
4.1. Introdução.....	63
4.2. Entrevistas Semiestruturadas	64
4.2.1. Legitimação e Motivação da entrevista	64
4.2.2. Identificação e Caracterização dos Entrevistados.....	64
4.2.3. Identificação e caracterização da criança com NEE/Diagnóstico/Inclusão (Trajetória escolar).....	65
4.2.4. Envolvimento familiar em casa e na escola. (Articulação escola versus família).....	68
4.2.5. Expetativas quanto ao futuro	68
4.2.6. Complemento	69
Capítulo V – Conclusões, Limitações e Recomendações do Estudo.....	73
5.1. Conclusões.....	75
Referências Bibliográficas:.....	79
Anexos.....	85

Lista de tabelas

Tabela 1 — Resultados do Teste ABC do “José”	58
--	----

Índice de Anexos

Anexo I – Planificação Semanal	87
Anexo II – Plano Diário	91
Anexo III – Planificação Semanal	105
Anexo IV – Planificação da 2ª Semana Individual	111
Anexo V – Formulário de Referenciação	121
Anexo VI – Roteiro de Avaliação	125
Anexo VII – Programa Educativo Individual e Adequações Curriculares Individuais	143
Anexo VIII – Relatório de Avaliação da implementação das medidas educativas	165
Anexo IX – Relatório de Avaliação Pedagógico	171
Anexo X – Guião e Matriz da Entrevista	175
Anexo XI – Guiões de trabalho	185
Anexo XII – Transcrição da Entrevista da Professora Titular de Turma	201
Anexo XIII – Transcrição da Entrevista da Professora de Educação Especial	211

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

CA – Comportamento Adaptativo

CIF-CJ – Classificação Internacional da Funcionalidade: Crianças e Jovens

CIF – Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde

DID – Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental

DM – Deficiência Mental

EE – Educação Especial

IPI – Intervenção Precoce na Infância

M- Mestranda

NEE – Necessidades Educativas Especiais

NEECP – Necessidades Educativas Especiais de Carácter Permanente

PE – Plano Educativo

PEE – Professora de Educação Especial

PEI – Plano Educativo Individual

PIIP – Plano Individual de Intervenção Precoce

PTT – Professora Titular de Turma

QI – Quociente de Inteligência

SNIPI – Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância

SPO – Serviço de Psicologia e Orientação

Introdução

O conceito de inclusão cada vez está mais presente na sociedade e como a escola constitui um espaço de aprendizagem para todas as crianças há que assumir um papel mais dinâmico no desenvolvimento e na educação dos alunos com necessidades educativas especiais. A escola tem a responsabilidade de dar resposta a “todas” as crianças e deve ser olhada como uma estrutura social que promove a aprendizagem e a capacidade de se relacionar com os outros e o meio.

O professor/educador além da sua competência profissional deve ter a sensibilidade de ver o aluno como um ser único com o seu próprio ritmo de aprendizagem.

Segundo Correia (2005) na escola “espera-se que as crianças se desenvolvam segundo os seus próprios ritmos de aprendizagem, pelo que os grupos de trabalho devem ser flexíveis e as estratégias e o material usado devem ser sempre que possível, concretos e estimulantes” (p.41).

O objetivo de todos os sistemas educativos da sociedade é a educação inclusiva. A inclusão pretende melhorar e criar igualdade de oportunidades para todos os alunos.

Segundo Booth e Ainscow (2008)

...a inclusão envolve mudança, tratando-se de um processo contínuo de desenvolvimento da aprendizagem e da participação de todos os alunos.” Estes autores consideram que a inclusão educativa deve valorizar igualmente todos os alunos; deve aumentar a participação e reduzir a exclusão dos alunos; deve reestruturar as políticas, culturas e práticas nas escolas para que correspondam à diversidade dos alunos; deve reduzir as barreiras à aprendizagem e à participação de todos os alunos (p.8).

O processo de ensino-aprendizagem é mais eficaz quando existe uma colaboração entre a família e a escola e uma maior abertura da escola com a comunidade. Tem de haver transparência nos processos, metodologias e nos instrumentos de ensino.

Apelando ao esforço e à colaboração dos professores é possível a existência e a aplicação de medidas educativas inclusivas que garantam o sucesso da criança com NEE. Para que isso aconteça é fundamental uma relação de proximidade entre estes e os pais ou responsáveis educativos.

É neste sentido que nos propusemos a realizar este estudo, que tem como objetivo a inclusão de uma criança com NEE no 1º ciclo do ensino básico. O estudo irá incidir no 1º ciclo, a uma criança do sexo masculino, com oito anos de idade e que apresenta uma NEE de carácter prolongado, com a tipificação cognitiva. Durante o estudo a criança será tratada pelo nome fictício de “José”.

O relatório de estágio encontra-se organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, procederemos à contextualização da prática supervisionada na Educação Pré-Escolar e na prática supervisionada no 1º ciclo do Ensino Básico.

No segundo capítulo apresentamos o enquadramento teórico no qual se apoiou o presente estudo, analisando os seguintes pontos: Breve evolução histórica da Educação Especial em Portugal; Conceito e classificação das Necessidades Educativas Especiais; Inclusão – Uma Escola para Todos; O papel do professor face à Inclusão; Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental.

No terceiro capítulo, referimos a metodologia utilizada, apresentando as questões e os objetivos que orientaram este trabalho, delineamos o trajeto de investigação e apresentamos os instrumentos utilizados na recolha de dados.

No quarto capítulo, procedeu-se à apresentação e discussão dos resultados.

Por último apresentamos as conclusões, as limitações do nosso estudo, referimos as referências bibliográficas consultadas ao longo deste trabalho e, ainda, os anexos.

Capítulo I - Práticas Supervisionadas em Educação Pré-Escolar e no 1ºCiclo do Ensino Básico

1.1. Introdução

Neste capítulo abordaremos a Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar e a Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico. Será feita uma resumida caracterização do meio envolvente às instituições, das instituições, da caracterização das crianças, das salas onde se desempenharam as intervenções e um exemplo de atividades realizadas para cada uma das práticas supervisionadas.

1.2. Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

Embora este Relatório de Estágio seja, acima de tudo, uma reflexão sobre a Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico, não podemos deixar de fazer uma breve referência à Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar, que nos proporcionou uma série de competências fundamentais e assumiu um papel muito importante na transição para o 1º Ciclo do Ensino Básico. Segundo o Ministério de Educação (1997) “... a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida” (p. 15).

A Prática Supervisionada foi desenvolvida durante catorze semanas e decorreu no período de 5 março a 21 junho de 2012 na Associação Jardim de Infância Dr. Alfredo Mota da cidade de Castelo Branco inserida num meio urbano em par pedagógico, com um grupo de vinte crianças de quatro anos de idade. Iniciou-se com um período de observação/contextualização e um período de planificação, implementação e reflexão. Este período de observação foi essencial para o conhecimento do meio, da instituição e do grupo de crianças. Para o Ministério da Educação (1997),

...Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem (...) para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades. (p. 25)

Segundo a citação acima mencionada, é através da observação e interação das crianças e do grupo que podemos analisar a forma como as mesmas interagem, as suas atitudes, as suas dificuldades a fim de compreendermos melhor as suas características para conseguirmos planear atividades que vão de encontro aos seus interesses. Estes dois períodos tiveram uma série de objetivos definidos por esta unidade curricular e apresentados no programa que importa mencionar:

- Desenvolver competências profissionais, sócio relacionadas e éticas.
- Conhecer as dimensões específicas do contexto educativo em estudo.
- Identificar variáveis processuais promotoras da qualidade da instituição em análise.
- Observar, detalhadamente, a ação pedagógica do educador.
- Elaborar instrumentos de recolha de dados para a elaboração de um diagnóstico de situação.

- Enquadrar dados recolhidos em teorias estudadas.
- Desenvolver estratégias de promoção do desenvolvimento e aprendizagem de todas as crianças.
- Analisar projetos curriculares elaborados com base nas Orientações Curriculares.
- Desenvolver competências de observação, planificação, ação, avaliação e comunicação.
- Saber trabalhar em equipa com todos os elementos da comunidade educativa.
- Conceber, realizar e avaliar experiências educativo-pedagógicas, fundamentando as suas propostas.
- Realizar a adequação curricular como resposta às necessidades educativas especiais.
- Desenvolver uma atitude reflexiva, tendo em vista a criação de hábitos de pesquisa, seleção, organização e tratamento de informação que permitam problematizar o quotidiano pedagógico.
- Conhecer formas de gerir e organizar o tempo e o espaço.
- Desenvolver competências em gestão de recursos e atividades extra letivas.
- Desenvolver e/ou participar em projetos de investigação-ação.

Para conseguirmos atingir os objetivos referidos anteriormente, realizámos um conjunto de atividades. Assim, destacaremos a caracterização do meio, a caracterização da instituição, a caracterização do grupo de crianças (com base em documentos oficiais – projeto educativo, plano Anual de Atividades, Projeto Pedagógico, observações realizadas) e a planificação das atividades.

1.2.1. Caracterização do meio envolvente à instituição

O meio envolvente onde a instituição está inserida tem uma grande importância para o desenvolvimento cognitivo, social, intelectual e pessoal das crianças. Segundo Sprinthall & Sprinthall (1993) “Como o desenvolvimento cognitivo depende da interação entre a criança e o meio de aprendizagem (...) têm de dispor de alguma base informada para determinar o que apresentar à criança e de que forma o fazer” (p.95).

A Associação Jardim de Infância Dr. Alfredo Mota situa-se em Castelo Branco, mais concretamente na zona antiga da cidade, composta por uma zona habitacional, de comércio, de lazer e de história. Tem como pontos de referência o Jardim do Paço, o Parque da Cidade, o Museu Francisco Tavares Proença Júnior e a Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco. Todos estes espaços e recursos de educação não formal envolventes à instituição permitem à educadora trabalhar diretamente ou indiretamente aspetos do currículo de forma a proporcionar diversas aprendizagens.

1.2.2. Caraterização da instituição

A Associação Jardim de Infância onde decorreu a nossa prática supervisionada iniciou o seu funcionamento a 6 de março de 1930, embora só tenha sido inaugurada a 3 de maio desse mesmo ano como Dispensário de Puericultura Dr. Alfredo Mota.

O Dispensário tinha a preocupação de criar condições para o desenvolvimento das crianças que viviam em condições sanitárias e sociais inferiores. Realizavam-se consultas todas as semanas a crianças, onde eram pesadas, orientada a sua higiene, vacinadas contra a tuberculose e a difteria. Também funcionou como lactário até 31 de dezembro de 1954, onde as crianças recebiam lactação artificial na impossibilidade ou insuficiência da amamentação materna.

Devido ao aumento do número de crianças, de recursos humanos e físicos a instituição foi-se estruturando e reestruturando, ao longo dos anos, para dar resposta às mudanças sociais, económicas, especialmente educacionais e pedagógicas. É uma Instituição Particular de Solidariedade Social, sem fins lucrativos.

A educação tem uma grande influência e importância na vida da criança, sendo cada vez mais evidente devido ao alargamento e à difusão da educação. A consciência dos pais relativamente à importância da educação tem vindo a crescer, pois esta é relevante no desenvolvimento harmonioso da criança.

As mudanças sociais (como exemplo emancipação da mulher no mercado de trabalho, mudança de papéis, entre outros) vieram criar a necessidade de instituir estruturas sociais de apoio a famílias, que permitam que a mulher conjugue a sua vida profissional com a familiar.

A instituição é constituída por três pisos (rés do chão, primeiro andar e sótão), tem uma arquitetura semelhante a uma casa. Todas as salas têm luz natural significativa, possuem ar condicionado, estão em bom estado de conservação e têm materiais adequados ao desenvolvimento das crianças. A faixa etária das crianças da instituição encontra-se entre os quatro meses e os seis anos de idade.

1.2.3. Caraterização do grupo dos quatro anos e da sala número 2

O grupo de crianças da sala 2 é composto por vinte crianças, das quais sete são meninas e treze são meninos, com idades compreendidas entre os quatro e os cinco anos. Todas as crianças completam os cinco anos até ao final do ano civil, no entanto denotam-se algumas diferenças no que se refere ao nível de desenvolvimento das crianças.

Através dos documentos facultados pela educadora cooperante e pela nossa observação verificamos que:

- A maioria das crianças vive na freguesia de Castelo Branco, apesar de quatro delas viverem nas freguesias vizinhas.
- O presente grupo manteve as crianças do ano letivo anterior, com a exceção de três destas que saíram e outras três que entraram. As crianças que se entraram no presente ano letivo já tinham frequentado outros Jardins de Infância anteriormente o que facilitou a sua integração.
- No que se refere ao número de irmãos, onze crianças têm irmãos, e nove não têm.
- Ao nível social, as famílias onde estão integradas estas crianças, pertencem maioritariamente a um nível médio-alto.
- A maior parte das habilitações literárias dos pais estão compreendidas entre o Ensino Básico (3º ciclo) e o Mestrado.
- No que diz respeito às profissões, estas são bastante diversificadas.
- Este grupo de crianças possui um desenvolvimento motor adequado à sua idade, apesar de algumas se encontrarem mais desenvolvidas ao nível da motricidade global, do que ao nível da motricidade fina, o que é normal para o nível etário em causa.
- A maioria das crianças também já consegue estabelecer um diálogo com os adultos e / ou com os seus pares.
- As crianças desta sala demonstram autonomia na higiene e na alimentação, embora algumas delas gostem que lhes deem o comer.
- Estas crianças sabem respeitar as regras dentro e fora da sala, são divertidas, adoram ouvir uma história ou cantar uma canção. Gostam de brincar em conjunto, apesar de não apreciarem muito a partilha dos seus brinquedos.
- Neste grupo não existe nenhuma criança com necessidades educativas especiais.
- A Educadora Cooperante possui quinze anos de serviço e é licenciada em Educação de Infância.
- A sala 2 tem como tema “Profissões com Arte”, tendo por objetivos proporcionar às crianças oportunidade de experiências em pequeno / grande grupo; despertar a criança para a importância de cada profissão na nossa sociedade; reconhecer a importância das profissões; entre outros.
- A organização da sala está dividida pelos seguintes Cantinhos: Cantinho da Leitura, Cantinho dos Jogos, Cantinho da Casinha das Bonecas, Cantinho da Garagem, Cantinho da Pintura, Cantinho do Recorte e Colagem, Cantinho do Cabeleireiro e Cantinho do Desenho.
- A sala é espaçosa e permite uma boa mobilidade para algumas atividades. Alguns trabalhos realizados pelas crianças são afixados nos

quatro placards existentes na sala para o efeito e os restantes são guardados no dossiê de cada criança.

- Nas paredes da sala, para além dos placards, encontram-se afixadas as datas de aniversário das crianças, alguns mosaicos decorativos, as figuras geométricas e a palavra “AMOR”.
- No interior da sala encontra-se ainda um armário onde estão os materiais e utensílios necessários para as atividades que se realizam, os dossiês individuais das crianças, alguns jogos, entre outros.
- No que se refere ao exterior da sala pode-se encontrar mais um *placard* para expor os trabalhos realizados pelas crianças e ainda um armário (duas portas) com cabides, para estas poderem pendurar os seus pertences.

1.2.4. Planificação semanal, planificação diária e sua reflexão da semana individual

A planificação semanal (anexo I) era composta pelo tema integrador, pelas áreas de conteúdo, pelos conteúdos e pelos objetivos. O tema integrador era fornecido pela Educadora Cooperante todos os meses, enquanto os restantes tópicos eram selecionados pelo elemento do grupo responsável pela semana, mas só avançam depois da educadora cooperante e a professora supervisora os validar.

O plano diário ou planificação diária (anexo II) era composta pelas áreas de conteúdo, pelos conteúdos, pelas atividades/materiais. Além disso, continha o guião descritivo (desenvolvimento das atividades). Seguidamente, apresentaremos, a título de exemplo, uma das planificações diárias e uma reflexão semanal.

Semana de 16 a 19 de abril de 2012 – planificação diária do dia 16 de abril – guião descritivo (desenvolvimento das atividades)

- ▶ Preparação dos materiais utilizados para o presente dia.
- ▶ Seguidamente a colega de estágio irá até ao ginásio dar os “Bons Dias” aos meninos, local onde aguardam a nossa chegada na presença de uma auxiliar de educação, forma-se um comboio, procede-se à rotina da higiene e depois dirigem-se para a sala.
- ▶ Durante a rotina de higiene surge um problema e a estagiária responsável precisa de o ir resolver. As crianças ficam com a educadora Ana e a auxiliar de educação e dirigem-se para a sala.
- ▶ De repente alguém bate à porta, aparece a boneca Pimpinha.
- ▶ A boneca perdeu a sua casa e anda à procura dela. Esta apresenta-se às crianças e pede que cada criança se apresente. Pergunta-se-lhes se a podem ajudar a encontrar a sua casa.

- ▶ Diz que na escola onde andou existia um chefe do dia, pergunta se no infantário também há. Como não sabe quem é, pergunta-se à educadora Ana quem é o chefe do dia.
- ▶ No placard que se encontra junto da mantinha está uma tabela com vários tipos de habitação e os nomes das crianças. Pede-se a cada criança que assinale com uma bolinha no sítio do seu nome a imagem mais parecida com a sua habitação.
- ▶ No fim da tarefa procede-se à contagem e coloca-se por baixo o número correspondente para sabermos qual o tipo de habitação que predomina.
- ▶ A boneca pergunta às crianças de que cor é a casa delas.
- ▶ Pergunta-se às crianças como se chama a pessoa que pinta as casa. Ela responde que tem um amigo que é o Rafa Pintor. Ele ensinou-lhe uma canção e ela vai ensiná-la aos seus novos amigos.
- ▶ Solicita-se às crianças que se levantem e formem uma roda.
- ▶ De seguida diz-se uma frase da música “Rafa Pintor” e os meninos repetem, diz-se a segunda frase da música e eles repetem e assim sucessivamente até terminarem a primeira quadra.
- ▶ O processo anterior repete-se também para a segunda e terceira quadra.
- ▶ Posteriormente, vai-se dizendo a música com diferentes entoações.
- ▶ Quando os alunos já conseguirem dizer a música sem ajuda, põe-se o CD a tocar e ensina-se a melodia da mesma com a letra.
- ▶ Depois de já conseguirem cantar a música com a melodia, ensina-se uma coreografia adequada à mesma.
- ▶ Seguidamente, pede-se às crianças que se sentem novamente na mantinha, com o intuito de lhes explicar a tarefa que se irá realizar.
- ▶ A casa da boneca não está pintada porque ela gosta de todas as cores e não consegue escolher. Pede-se ajuda aos meninos para a ajudar.
- ▶ Cada criança realiza uma tarefa em que têm vários elementos de uma casa com diversas combinações. Têm de observar os exemplos e fazer as restantes combinações. No fim com uma cruz assinalam a combinação que mais gostaram, de modo a escolherem a cor da casa da Pimpinha. Esta tarefa vai ser realizada em grupos de quatro.
- ▶ Os restantes colegas vão brincando nos cantinhos. À medida que elas vão terminando trocam com os companheiros que estavam a brincar.
- ▶ Seguidamente, pede-se às crianças que se sentem na mantinha para dialogar com elas sobre o que fizeram nessa manhã.
- ▶ Entretanto, pede-se aos meninos para formarem uma fila. As crianças e a Pimpinha saem da sala a cantar e a dançar a música do Rafa Pintor. No fim despede-se delas.
- ▶ Procede-se à rotina da higiene e de seguida vão almoçar. Durante o almoço a estagiária responsável aparece.

Semana de 16 a 19 de abril de 2012 - reflexão semanal

Em primeiro lugar queremos salientar que gostámos muito desta semana, foi especial porque saímos da nossa zona de conforto e partimos para o desafio. Sentimos que colocámos vários objetivos e obstáculos para termos a consciência do que somos capazes de fazer e o que temos de melhorar.

Na segunda-feira apareceu a personagem que criámos - a boneca Pimpinha. Sabíamos que não podíamos sair da personagem, por isso apresentámo-nos às crianças, à educadora, à auxiliar de educação e ao par pedagógico. Não podíamos esquecer-nos que não sabíamos nada do que se passava naquela sala visto que era primeira vez que ali estávamos. As crianças receberam muito bem a boneca, já decorria a manhã quando uma criança chamou pela Rita. Respondemos de imediato *quem é a Rita?* Assim, passámos a ocupar duas personagens: era a Rita quando chegávamos ao jardim-de-infância e era a Pimpinha assim que nos vestíamos de boneca.

Durante a marcação da tabela de dupla entrada sobre os diferentes tipos de habitação demoramos muito tempo, sentimos que algumas crianças já estavam a ficar cansadas e inquietas, sei que temos de nos organizar melhor e de estarmos com mais atenção ao tempo. Sentimos que perdemos a noção de tempo, quando olhámos para o relógio já era tarde. Houve algumas crianças que indicavam um tipo de habitação que não era parecida com aquele em que habitam. A educadora Ana intervinha para elas dizerem e marcarem o tipo de habitação que estivesse mais correto. Nessa altura, a boneca Pimpinha mostrou que estava triste por as crianças a estarem a “enganar”. Como não conhecíamos o tipo de habitação dos meninos, reconhecemos que devíamos ter perguntado e feito algum trabalho de casa, mas na altura em que planificámos achámos que este aspeto não era relevante. Se a educadora não nos tivesse ajudado os resultados da tabela de dupla entrada não estariam corretos. Sabemos que temos de dar atenção a todos os pormenores das crianças mesmo que inventemos uma personagem e não possa sair desse papel, temos de arranjar uma maneira de solucionar os problemas que vão surgindo.

Durante essa manhã chegaram dois meninos um pouco atrasados; já tínhamos dito o seu nome, mas como ainda não tínhamos terminado de preencher a tabela quando chegamos ao último, voltamos atrás e dizemos o nome desses meninos. Já tínhamos colocado o total em cada tipo de habitação para ver qual predominava quando chegou outra criança e pensámos, e agora? Decidimos retroceder e ir com a criança marcar na tabela a sua habitação. Porém, esta decisão não foi a mais acertada porque originou mais atraso e tivemos de modificar e alterar o total. Esta situação fez-nos refletir: e se acontecesse isto todos os dias e várias vezes numa manhã? Não podíamos estar sempre a voltar atrás, tínhamos de continuar. Por isso, quando acontecer novamente esta situação se for possível voltamos atrás, caso contrário, continuamos.

Uma estratégia que utilizamos quando nos enganámos a dizer uma palavra, quando estávamos em boneca Pimpinha, foi que não sabíamos bem as coisas porque a mãe não a deixava ir à escola, porque achava que as bonecas não podiam ir à escola, só as crianças. Os meninos acharam muita piada e começámos a errar em pequenas coisas de propósito. Assim, eles corrigiam-nos e diziam que a boneca devia ir à escola para aprender coisas novas.

Nos momentos em que o grupo ficava barulhento a Pimpinha pedia para se portarem bem porque caso contrário não a deixavam ficar na casinha da sua sala a dormir, pois ela tinha perdido a sua casa. Acreditamos que esta estratégia resultou muito bem.

Na terça-feira devido a um pequeno contra tempo chegámos perto das 9 horas ao jardim-de-infância. Fomos logo ao ginásio a avisar a auxiliar de educação que tinha acabado de chegar e tínhamos de preparar a sala para a manhã. Sabemos que é o dia em que a educadora chega às 9h30min, mas para nós esse dado era irrelevante porque temos horários a cumprir e o nosso horário inicia-se às 9 horas. Quando tivemos oportunidade falámos de imediato com a educadora para lhe explicar o que tinha acontecido. Esta correria toda fez com que ficássemos nervosas e quando entrámos na sala vestida de boneca não nos lembrávamos do que tínhamos planificado. Aos poucos a memória foi surgindo o que se tinha planificado.

Somos pessoas que gostamos de ter tudo muito bem preparado, não gostamos de imprevistos visto que não lidamos muito bem com a pressão. Já estamos a trabalhar neste aspeto há algum tempo porque sabemos que os imprevistos acontecem. Não podemos deixar que nada nos perturbe ou nos atrapalhe se queremos ser excelentes profissionais. Por isso, caso esta situação voltar a acontecer assim que entrarmos no jardim-de-infância, os nossos problemas e ansiedades têm de ficar cá fora. Como não estávamos bem, nem nos apercebemos que mantivemos as crianças sentadas durante muito tempo e prolongámos em demasiado as etapas que são necessárias para a construção de uma casa.

Para essa manhã criámos um jogo “A construção de uma casa” que estava numerado. No entanto, não colocámos os números bem, em vez de estar da esquerda para a direita estavam de cima para baixo. A educadora apercebeu-se e alterou os números. Este acontecimento fez-nos perceber que temos de estar com atenção e pesquisar como se elabora um jogo no pré-escolar. Que tem de ser sempre da esquerda para a direita porque é assim que funciona o nosso código de escrita.

Levámos muitos materiais para este dia, muitas variedades de papel. Não nos lembrámos como é importante que as crianças toquem e sintam as texturas desses materiais e que descubram e percebam as suas diferenças por isso não se encontrava planificado no plano diário esta atividade, mas a atividade foi executada.

Temos que dar às crianças mais autonomia e não colocá-las “numa redoma de vidro”, deixá-los ser autónomos.

Na ornamentação da casa, o pequeno grupo que começou a decorar utilizou todas as variedades de papel que tinha levado. Sentimos que não foi a opção correta, visto que algum material não era apropriado para os recortes. Não intervimos de imediato porque o nosso objetivo era que eles se apercebessem das dificuldades e que chegassem à conclusão que nem todos os tipos de papel servem para todas as atividades. Nos restantes grupos só colocámos as folhas de cartolina.

Neste dia, sentimos que tínhamos falhado, que não tinha sido uma manhã produtiva e que as crianças não tinham aprendido nada. Neste momento, sabemos que a manhã não correu assim tão mal, porque as crianças na sexta-feira demonstraram que tinham adquirido conhecimentos semelhantes aos que tínhamos falado, visto que foram visitar um escritório de arquitetura. Nesse dia também a educadora cooperante e a professora supervisora fizeram-nos entender que podíamos ter errado em alguns pormenores mas que estivemos bem.

Na quarta-feira começámos pela quadra que tínhamos ensinado na manhã anterior visto que foi dada de forma mais superficial e o nosso objetivo era que as crianças a aprendessem. Para haver mais dinamismo andámos pela sala com as crianças a dizer a quadra e a fazermos diferentes ritmo com as mãos e os pés.

Não estávamos nada à espera que o pictograma “A minha casa” corresse tão bem, chegámos a uma altura que não precisávamos de ler as palavras que lá se encontravam porque as crianças já o sabiam de cor.

Só mais tarde quando refletimos o nosso dia é que nos apercebemos de que tínhamos ficado sozinhas na sala com as crianças. A educadora avisou-nos que precisava de sair, mas como estávamos tão concentradas e habituadas a ter mais pessoas adultas na sala, nem nos apercebemos da situação. Hoje sentimos que conseguimos controlar o grupo e ganhámos alguma confiança porque ultrapassámos um pequeno obstáculo.

Na quinta-feira abordámos o poema “Numa casa muito estranha”. Foi muito divertido porque em cada frase que a boneca dizia as crianças ralhavam com ela e diziam para dizer à sua mãe para a deixar ir à escola, porque só estava a dizer disparates. Os meninos tiveram a iniciativa de lhe explicar a que divisões pertenciam os utensílios que eram enunciados no poema.

Neste dia, sentimos que fomos um pouco “bruscas” com algumas crianças. Que temos de chamar a atenção com carinho e firmeza. Pensamos que com o tempo conseguimos mudar este aspeto. Também nos apercebemos quando estamos a explicar a tarefa que vai ser executada que falhámos nessa explicação. Ainda não nos apercebemos o porquê disso acontecer, para a próxima estaremos mais atentas para podermos melhorar este aspeto.

Em suma, foi uma semana que correu bem, sentimos que houve uma melhoria em relação à semana anterior. Os aspetos mais relevantes foram: temos de melhorar a explicação das tarefas que falhou um pouco durante a semana, que não podemos ser

tão duras quando uma criança não se porta tão bem como achamos que se deve portar. Apercebemo-nos de que a educadora tem razão quando diz para planificar como se estivéssemos sozinhas, visto que o nosso par pedagógico só esteve presente na segunda-feira. Penso que a semana teria falhado, por isso a partir de agora temos de ser mais autónomas.

1.3. Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico

A Prática Supervisionada foi desenvolvida durante treze semanas e decorreu no período de 23 de outubro de 2012 a 7 de fevereiro de 2013 na Escola EB1 São Tiago, que pertence ao Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva da cidade de Castelo Branco em par pedagógico, com a turma do 3º ano de escolaridade. Iniciou-se com um período de observação/contextualização (duas semanas) e um período de planificação, implementação e reflexão (cinco semanas – três de grupo e duas individuais). Este período de observação foi essencial para o conhecimento do meio, da instituição e da turma 6ST.

Estes dois períodos tiveram um conjunto de atividades. Assim, destacaremos a caracterização do meio, a caracterização da instituição, a caracterização da turma 6ST (com base em documentos oficiais – projeto educativo, plano Anual de Atividades 2012/2013, plano Anual do 3º ano, plano de Turma 2012/2013 e as observações realizadas), a planificação didática e o guião de atividades.

1.3.1. Caracterização do meio envolvente à instituição

A Escola EB1 São Tiago situa-se numa zona urbana, designada por São Tiago. Encontra-se circundada por habitações e por instituições de apoio humano e social, como por exemplo, o Hospital Amato Lusitano; o Centro de Saúde; o Instituto Português do Desporto e da Juventude; os Bombeiros Voluntários; a GNR (Guarda Nacional Republicana); a APPACDM (Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental) e ainda o Pavilhão Municipal.

Está rodeada por minimercados, cafés, uma lavandaria, a Academia de Judo, as instalações do grupo de teatro Váatão e pela Escola EB 2,3 Afonso de Paiva onde está integrada a Escola Básica Afonso de Paiva.

1.3.2. Caraterização da instituição

A instituição, Escola EB1 São Tiago pertence ao Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva.

A Escola EB1 São Tiago começou por ser conhecida como a Escola do Magistério, onde é hoje o Instituto Politécnico de Castelo Branco. Em 1990 passou a ser conhecida como Escola do Celeiro, por ter funcionado num edifício onde foi um celeiro. Posteriormente, designou-se Escola Nº6 de Castelo Branco e atualmente chama-se Escola EB1 São Tiago.

A Escola funciona, desde o ano escolar 2001/2002, num edifício de dois pisos, com aspeto exterior atrativo, resultante da arquitetura e das cores com que está pintado. Funciona num edifício rés-do-chão e primeiro andar, exteriormente não oferece qualquer espaço coberto, o que inviabiliza a sua utilização em dias de chuva, limitando as naturais brincadeiras nos intervalos das aulas.

No rés-do-chão, encontramos dois halls de entrada (um pequeno e um retangular), nove salas de aulas (uma das quais funciona a Unidade de Autismo - sala Teacch, em tempo parcial funciona ainda a Unidade de Surdos), uma cozinha, um bar, uma despensa para produtos alimentares, uma sala para as assistentes operacionais, dois espaços de arrecadação de materiais diversos, dois espaços destinados para guardar material didático e audiovisual, uma sala de professores, um gabinete para a coordenação de escola, um espaço para a reprografia, um ginásio para a prática de educação física e de psicomotricidade, duas casa de banho para crianças, duas casa de banho para adultos e um pequeno espaço para acondicionamento dos materiais de limpeza.

No primeiro andar há dois gabinetes para o apoio e complemento educativo e para atendimento aos pais/encarregados de educação, a biblioteca, um corredor aproveitado com dois espaços – sendo um utilizado pela terapeuta da fala/psicólogo e um outro dividido por uma cortina, destinado a aulas de apoio e de atividades extracurriculares/educação especial e um pequeno hall que também funciona para aulas de apoio.

1.3.3. Caraterização da sala da turma 6ST

No que se refere à organização da sala do grupo achamos que esta possui uma área adequada que permite responder às necessidades do número de alunos e que se apresenta de acordo com o que está expresso na legislação referente à organização escolar, *Despacho conjunto n.º 268/97, de 25 de Agosto*.

Trata-se de uma sala que apresenta um bom estado de conservação, tanto a nível das infraestruturas, como a nível do equipamento. As paredes apresentam um

bom isolamento térmico e acústico. Relativamente ao chão apresenta características adequadas face às funções desta instituição, sendo de fácil lavagem, resistente e antiderrapante.

No que se refere à luminosidade e ao seu arejamento proporciona condições de bem-estar, contudo na nossa opinião a luminosidade natural poderia ser mais aproveitada. Este último aspeto seria importante para reduzir custos no entanto, proporciona ao grupo uma grande distração sendo esta a causa para que as cortinas estejam sempre fechadas.

Este espaço educativo está organizado da seguinte forma: entrada, lavatório, espaço de arrumação e mesas de trabalho.

A sala está subdividida em algumas áreas, sendo estas muito bem concebidas tanto a nível da organização como a nível dos recursos, que embora apresentem um carácter lúdico proporcionam experiências enriquecedoras, realçando, assim, o seu carácter didático.

Este espaço educativo contém as seguintes áreas: área da secretária do professor; área de lazer (existe um computador e vários livros); área dos próprios alunos (onde existe uma caixa de correio e uma caixa de desabafos); área dos placards e dos trabalhos dos alunos; área da arrumação e área do quadro de ardósia.

Na nossa opinião, os recursos e materiais parecem-nos adequados e suficientes, pois este espaço dispõe de uma enorme variedade, como por exemplo os que integram os cantinhos e diversos materiais a nível de trabalhos práticos.

A turma dispõe ainda de outro tipo de recursos:

- Dentro da instituição tem datashow; leitor de Cd's; vídeo; fotocopiadora; Internet e biblioteca.
- No agrupamento há Biblioteca e todos os recursos disponíveis.

O projeto curricular de turma tem por base as suas observações de modo a delinear as práticas educativas. Apresenta ainda, a sua estrutura tendo em conta o Projeto Educativo do Agrupamento e o Projeto Anual de Atividades do Agrupamento.

1.3.4.Caraterização da turma 6ST

Quanto à distribuição dos diferentes géneros verificámos a existência de mais crianças do sexo masculino do que do sexo feminino. De uma forma mais concreta, o grupo de crianças é composto por vinte alunos sendo que nove são do sexo feminino e onze do sexo masculino, frequentam o 3º ano de escolaridade e têm idades compreendidas entre 8 a 9 anos.

Neste grupo há três casos com algumas especificidades, sendo que um prende-se com a existência de um aluno de etnia cigana com Necessidades Educativas Especiais. Os outros dois casos referidos são dois alunos que têm algumas dificuldades a nível da aprendizagem.

Os pais dos alunos desta turma têm idades compreendidas entre os 30 e os 40 anos, têm como habilitações literárias o ensino secundário ou a licenciatura, refletindo, assim, que cada vez há uma maior preocupação com a formação profissional. Também podemos inferir que a situação do país se reflete, tendo em conta que a maioria da situação profissional dos pais deste grupo se situa nos técnicos intermédios e nas outras situações (desempregados, sem profissão, aposentados ou falecidos).

O grupo em geral mostra empenho perante as atividades, havendo sempre colaboração nas respostas e em todos os trabalhos.

Contudo, o comportamento de alguns alunos tem repercussões muito significativas no rendimento escolar do grupo em geral. No geral, o grupo distrai-se muito facilmente o que implica o trabalho dos mesmos durante as atividades.

Em relação ao comportamento, alguns alunos manifestam, por vezes, aspetos menos positivos que deverão ser corrigidos, tendo em conta que afetam as suas próprias aprendizagens e as dos restantes membros da turma. Um dos alunos com um problema bastante notório a nível do comportamento, pois parece ter hiperatividade, o que dificulta em muito a sua concentração e conseqüentemente o de outros colegas com quem o mesmo conversa e se distrai. Outro caso é o de uma aluna que apresenta uma estrutura de personalidade frágil, afetivamente imatura o que por vezes causa o seu desinteresse e falta de atenção perante o que está a ser desenvolvido.

O aluno com NEE apresenta um perfil ao nível dos quatro anos tendo um comportamento um pouco mais complicado que os restantes pois, manifesta alterações comportamentais no contexto escolar, com dificuldades de integração de regras e limites. Falta de tolerância à frustração com atitudes imprevisíveis e impetuosas.

De uma forma geral, o grupo apresenta alterações comportamentais no contexto escolar, com dificuldades de integração de regras e limites, falta de tolerância à frustração com atitudes imprevisíveis e impetuosas e ainda em alguns casos apresentam uma estrutura de personalidade frágil, afetivamente imatura e na maioria déficit de atenção.

Relativamente à professora cooperante, esta tem um nível de competência elevado em todas as áreas, dado ter certificação pelo Conselho Científico – Pedagógico de Formação Contínua, como formadora em Didáticas específicas do 1º CEB e ter criado e desenvolvido projetos ao longo da sua carreira para além do seu lema ser que a formação é permanente.

Esta tem uma atitude e uma postura perante o grupo bastante adequada mostrando através das suas atitudes que já tem um conhecimento muito bem estruturados acerca do grupo em geral e da individualidade de cada um.

A relação que esta mantém com os alunos é excelente. Do nosso ponto de vista há uma grande preocupação em dosear os sentimentos para que apesar de haver carinho e confiança nunca seja esquecido o respeito perante a figura de professora.

Paralelamente, há uma grande preocupação por parte da professora cooperante em perceber o que se passa com as crianças fora da instituição tentando sempre estar a par dessas informações. Um dos exemplos é o facto de esta se preocupar bastante com as atividades que a maioria das crianças frequenta depois de sair da escola, alertando-os ao máximo para as repercussões que podem surgir a nível das suas aprendizagens e capacidades.

A forma como esta trabalha como grupo torna-se fundamental para que haja sempre motivação e interesse em executar as atividades. Há sempre uma tentativa em interligar as áreas de conteúdo para que assim não haja desmotivação por parte do grupo em estar sempre a trabalhar a mesma área, por exemplo, todo o dia.

Assim, podemos inferir que a transversalidade de conteúdos está sempre presente durante as aulas do grupo, manifestando ser uma técnica com muito boas repercussões nas aprendizagens. A professora cooperante faz com que todas as atividades sejam aproveitadas com fins educativos, por exemplo a simples rotina do dia de distribuir os leites é aproveitada para a área da matemática, mais propriamente o cálculo mental.

A postura da mesma é adequada pois, tenta sempre movimentar-se na sala para melhor controlar os alunos evitando que estes se possam distrair tão facilmente.

1.3.5. Planificação semanal, planificação diária e sua reflexão da semana individual.

As semanas de prática supervisionada foram planificadas tendo em conta o número de horas diárias para cada área disciplinar.

A planificação semanal (anexo III) era composta pela seguinte forma:

- a) Elementos de identificação;
- b) Seleção dos conteúdos programáticos das diferentes áreas a trabalhar durante a semana e pelo projeto educativo individual;
- c) Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem – constituído pelo tema integrador, vocabulário específico a trabalhar especificamente durante a unidade, elemento integrador que podem ser dois (geral e o da semana), recursos utilizados, sumário e pelo desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem diário (designação da atividade e o procedimento de execução).

Seguidamente, a título de exemplo, apresentaremos as planificações da segunda semana individual da prática supervisionada no 1º ciclo do ensino básico.

Planificação da 2ª Semana Individual – 4 a 6 de dezembro de 2012 (anexo IV)

Guião de aula do dia 4 de dezembro:

Tema integrador: A importância do Sol e do ar puro.
Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade: poluição; ar puro;
Elemento integrador geral: Centrifugadora das aventuras, sendo que esta irá conter o elemento integrador de cada dia. Este elemento servirá para estimular as crianças e desenvolver o sentido de responsabilidade.
Elemento integrador da semana: O elemento integrador do dia será a Estrela e o Ulisses a segurar uma caixa que tem lá dentro um DVD com uma etiqueta a dizer “poluição”. Tal como em cada dia da semana anterior será o aluno que se portou melhor e teve melhor avaliação no guião que terá oportunidade de experimentar a aventura do dia na centrifugadora.
Recursos: Centrifugadora das aventuras; Estrela e Ulisses; Caixa com o DVD; Computador; Projetor; Filme “Poluição - As suas consequências” (http://www.youtube.com/watch?v=bFOyyICUJTY); Livro em suporte digital “Natal nas Asas do Arco-íris” (http://www.authorstream.com/Presentation/silviamelchior-291115-natal-nas-asas-arcoiris-1-education-ppt-powerpoint/); Manual de Estudo do Meio; Guião.

Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem

1. Descodificação do tema da semana através do objeto encontrado na centrifugadora das aventuras.
 - 1.1. Observação do objeto.
 - 1.2. Visionamento do filme. (<http://www.youtube.com/watch?v=bFOyyICUJTY>)
 - 1.3. Comentário escrito sobre o mesmo.
 - 1.4. Leitura de alguns comentários sobre o filme por alguns alunos escolhidos aleatoriamente.
2. Realização das questões 1 e 2 da página 46 do Manual de Estudo do Meio.
 - 2.1. Leitura dos enunciados por vários alunos escolhidos ao acaso.
 - 2.2. Realização das questões individualmente.
 - 2.3. Correção das questões oralmente por alguns alunos escolhidos aleatoriamente.

3. Leitura e análise da primeira parte do texto “Natal nas Asas do Arco-íris”.

(<http://www.authorstream.com/Presentation/silviamelchior-291115-natal-nas-asas-arcoiris-1-education-ppt-powerpoint/>)

Antes da leitura:

3.1. Discussão sobre a possível articulação entre uma cidade cinzenta e a poluição.

Durante a leitura

3.2. Leitura em voz alta pela professora estagiária.

3.3. Leitura em voz alta por alguns elementos da turma (selecionados aleatoriamente).

Depois da leitura

3.4. Resolução de algumas questões que se encontram no guião de trabalho.

Exemplo:

De que cor era a cidade do texto que foi lido?

Quem é a personagem principal do texto?

Como se sentiam as crianças da história?

Atividade individual do aluno com NEE

- ❖ Leitura e explicação do enunciado do problema pela professora estagiária.
- ❖ Resolução do problema.
- ❖ Correção do problema.

Realização de duas atividades:

A. Pinta com a mesma cor as letras que são iguais.



B. Traça o caminho que leva o Pedro até à bola.



Guião de aula do dia 5 de dezembro:

Tema integrador: A importância do Sol e do ar puro.

Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade: poluição; ar puro; sílaba tónica; sílaba átona.

Elemento integrador: O elemento integrador do dia será a Estrela e o Ulisses a segurar um cartaz que dará continuidade ao tema da poluição. Tal como no dia anterior será o aluno que se portou melhor e teve melhor avaliação no guião que terá oportunidade de experimentar a aventura do dia na centrífugadora.

Recursos: Centrífugadora das aventuras; Estrela e Ulisses; Cartaz;

Livro: “Sim eu posso! Ajudar a salvar o Planeta”, da autora Emma Brownjohn, da editora Alêtheia Editores.

Manual de Estudo do Meio; Computador; Projetor;

Livro em suporte digital “Natal nas Asas do Arco-íris”

(<http://www.authorstream.com/Presentation/silviamelchior-291115-natal-nas-asas-arcoiris-1-education-ppt-powerpoint/>); Guiões.

Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem

1. Continuação do tema da semana através do objeto (cartaz) encontrado na centrífugadora das aventuras.

1.1. Observação do cartaz encontrado na centrífugadora das aventuras.

1.2. Análise do mesmo.

1.3. Elaboração de um pequeno texto que nos ajude a melhorar o nosso planeta.

1.4. Leitura de alguns textos por alguns alunos escolhidos aleatoriamente.

2. Observação e análise do livro: “Sim eu posso! Ajudar a salvar o Planeta”, da autora Emma Brownjohn, da editora Alêtheia Editores.

2.1. Observação e análise do livro.

2.2. Comentário oral dos alunos sobre o que observam.

3. Realização da atividade 3 e do “gosto de saber” da página 46 do Manual de Estudo do Meio.

3.1. Leitura do enunciado por um aluno escolhido ao acaso.

3.2. Realização da questão individualmente.

3.3. Leitura silenciosa do “gosto de saber”.

3.4. Elaboração de mais dois tópicos que cada aluno acha que falta no “gosto de saber”.

3.5. Correção oral das questões por alguns alunos escolhidos ao acaso.

4. Leitura e análise da segunda parte do texto “Natal nas Asas do Arco-íris”.

(<http://www.authorstream.com/Presentation/silviamelchior-291115-natal-nas-asas-arcoiris-1-education-ppt-powerpoint/>)

Antes da leitura

4.1. Continuação da discussão sobre a possível articulação entre uma cidade cinzenta e a poluição.

Durante a leitura

4.2. Leitura em voz alta pela professora estagiária.

4.3. Leitura em voz alta por alguns elementos da turma (selecionados aleatoriamente).

Depois da leitura

4.4. Resolução de algumas questões que se encontram no guião de trabalho.

Exemplo:

Quem era a Ariela?

Como era a fada Ariela?

O que é que as fadas iriam transmitir ao Pai Natal?

5. À descoberta da sílaba tónica e da sílaba átona.

Estratégias utilizadas:

- Bater as palmas para descobrir o número de sílabas que possui a palavra escolhida.
- Para descobrir a sílaba que se pronuncia com mais intensidade (sílaba tónica), “vai chamar-se” a palavra que foi escolhida.

5.1. Leitura dos enunciados da atividade por vários alunos escolhidos ao acaso.

5.2. Realização no quadro de outras palavras que não se encontram na atividade pela professora estagiária para ajudar a compreender este novo conteúdo.

5.3. Realização das questões individualmente.

5.4. Correção das questões no quadro por alguns alunos escolhidos ao acaso.

Atividade individual do aluno com NEE

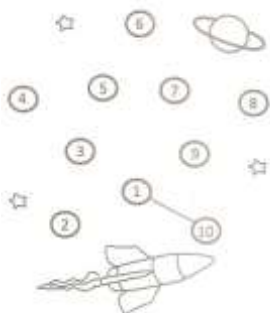
- ❖ Leitura e explicação do enunciado do problema pela professora estagiária.
- ❖ Resolução do problema.
- ❖ Correção do problema.

Realização de duas atividades:

A. Conta as bola que cada menino tem no seu saco e escreve na etiqueta o número que lhe corresponde.



B. Une os números pela ordem correta e descobre qual é o objeto formado



Guião de aula do dia 6 de dezembro:

Tema integrador: A importância do Sol e do ar puro.
Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade: milhar.
Elemento integrador: O elemento integrador do dia será o livro “Sim eu posso! Ajudar a salvar o Planeta” que se encontra ao pé do Ulisses e da Estrela. Tal como no dia anterior será o aluno que se portou melhor e teve melhor avaliação no guião que terá oportunidade de experimentar a aventura do dia na centrífugadora.
Recursos: Centrífugadora das aventuras; Estrela e Ulisses; Livro: <u>“Sim eu posso! Ajudar a salvar o Planeta”</u> , da autora Emma Brownjohn, da editora Alêtheia Editores; Manual de Matemática; Jogo ecológico que se encontra no livro em cima referido; Guiões.

Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem

1. A Estrela e o Ulisses querem saber se os alunos estiveram com atenção à última atividade que realizaram sobre a sílaba tónica e a sílaba átona.
 - 1.1. Leitura do enunciado da atividade por vários alunos escolhidos ao acaso.
 - 1.2. Realização das questões individualmente.
 - 1.3. Correção das questões no quadro por dois alunos escolhidos ao acaso.
2. A- “Davam abraços e soltavam gargalhadas”. Neste dia o Jerónimo e os seus pais deram 1253 abraços e gargalhadas. A que ordem pertence este número?
 - 2.1. Leitura do enunciado por um aluno escolhido ao acaso.
 - 2.2. Realização das atividades em grande grupo.
 - 2.3. Correção das questões no quadro pela professora estagiária.
2. B- Realização da atividade 1, 2, 3, 3.1 e 3.2 das páginas 48 e 49 do Manual de Matemática.
 - 2.4. Leitura dos enunciados por vários alunos escolhidos ao acaso.
 - 2.5. Realização das questões individualmente.
 - 2.6. Correção das questões no quadro por alguns alunos escolhidos aleatoriamente.
3. “Arrumação” de ideias sobre a importância do sol e do ar puro através do “jogo ecológico”.
 - 3.1. A professora estagiária forma cinco grupos com quatro elementos.
 - 3.2. Será entregue a cada grupo o material necessário para jogar.
 - 3.3. Explicação das regras do jogo.

Atividade individual do aluno com NEE

- ❖ Leitura e explicação do enunciado do problema pela professora estagiária.
- ❖ Resolução do problema.
- ❖ Correção do problema.

Realização de duas atividades:

A. *Liga cada jogo ao que lhe falta.*



B. *Assinala, com um , os teus brinquedos preferidos.*


Reflexão da 2ª Semana Individual

Relativamente à semana de 4 a 6 de dezembro, consideramos imprescindível referir que cumprimos o prazo de entrega da planificação.

Nesta semana, pensamos que tivemos um pouco mais à vontade e não sentíamos tanto medo de falhar como na semana anterior, porque começámos a acreditar mais em nós e nas nossas capacidades. O que também contribuiu para isso foi o tema “A importância do sol e do ar puro”, visto que é um tema em que nos sentimos mais à vontade em relação ao do sistema circulatório. Tudo isto contribuiu para que não tivéssemos tanta dificuldade em estruturar a nossa planificação.

Durante estes dias mantivemo-nos sempre com este pensamento, “temos de acreditar e motivar sempre os nossos alunos”. Na última semana individual tínhamos utilizado muito a palavra “castigo” e não queríamos voltar a cair no mesmo erro. Foi

uma estratégia que cumprimos durante a semana e foi muito gratificante termos conseguido ultrapassar este obstáculo. Para Altet (1997) “ A psicologia cognitiva vai ligar o conceito de aprendizagem ao do saber e situar a problemática da aprendizagem ao nível do funcionamento cognitivo e afetivo do aluno, mais do que ao dos seus produtos e resultados” (p.11).

Continuámos a dar importância à interligação das áreas de conteúdo como já tinha acontecido, visto que na nossa opinião é necessária haver coerências de ligação entre as áreas. Segundo Altet (1997) “ O professor tem então o papel de guia que faz aprender, ajuda o aluno no seu trabalho na aula e executa pedagogias que integram os processos de aprendizagem dos alunos” (p.10).

Perante o desenvolvimento da semana podemos inferir que conseguimos alcançar os objetivos pretendidos, sendo que no dia 6 não realizámos o jogo ecológico, devido ao facto de demorarmos mais do que esperado na área da matemática. Mas no nosso entender foi o mais sensato devido à dificuldade de alguns alunos em compreender o conteúdo de leitura e escrita de números. Entregámos o jogo ecológico à professora cooperante para que se na sexta-feira tivessem possibilidade de jogar e consolidar os conteúdos.

Um dos aspetos positivos da semana foi, no nosso entender, nunca termos tendência em avançar, sem estar compreendida corretamente a atividade anterior. Estivemos sempre muito concentradas nos seus olhares, visto que conseguíamos perceber quando alguma atividade não estava a correr tão bem. O outro foi a estratégia que utilizámos para que os alunos percebessem a sílaba tónica e a sílaba átona. Para que esse novo conteúdo fosse aprendido e adquirido, fizemos com que chamassem a palavra e levantassem a mão de acordo com a intensidade das sílabas, para que percebessem qual a sílaba que é dita com mais intensidade. Ao início riram-se, mas ao perceberem que a estratégia funcionava ficaram entusiasmados em resolver as atividades seguintes.

Durante a semana apercebemo-nos mais uma vez de que os materiais e recursos continuam a ser um apoio que facilita o decorrer das aulas e é fundamental para manter motivados os alunos e estimulados a querer aprender mais, dado que estavam sempre a pedir-nos para verem de novo o filme da poluição.

Relativamente ao aluno com NEE perante o seu perfil e as suas capacidades tentámos conceber atividades que estivessem ao seu alcance, que o motivassem e que o incluíssem na turma. Quem esteve a desenvolver as atividades com esse aluno foi o nosso par pedagógico. Para este aluno apesar das atividades serem planificadas, segundo o seu Programa Educativo Individual, as mesmas são adaptadas face ao rendimento do aluno no dia anterior. Durante a semana, o aluno mostrou um pouco de agressividade no seu comportamento, tentámos nunca dar importância, e desenvolver sempre a nossa atitude pelo reforço positivo e no nosso entender, podemos afirmar que voltou a resultar esta estratégia. Segundo Correia (2008) “O professor desempenha um papel importante na criação de ambientes educacionais positivos e enriquecedores. As suas atitudes influenciam imenso a inserção

harmoniosa dos alunos com NEE na classe regular, dado que, se elas não forem adequadas, os alunos sem NEE rapidamente ficam menos recetivos à aceitação dos colegas com NEE” (p.96).

Refletir sobre a semana de prática é um momento no qual pensamos que é fundamental porque recordamos os aspetos positivos, negativos e também os que temos de melhorar. Mas também refletir sempre quando finalizamos um dia também o é, pois pode permitir-nos melhorar algo para o dia seguinte.

Nas próximas semanas iremos tentar ser mais rigorosas com tudo o que envolva a prática, para que possamos melhorar enquanto pessoas e futuras “professoras”. Algo que vamos ter de continuar a trabalhar é a nossa autoconfiança, porque durante a semana compreendemos que houve alguns momentos durante as atividades que a nossa professora cooperante acreditava mais em nós do que nós próprias.

Capítulo II - Enquadramento Teórico

2.1. Introdução

No presente capítulo procuramos fazer uma breve reflexão da evolução histórica da Educação Especial em Portugal. Definiremos o conceito e classificação das Necessidades Educativas Especiais. Abordaremos a Inclusão numa perspetiva de Escola para Todos, e o papel do professor face à Inclusão. Por fim, analisaremos a Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental (DID).

2.2. Breve evolução histórica da Educação Especial em Portugal

A Educação Especial (EE) em Portugal teve um desenvolvimento semelhante ao dos outros países, acompanhando o percurso da evolução mundial.

Nas primeiras décadas do século XX as crianças com todo o tipo de deficiência, que por algum motivo não podiam ser colocadas na escola regular eram “despejadas” em classes especiais, asilos e institutos.

Nos anos setenta observou-se uma mudança de atitude, iniciando-se um movimento que levou à criação de associações de pais e médicos que organizaram estruturas educativas sem fins lucrativos e divididas por categorias de acordo com a deficiência da criança. Surgiram ainda novas iniciativas por parte do Ministério da Saúde e Assistência – Instituto de assistência a menores que iniciaram a criação de estabelecimentos por todo o país, a formação de docentes, a criação de serviços de intervenção precoce e de observação médico-pedagógica e posteriormente a criação de salas de apoio à integração que na década de setenta contaram com a colaboração do Ministério da Educação.

Criaram-se as Direções Gerais do Ensino Básico e do Ensino Secundário surgindo assim, a divisão do Ensino Especial com a publicação da Lei orgânica do Ministério da Educação (Decreto de Lei nº 45/73). Com o aparecimento destas duas divisões começaram a surgir professores especializados aparecendo pela primeira vez professores especializados na deficiência motora.

Esta reforma de 1973 proporcionou o princípio de experiências de integração no ensino regular que em conjunto com as mudanças que surgiram da revolução de abril de 1974 levaram à mudança da mentalidade na área da Educação Especial.

Mais tarde formaram-se as “Equipas de Ensino Especial Integrado” constituídas por educadores e professores, podendo também englobar outros técnicos como psicólogos e terapeutas. Estas equipas estavam organizadas por setores: visual, auditivo e motor e davam apoio a crianças que integravam as turmas do ensino regular.

Segundo Correia (1999) estas equipas tinham o objetivo de “promover a integração familiar, social e escolar das crianças e jovens com deficiência” (p.26).

A Constituição da República Portuguesa de 1976 estabelece os direitos e deveres dos deficientes e as obrigações do Estado para com eles, assim como o direito ao ensino e à igualdade de oportunidades para todos os cidadãos nos seguintes artigos:

Artigos 71º:

1. “ Os cidadãos física ou mentalmente deficientes gozam plenamente dos direitos e estão sujeitos aos deveres consignados na Constituição, com ressalva do exercício ou do cumprimento daqueles para os quais se encontrem incapacitados”.

2. “ O estado obriga-se a realizar uma política nacional de prevenção e tratamento, reabilitação e integração dos deficientes, a desenvolver uma Pedagogia que sensibilize a sociedade quanto aos deveres de respeito e solidariedade para com eles e a assumir o encargo da efetiva realização dos seus direitos, sem prejuízo dos direitos dos pais ou tutores”

Artigo 73º:

“ O ensino básico será universalmente obrigatório e gratuito”;

Artigo 74º:

“ todos os cidadãos terão direito ao ensino e ao acesso aos seus graus mais elevados; e cada cidadão deverá ter direito à educação e cultura com direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar.”

Ao longo dos anos, foi-se dando respostas às necessidades das crianças com NEE, respostas essas, que se focavam na deficiência, que estava na sua sala de aula regular, não havendo modificações na organização ou no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Nos anos oitenta, Portugal juntou-se ao Programa Mundial de Ação relativo às Pessoas Deficientes (adaptado pela resolução 37/52 de 3 de dezembro de 1982, Assembleia Geral das Nações Unidas, durante a 37ª sessão) e à Carta para os anos oitenta (proclamada pela Reabilitation International de 1981, Assembleia Geral das Nações Unidas).

Então, a 14 de outubro de 1986 surge a publicação da “ Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86) que identifica as metas para a educação constituindo um facto marcante na Educação Especial, uma vez que levou à criação de condições de enquadramento das políticas integradoras.

Esta Lei que foi claramente influenciada pela Public Law (94-142), publicada em 1975 nos Estados Unidos da América e pelo Warnock Report publicado no Reino Unido em 1978, faz várias referências importantes, sobressaindo os artigos 2º, 17º e 18º:

- “ Todos os portugueses têm direito à educação e à cultura, nos termos da Constituição da República”. (artigo 2º)
- “ A educação especial visa a recuperação e integração socioeducativas dos indivíduos com necessidades educativas específicas devidas a deficiências físicas e mentais.” (artigo 17º)
- “ A escolaridade Básica para crianças e jovens deficientes deve ter currículos e programas devidamente adaptados às características de cada tipo e grau de deficiência, assim como formas de avaliação adequadas às dificuldades específicas.” (artigo 18º)

Às equipas de ensino especial, já existentes, juntaram-se outros serviços de apoio que nem sempre estavam relacionados com os serviços existente. O Decreto de Lei nº 35/88 publicado no Diário da República a 4 de fevereiro, permitiu a criação de vários lugares docentes pertencentes ao quadro de cada escola para facilitar o apoio a alunos com deficiências ou dificuldades na aprendizagem. No entanto, este apoio, que não pretendia desintegrar os alunos da sua turma, mas sim criar equipas de docentes que se deveriam organizar de maneira a garantir um atendimento mais individual aos alunos com maior carência (artigo 4º), não teve muito sucesso pois levantaram-se vários problemas de descoordenação entre serviços com funções idênticas.

No seguimento da publicação da Lei 46/86 apareceram vários documentos que destacaram algumas medidas de ação junto das crianças com NEE, sendo os mais importantes o Decreto de Lei 35/90 de 25 de janeiro e o Decreto de Lei nº 319/91 de 23 de agosto.

No Decreto de Lei nº 35/90 o artigo 2º estabelece que: “ os alunos com Necessidades Educativas Específicas resultantes de deficiências físicas ou mentais estão sujeitos ao cumprimento da escolaridade obrigatória, não podendo ser isentos da sua frequência”, reforçando assim o direito que os alunos com NEE têm de frequentar o Ensino regular.

O Decreto de Lei nº 319/ 91 vem implementar e concretizar a legislação sobre a integração das crianças com NEE, tendo estado em vigor até Janeiro de 2008. Este Decreto de Lei tem uma filosofia de “ Escola para todos” tentando dar resposta a três dos direitos da criança:

- “ O direito à educação (inmaleável para todos os alunos mesmo que apresentem necessidades educativas muito graves);
- O direito à igualdade de oportunidades (que significa na prática que os alunos devem ser tratados de forma diferente);
- O direito de participar na sociedade (que assegura que o aluno com deficiência tem direito a partilhar os equipamentos, serviços e oportunidades da sua comunidade) “.

Veio, assim, introduzir várias inovações ao Sistema Educativo Português. “ A crescente responsabilização da escola do regular pelos problemas dos alunos com deficiência ou dificuldades de aprendizagem; a abertura da escola a alunos com NEE numa perspetiva de escola para todos”. (Decreto de Lei nº 319/91)

Este Decreto de Lei introduziu o Conceito de Necessidades Educativas Especiais, que substituiu as categorias anteriores, pôs de lado a classificação dos alunos com base nas decisões médicas e baseou-se no princípio de que a educação se deve processar num meio alargado.

Mais tarde foram publicados outros diplomas:

- ✓ Despacho nº 173/ME/91, que regula as condições e procedimentos necessários para aplicar o Decreto de Lei nº 319/91;
- ✓ Despacho nº 98 A/92 que regula o sistema de avaliação;
- ✓ Portaria nº 611/ME/93 de modo a poder-se aplicar o Decreto de Lei nº 319/91 aos jardins-de-infância.

Esta legislação foi importante para a evolução da integração escolar, uma vez que veio definir o papel a desempenhar pelos órgãos de direção, administração e gestão, pelo professor do ensino regular, pelo professor de Educação especial, pelos Serviço de Psicologia e Orientação (SPO) e pelos encarregados de educação. Veio ainda criar programas específicos de acordo com a necessidade de cada aluno através da elaboração do Plano Educativo Individual (PEI) e do Programa Educativo (PE). Também garantiu a possibilidade de alunos com problemas do foro intelectual, que não conseguiam acompanhar o programa normal, poderem continuar no ensino regular com a criação de currículos alternativos.

Em 1 de setembro de 1997 surgiu o despacho conjunto nº 105/97, a “Escola para todos” que tentou criar condições que facilitavam a diversificação de práticas pedagógicas e uma maior eficácia na gestão dos recursos especializados disponíveis de modo a melhorar a intervenção educativa. Este despacho tentou introduzir uma significativa mudança no modelo de ensino das crianças com NEE, sendo por isso considerado um marco na história dos Apoios Educativos.

A 18 de janeiro de 2001 entrou em vigor o Decreto de Lei nº 6/2001 que apresentava pela primeira vez o conceito de Necessidades Educativas Especiais de Carácter Permanente (NEECP) que assentava em três princípios: a diferenciação pedagógica, a adequação de estratégias diversificadas e a flexibilização do percurso de cada aluno.

Em 7 de janeiro de 2008 surgiu um novo Decreto de Lei (Decreto de Lei nº 3/2008), que veio substituir o Decreto de Lei nº 319/91, onde se definiam os apoios especializados para alunos com NEECP.

Este Decreto de Lei trouxe alterações significativas ao limitar a Educação Especial a alunos com graves limitações funcionais e estruturais, tais como os alunos surdos, cegos ou com baixa visão, autistas, multideficientes e com surdo cegueira

congénita (artigo 4º). Outra alteração importante foi a introdução da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) para determinar a escolha do aluno com NEE para os serviços de Educação Especial, remetendo para as escolas as respostas adequadas e sem qualquer incremento dos seus recursos humanos, técnicos e financeiros.

O Decreto de Lei 3/2008 define os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básicos. Tem como objetivos da Educação Especial: a inclusão educativa e social; o acesso e o sucesso educativo; a autonomia; a estabilidade emocional; a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida pós-escolar ou profissional; bem como a promoção da igualdade de oportunidades.

O mesmo Decreto de Lei visa a criação de condições para a adequação do processo educativo às NEE dos alunos com deficiências e incapacidades e aplica-se aos ensinos público, particular, cooperativo e solidário.

Estabelece como medidas educativas de Educação Especial:

- ▶ Apoio pedagógico personalizado;
- ▶ Adequações curriculares individuais;
- ▶ Adequações no processo de matrícula;
- ▶ Adequações no processo de avaliação;
- ▶ Currículo específico individual;
- ▶ Tecnologias de apoio;
- ▶ O Programa Educativo Individual (PEI).

O PEI fixa e fundamenta os apoios especializados e as formas de avaliação.

Com o Decreto de Lei 281/2009 cria-se o Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI) que tem como objetivo garantir condições de desenvolvimento às crianças até seis anos com dificuldades ou limitações. Quanto mais precocemente forem acionadas as intervenções e as políticas que afetam o crescimento e o desenvolvimento das capacidades humanas, mais capazes se tornam as pessoas de participar autonomamente na vida social e mais longe se pode ir na correção das limitações funcionais de origem.

Este mesmo decreto considera:

- **“Intervenção Precoce na Infância (IPI)** - o conjunto de medidas de apoio integrado centrado na criança e na família, incluindo ações de natureza preventiva e reabilitativa, designadamente no âmbito da educação, da saúde e da ação social”.
- **“Risco de alterações ou alterações nas funções e estruturas do corpo** – qualquer risco de alteração, ou alteração, que limite o normal desenvolvimento da criança e a sua participação, tendo em conta os referenciais de desenvolvimento próprios, consoante a idade e o contexto social”.

- **“Risco grave de atraso de desenvolvimento** – a verificação de condições biológicas, psicoafectivas ou ambientais, que implicam uma alta probabilidade de atraso relevante no desenvolvimento da criança”.

Relativamente à estrutura e funcionamento compete às equipas locais de Intervenção:

- Identificar as crianças e famílias imediatamente elegíveis para o SNIPI;
- Assegurar a vigilância às crianças e famílias que, requerem avaliação periódica, devido à natureza dos seus fatores de risco e probabilidade de evolução;
- Encaminhar crianças e famílias não elegíveis, mas carenciadas de apoio social;
- Elaborar e executar o Plano Individual de Intervenção Precoce (PIIP) em função do diagnóstico da situação;
- Identificar necessidades e recursos das comunidades da sua área de intervenção, dinamizando redes formais e informais de apoio social;
- Articular (sempre que necessário) com as comissões de proteção de crianças e jovens e com os núcleos da ação de saúde de crianças e jovens em risco;
- Assegurar, para cada criança, processos de transição adequados para outros programas, serviços ou contextos educativos;
- Articular com os docentes das creches e jardins-de-infância em que se encontrem colocadas as crianças em IPI.

2.3. Conceito e classificação das Necessidades Educativas Especiais

O conceito de Necessidades Educativas Especiais (NEE) foi introduzido em 1978 pelo relatório “Warnock Report” que foi apresentado no Parlamento do Reino Unido. No Parlamento propõe-se a substituição do termo deficiente pelo de Necessidades Educativas Especiais e a expansão da rede de Educação Especial (Correia, 1997).

O termo NEE dá resposta ao princípio da democratização progressiva das sociedades em tudo o que é referente à não discriminação por motivos de raça, religião, opinião, características física e intelectuais de todas as crianças com idade escolar. Deste modo, o conceito de NEE é resultado de uma evolução histórica e política e, simultaneamente, do progresso da compreensão e visão da sociedade que nos tem levado a definir diversos temas como a segregação, a integração, a igualdade de oportunidades e, atualmente a inclusão (Conselho Nacional de Educação, 1999, citado por Alves, 2011).

Ter NEE é precisar de um programa educativo adicional com diferenças do que é geralmente aplicado no ensino regular (Sanches, 1995).

Para Marchesi e Martin (1990), citado por Correia (1999) defende que os alunos com NEE “são os que apresentam um problema de aprendizagem durante o seu percurso escolar, que exigem uma atenção específica e uma gama de recursos educativos diferentes daqueles necessários para os seus companheiros da mesma idade” (p.19).

Em Portugal a Lei nº46/86 de 14 de outubro de 1986/Assembleia da república define a lei de bases do sistema educativo português, que vem estabelecer as grandes metas para a educação e para a Educação Especial.

De acordo com o Decreto de Lei 319/91 do Ministério de Educação foi introduzido o conceito de “Necessidades Educativas Especiais”, baseado em critérios pedagógicos, que aumenta a responsabilidade da escola regular, e de todos os seus profissionais nas suas tomadas de decisões. Este Decreto reforça ainda o papel dos pais em todo o processo de desenvolvimento educativo, quer seja na realização dos programas educativos, quer seja na sua avaliação.

Este Decreto de Lei tinha princípios inovadores na legislação portuguesa procedentes da evolução de conceitos resultantes do desenvolvimento de experiências de integração: introduz o conceito de NEE; reconhece os problemas das crianças, devendo ser encarados no ponto de vista educativo; privilegia a integração da criança com NEE na escola regular, responsabilizando a escola de respostas adequadas – Escola para Todos (Correia, 1999).

A partir deste Decreto de Lei começa-se a verificar uma evolução na saída de outros Decretos que veem fomentar e definir os princípios básicos e os objetivos da educação especial (Decreto de Lei 3/2008). Também esta atitude de uma escola para todos foi uma referência na Declaração de Salamanca, aprovada em junho de 1994 por representantes de noventa e dois governos onde Portugal participou.

Esta Declaração proclamou que cada criança tem o direito fundamental à educação, que cada uma tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagens diferentes. As crianças e os jovens com NEE devem ter acesso às escolas regulares, cada escola deve ter uma pedagogia centrada na criança e que seja capaz de ir ao encontro dessas necessidades (Declaração de Salamanca, 1994).

Segundo Mesquita (2002) “a educação das crianças com necessidades educativas especiais foi, durante muitos anos caracterizada por práticas segregativas, tradicionais relacionadas em escolas ou centro de ensino especial, cujas origens se encontram nas raízes históricas da educação especial” (p.105). Ainda segundo o mesmo autor (2002):

O papel e a importância da intervenção do estado português na educação destas crianças, bem como da legislação portuguesa deverão ser analisados para uma melhor compreensão do que é hoje a política educativa em necessidades educativas especiais, de forma a responder

à integração/inclusão destas crianças nas escolas do ensino regular (p.105).

Mesquita (2004) refere que “com a publicação do relatório da comissão de inquérito sobre educação de crianças deficientes, começa-se a divulgar, enquanto termo alternativo a «criança deficiente», a expressão «crianças com necessidades educativas especiais», deixando, assim, de se rotularem estas crianças/jovens” (p.97).

A integração escolar é entendida por muitos autores como uma mudança, uma inovação que está a ser implementada pelos diversos sistemas educativos em vários países. No entanto, existem outros autores que dizem que a integração escolar é uma renovação pedagógica, onde o professor tem um papel fundamental em todo o processo, em virtude de ser o principal responsável pela integração escolar das crianças com necessidades educativas especiais (Mesquita, 2005).

Segundo Santos (2010)

...a inclusão e a participação efetiva de todas as crianças nas escolas devem ser fruto da ação conjunta de professores, encarregados de educação e de todas as estruturas que consubstanciam o sistema educativa. A intervenção consiste num conjunto de procedimentos para alterar alguma coisa na pessoa e isto é possível através de estratégias, atuando ao nível da área sensível de aprendizagem e pela individualização (p.7).

Devemos ter a consciência que a problemática das necessidades educativas especiais é uma realidade e só com o aperfeiçoamento e a intervenção metodológica, pedagógica e sistematização de conteúdos envolvendo todos os atores ativos, esta caminhada pode vir a ter sucesso com vista à efetiva inclusão e integração, das crianças com necessidades educativas especiais na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico.

Segundo Brennan (1988) citado por Correia (1997, p.48) NEE é um conceito mais pedagógico e significa:

... há uma necessidade educativa especial, quando o problema (físico, sensorial, intelectual, emocional, social ou qualquer combinações destas problemáticas) afeta a aprendizagem ao ponto de serem necessários acessos especiais ao currículo, ao currículo especial ou modificado, ou a condições de aprendizagem especialmente adaptadas para que o aluno possa receber uma educação apropriada. Tal necessidade educativa pode classificar-se de ligeira a severa e pode ser permanente ou manifestar-se durante uma fase do desenvolvimento do aluno (p.48).

De acordo com Correia (2008), é a partir da necessidade de se realizarem adaptações curriculares que ocorre a sistematização de alunos com NEE em dois grandes grupos, as NEE Significativas (ou Permanentes) e as NEE Ligeiras (ou Temporárias), cada um deles com categorias específicas.

O mesmo autor refere que as NEE Significativas (ou Permanentes) ocorrem durante grande parte ou até durante todo o percurso escolar, sendo necessário fazer adaptações generalizadas do plano curricular e adaptá-lo às características de cada aluno.

As crianças com NEE Significativas (ou Permanentes) são crianças cujas alterações significativas no seu desenvolvimento foram provocadas, essencialmente, por problemas orgânicos, funcionais, e também por graves défices socioculturais e económicos. As NEE permanentes abrangem, assim problemas do foro sensorial, intelectual, processológico, físico, emocional assim como outros problemas relacionados com o desenvolvimento e com a saúde do indivíduo. (Correia,2008)

Existem vários tipos de desordens nas NEE Permanentes ou Significativas (Correia 2008, p. 47):

- De carácter intelectual: deficiência mental / problemas intelectuais (generalizados)
- De carácter sensorial: cegos, ambliopes/visão reduzida, surdos e hipoacústicos
- De carácter motor: paralisia cerebral, spina bífida, distrofia muscular, outros problemas motores.
- De carácter desenvolvimental: perturbações do espectro do autismo
- De carácter emocional: psicoses, outros comportamentos graves
- De carácter processológico: dificuldades de aprendizagem específicas.
- Outros problemas de saúde: desordem por défice de atenção/hiperatividade, sida, cancro, diabetes, asma, hemofilia, problemas cardiovasculares, epilepsia, etc.
- Traumatismo craniano.

Para Correia (2008) as NEE Ligeiras (ou Temporárias) ocorrem em determinado período do percurso escolar do aluno, sendo necessário fazer uma modificação parcial do seu currículo escolar e adaptá-lo às suas características. Manifestam-se como “problemas ligeiros relacionados com a leitura, escrita ou cálculo ou como problemas ligeiros, atrasos ou perturbações menos graves ao nível do desenvolvimento motor, perceptivo, linguístico ou sócio emocional” (p.48).

Bairrão (1998) citado por Branco (2014) refere que “este é o grande grupo que aflige a escola e a que esta responde com medidas de educação especial; no entanto, estes casos relevam, sobretudo, uma educação de qualidade e diversificada e não de educação especial” (p.29).

2.4. Inclusão - Uma Escola para Todos

“Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças.” (Mantoan,2003)

Apesar de podermos definir inclusão de diversas maneiras, não é nada simples fazê-lo conforme admitem vários autores como Schwartz, Sandall, Odom, Horn & Beckman (2002); Guralnick (2001); Odom, Horn, Marquart, Hanson, Wolfberg, Beckman (1999), entre outros, e que mais tarde foram citados em Colôa (2009).

Para Booth e Ainscow (2002, p.8) a inclusão envolve grandes mudanças, e trata-se de um processo contínuo do desenvolvimento da aprendizagem e da participação de todos os alunos. Estes autores defendem que a inclusão em educação deve:

- Valorizar, de igual modo, todos os alunos e pessoal
- Reduzir a exclusão dos alunos das culturas, currículos e comunidades das escolas locais e aumentar a sua participação
- Reorganizar as políticas, culturas e práticas nas escolas, de maneira a que estas possam responder à diversidade dos alunos
- Diminuir os obstáculos à aprendizagem e à participação de todos os alunos, e não apenas aos que têm deficiências ou que são catalogados como tendo NEE
- Considerar as diferenças entre os alunos como meios de apoio à aprendizagem em vez de as considerar como barreiras e problemas a resolver
- Desenvolver as escolas considerando tanto os seus profissionais como os alunos
- Incentivar as relações mútuas entre as escolas e a comunidade
- Perceber que a inclusão na educação leva à inclusão na sociedade.

Todos estes aspetos são possíveis de alcançar, mas apenas com o esforço e a boa vontade de todos os intervenientes.

Os mesmos autores referem ainda que uma escola inclusiva é toda a escola que está em movimento.

Uma escola inclusiva é aquela onde todas as crianças são respeitadas, motivadas e encorajadas a aprender.

Niza (1996) salienta que:

Escola inclusiva consiste em que todos os alunos devem aprender juntos independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a

garantir um bom nível de educação para todos através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma boa cooperação com as respetivas comunidades.... (p.147).

Segundo Duarte (2005), citado por Correia (2002) “uma escola inclusiva é, assim, uma escola onde toda a criança é respeitada e encorajada a aprender até ao limite das suas capacidades” (p.51).

Para Rodrigues (2006) “A educação inclusiva pressupõe uma plena estrutura em que os valores e práticas são delineados tendo em conta todas as características, interesses, objetivos e direitos de todos os participantes no ato educativo” (p.77).

A declaração de Salamanca (Unesco, 1994) chama a atenção para o conceito de escola inclusiva como sendo o local onde todos os alunos aprendem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e diferenças que apresentam.

Para o conceito de escola inclusiva é preciso também adaptar o próprio edifício e espaço envolvente, recorrendo ao conceito de “design inclusivo” e à sua metodologia projectual.

Segundo Cotrim e Lorena (2008) uma das estratégias da metodologia projectual é que:

... design inclusivo que pode definir-se como o processo de que resultam produtos e ambientes que podem ser usados por todos, independentemente da idade, género ou deficiência, de que podem enunciar os seguintes princípios: As pessoas estão no centro da atividade de projeto; Oferece oportunidades de escolha quando uma solução não é adequada para todos os utilizadores; Prevê flexibilidade no uso; Providencia edifícios e ambientes que são adequados e agradáveis ao uso por todos (p.9).

O Design inclusivo é a designação de várias abordagens, metodologias e práticas de projetar que tem como objetivo evitar a exclusão.

Segundo a Declaração de Salamanca (1994)

... as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem incluir as crianças deficientes ou sobredotadas, as crianças de rua, e as que trabalham, as de populações nómadas ou remotas; as de minorias étnicas e linguísticas e as que pertencem a áreas ou grupos desfavorecidos ou marginalizados (p.11).

2.5. O papel do professor face à Inclusão

Os educadores/professores desempenham um papel fundamental no processo de inclusão dos alunos com NEE. A criança com NEE é parte integrante da escola, deve ser aceite e apoiada pelos seus professores, mas também pelos seus colegas, como qualquer outra criança. Por essa razão, a diversidade é valorizada, tendo como suporte sentimentos de partilha, participação e amizade (Correia, 2003).

Para Correia (2008) “O professor deve ainda ser um modelo para os alunos, proporcionando-lhes um ambiente acolhedor, que suscite o aumento das interações entre alunos sem NEE e alunos com NEE, fomentando entre eles sentimentos de amizade e de valorização da diferença.” (p.96).

Os alunos com NEE só estão realmente incluídos na classe regular se forem estimados academicamente pelo professor e admitidos socialmente pelos colegas. Deste modo é de grande importância que o professor faça um acolhimento adequado às crianças com NEE, desenvolvendo um ambiente amigável entre todos os alunos e os sensibilize para a realidade da inclusão. O papel do professor também é muito importante no processo de identificação das NEE de cada aluno, assim como no processo de ensino/aprendizagem do aluno. Este processo deve ser muito bem analisado, utilizando metas curriculares adequadas e recorrendo a estratégias e materiais de apoio apropriados (Correia, 2008).

Apesar de o aluno ser o centro do processo educativo e de se elaborar um determinado plano curricular com base nas suas necessidades, nos seus interesses e no que é mais pertinente para o seu desenvolvimento equilibrado, não podemos esquecer o papel do professor na realização deste plano. Deve, por isso, realçar-se a necessidade de formar docentes na área de Educação Especial (Denari, 2006).

Tendo em consideração o contexto familiar dos dias de hoje, em que ambos os pais trabalham fora de casa e muitas vezes a distâncias significativas, o professor é cada vez mais uma peça-chave no processo de formação dos seus alunos. As crianças, na atualidade, passam a maior parte do dia nos jardins-de-infância ou nas escolas e parte da educação que outrora era feita na totalidade pelos pais pertence agora aos professores.

De acordo com Correia (2003), uma escola verdadeiramente inclusiva revela um laço entre todos os seus elementos, entre professores e também professores e alunos, entre alunos e os seus pais, envolvendo toda comunidade escolar.

Os professores titulares/diretores de turma devem informar todos os estudantes acerca de dados pertinentes e úteis sobre as NEE, de maneira a promover um melhor entendimento das mesmas. Para isso devem utilizar abordagens que o permitam e por consequência devem implementar estratégias de modo a que as crianças possam aprender em conjunto, fazendo trabalhos a pares ou em grupo, de

maneira a cimentar a parceria e inclusão social. Deste modo o aluno com NEE, irá sentir-se incluído na turma, na escola e na sociedade (Correia, 2003).

Segundo Gomes, Fernandes, Batista, Salustiano, Mantoan & Figueiredo (2007), o Professor titular da turma só consegue trabalhar no sentido da escola inclusiva se tiver o apoio da direção escolar, assim como de especialistas que enveredem por uma via de gestão da escola de um modo “participativo e descentralizado”. Os mesmos autores também referem que apesar do professor tentar colocar em prática, no interior da sua sala de aula, determinadas ideias inovadoras, nem sempre o consegue, pois por vezes não tem o apoio dos outros elementos da escola, visto que não segue os métodos habituais da mesma. Deste modo evidenciam que quando se tem métodos de ensino alternativos, o facto de se experimentar coisas novas na escola irá permitir a todos os alunos, e principalmente aos que possuem Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental (DID) valorizar as suas capacidades e respeitar as suas limitações.

De acordo com Selau (2010), para um professor ter sucesso num sistema educacional que apoia o conceito de escola inclusiva, necessita de condições de trabalho, formação contínua e muito apoio da escola. Além disso a afetividade é muito importante, pelo que o professor também deve ser amigo e companheiro dos seus alunos. Hoje em dia o professor não pode estar na sala de aula apenas para ensinar, não pode chegar e “despejar “ apenas os seus conhecimentos.

De acordo com Sanches (2003) citado por Rebelo (2011), para enfrentar a grande diversidade de situações numa sala de aulas o professor,

...tem de estar disponível para enfrentar imprevistos porque cada situação demanda, uma resposta diferente devendo ser capaz de controlar a ansiedade e não elevar as expectativas; consciencializar-se que a escola para além de instruir também tem um papel socializante, papel esse, que para os alunos com necessidades educativas especiais é talvez o mais importante, relacionar-se positivamente com os alunos problemáticos mesmo que tenha de abdicar de alguns idealismos; conquistar, quotidianamente, a sua autoridade; estabelecer objetivos para cada aluno tendo em conta os saberes já adquiridos; e avaliar os alunos de acordo com as aquisições e progressos dos mesmos (p.20).

Na verdade, lidar com as diferenças ou com a diversidade das necessidades dos alunos dentro de uma sala de aulas é um dos maiores desafios do professor.

2.6. Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental

De acordo de Luckasson et al (2002), estabelece-se um novo conceito da até então designada Deficiência Mental (DM), passando a ser vista como um funcionamento geral baixo da média, onde as limitações do funcionamento intelectual

se interpelam com as limitações adaptativas. De forma a completar este conceito, Almeida (2004) citado por Ribeiro (2009) aponta que estas dificuldades deveriam aparecer ao mesmo tempo com as limitações associadas a pelo menos duas áreas de comportamento adaptativo ou associadas à capacidade do indivíduo em resposta aos requisitos da sociedade.

Cunha e Costa (2007) referem que a nova definição não dá relevância somente o Quociente de Inteligência (QI), considerando igualmente a funcionalidade do indivíduo perante o contexto que o envolve.

Para Santos (2010), esta definição torna-se mais operante porque envolve o impacto que o meio detém no desenvolvimento do indivíduo. Para esta autora, a definição de DID menciona o conceito de “comportamento adaptativo”, não visando apenas os níveis de deficiência como uma perspectiva de relação constante e estável com o comportamento adaptativo, com a intenção de modificar os métodos de avaliação e proceder à classificação do indivíduo com deficiência. Alonso e Bermejo (2001) sublinham esta opinião, ao afirmarem que a introdução do comportamento adaptativo neste conceito possibilitou a mudança de paradigma, visto ter trazido novas variáveis no momento de avaliação.

Schalock et al (2007) reforçam que o conceito antiquado “mental retardation” destacava implicações de limitações no funcionamento individual num contexto social, era uma desvantagem para o indivíduo, enquanto o conceito “intellectual disability” tem como objetivo a intervenção do indivíduo uma interação entre o mesmo e o meio envolvente, visto poder ser útil na sua funcionalidade do dia a dia.

Investigações mais recentes em Portugal apontam para uma nova proposta de renomeação e reformulação da condição em questão (Morato e Santos, 2007). O termo intelectual parece não suscitar discordância, sendo adaptado por outras nomenclaturas recentes, como Deficiência Intelectual e Dificuldade Intelectual. Estes autores acrescentam que este novo termo é o mais correto, pois refere-se a um conjunto de fatores implícitos ao funcionamento da inteligência e avaliados pelos vários instrumentos de avaliação.

No decorrer desta nova definição, as avaliações devem respeitar: a influência do envolvimento, a diversidade linguística-cultural, a existência de limitações nas habilidades adaptativas, a coexistência de áreas fortes e fracas e as melhorias no funcionamento dos indivíduos (Luckasson et al, 2002; Schalock et al, 2007; Schalock et al, 2010).

Também este conceito é sublinhado por Ribeiro (2008), ao abordá-lo como uma perspectiva multidisciplinar, multifatorial e intergeracional. Segundo Cunha e Costa (2007), as mudanças operadas ao nível das conceções sobre a DID, levaram a uma perspectiva multidimensional, em que se foca em conferir uma maior importância ao comportamento adaptativo e ao apoio individualizado em cada caso.

Assim, os indivíduos com DID são traçados não pelas características intrínsecas mas pelos apoios que necessitam para superar as suas dificuldades. No que diz respeito ao diagnóstico, este deverá ser feito o mais cedo possível, bem como concentrar esforços de atenção para o meio familiar (Santos e Morato, 2002).

Segundo Ribeiro (2008), uma criança é fruto de várias combinações, não só genéticas mas do ambiente que a envolve. O seu comportamento deriva, então, de fatores intrínsecos e extrínsecos. Desta forma, torna-se fácil perceber que as crianças com DID não constituem um grupo homogéneo.

2.6.1. Caracterização da Dificuldade Intelectual e Desenvolvidamental

Segundo Santos (2010), a ideia de um indivíduo com DID baseia-se na apresentação de dificuldades ao nível da atenção, concentração e memorização. São indivíduos que não lidam bem com a frustração e apresentam pouca motivação. Também podem possuir vocabulário reduzido e desadequado. Também o seu envolvimento com o outro, em termos sociais, é difícil de se estabelecer.

No entanto, e no que diz respeito à conduta de autorrepresentação e autodeterminação, um indivíduo com DID não consegue ter visão de futuro bem como gerir os seus comportamentos, assim como gerir conexões entre situações. Desta forma, um indivíduo com DID mostra restrições ao nível do funcionamento intelectual na lógica de transferência de afetos, défice de memória, dificuldades de dar sentido aos acontecimentos e atividades (Queirós, 2007).

Para Barbosa (2007), um indivíduo com DID caracteriza-se por demonstrar dificuldades na adaptação emocional e social, problemas com o vocabulário, capacidade de reação lenta, atenção reduzida, limitações em generalizar e particularizar e com pouca originalidade.

Segundo Alonso e Bermejo (2001), as limitações no desenvolvimento e na aprendizagem geram dificuldades na compreensão do comportamento social, ou seja, na descodificação de sinais de comportamentos dos outros, em colocar-se no papel de outra pessoa e limitações em comunicar os seus sentimentos e pensamentos.

Ao referir-se apenas ao processo de ensino-aprendizagem, Brown (1989) citado por Santos (2010), refere que os indivíduos com DID adquirem menos competências, também demonstram muitas dificuldades em sintetizar atividades mais complicadas que requerem muitos enunciados.

A DID pode ter várias causas, sendo elas genéticas, perinatais e pós-natais, podendo acontecer por situações que impossibilitem o desenvolvimento cerebral, antes do parto, durante o nascimento ou após o nascimento (Almeida, 2007).

Segundo Ribeiro (2008), dever-se-á ter em conta algumas causas no processo de classificação como fatores biomédicos, fatores sociais, fatores comportamentais e fatores educacionais.

Para Alonso e Bermejo (2001), a classificação de DID convém avaliar a diversidade cultural e linguística transmitida em aspetos comunicativos e comportamentais.

Thompson et al (2004) afirmam que a classificação de indivíduos com DID deve basear-se no tipo de apoios que necessitam para ultrapassar as suas dificuldades e não nas suas características intrínsecas. Estes indivíduos passam também a ser classificados de acordo com as necessidades de apoio: apoios intermitentes, limitados, extensivos e permanentes.

Entende-se que o atendimento de um aluno com DID não deverá ser visto apenas do ponto clínico, como também nas capacidades e necessidades educacionais dos alunos e não nos défices que possuem (Ribeiro, 2008).

A classificação de DID é fulcral para garantir serviços e apoios, planificar e estruturar programas de intervenção, criar novas legislações (Alonso e Bermejo, 2001).

2.6.2. Comportamento Adaptativo

Hatton (2003) citado por Cunha e Costa (2007) designam Comportamento Adaptativo (CA) como o constructo desenvolvimental que descreve a forma como o indivíduo responde às exigências ambientais face a várias situações. No entanto, convém não esquecer, uma vez mais, a importância dada ao meio, pelas relações interpessoais e pelos papéis diversos em todo o procedimento de desenvolvimento humano (McConhacie, 1995, citado por Santos e Morato, 2002).

Santos (2007) refere que o comportamento adaptativo é definido como habilidades adquiridas ou aprendidas pelo indivíduo para corresponder às expectativas socioculturais.

Este conceito abarca três domínios: o funcionamento independente; responsabilidade pessoal e responsabilidade social (Lambert, Nihira e Leland, 1993 citado por Santos e Morato 2002).

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo, o sistema deve responder às “necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos...” (ponto 4, artigo 2.).

Nas escolas, os professores e os assistentes operacionais têm como papel, construir nos alunos com NEE capacidades de funcionalidade, de autonomia e de

autoestima para se tornarem adultos com aptidões para serem integrados na sociedade.

2.6.3. Avaliação e Intervenção

Segundo Ribeiro (2008), nem sempre existiu a necessidade de se aplicarem métodos de intervenção e diagnóstico aos indivíduos com DID. Muitos são os psicólogos e pedopsiquiatras que utilizam apenas testes de inteligência para realizar a avaliação. A crítica que se elabora é no sentido destes serem demasiado generalistas, subjetivos e, por vezes, ambíguos. Então, torna-se necessário realizar avaliações em torno de todas as áreas do comportamento humano para aferir conclusões pertinentes. Convém tirar o maior número de informação possível (Belo et al. 2008), baseando-se em informações, entrevistas e até mesmo observação direta.

Para Santos (2010) a avaliação de crianças com DID, deverá ser elaborada com base numa lista com as habilidades e atividades que se consideram ser as mais importantes e significativas para o indivíduo.

Lilja (2005) refere que é necessário promover atividades que possam desenvolver o pensamento criativo e a autonomia. Também ao nível da linguagem é habitual as dificuldades com a pronúncia e a articulação das palavras, bem como uma possível gaguez e ainda, segundo a mesma autora, verificam-se perturbações psicomotoras, que se manifestam na perceção corporal e no desenvolvimento psicológico, cognitivo e social, pelo que é necessário intervir nestas áreas.

Santos (2010) afirma que é fundamental a recolha de informação diversa sobre o indivíduo, que se pode definir como as áreas fortes para o plano de intervenção transdisciplinar onde todos os técnicos de educação, clínicos e terapêuticos possam intervir. Desta forma, a intervenção cada vez mais cedo assume um papel fundamental, contribuindo para um melhor estímulo de competências. A intervenção deve, então, ser adequada, pertinente e tendo em conta as diferentes respostas. O professor desempenha uma posição fundamental no processo de intervenção educativa não só com crianças com DID como no público em geral. O ensino deve, cada vez mais, ser personalizado e individual.

Para Cunha e Costa (2007), a educação escolar deve proporcionar a preparação para a vida em sociedade, sendo esta visível no artigo 14º, ponto 1, do Decreto de Lei 3/2008 quando refere que:

Sempre que o aluno apresente necessidades educativas especiais de carácter permanente que o impeçam de adquirir as aprendizagens e competências definidas no currículo deve a escola complementar o programa educativo individual com um plano individual de transição destinado a promover a transição para a vida pós-escolar e, sempre que possível, para o exercício de uma atividade profissional com

adequada inserção social, familiar ou numa instituição de carácter ocupacional.

A escola deve incentivar os alunos de forma a adaptarem-se ao mundo ativo.

Santos (2010) salienta que o ser humano se desenvolve e cresce de transição em transição, adquirindo, ao longo das várias etapas da sua vida, competências e experiências que lhe permitem mais tarde uma completa participação na atividade comunitária e social e que a mudança da escola para a vida ativa/adulta se apresenta como um grande desafio para qualquer jovem, principalmente para os que apresentam DID. Para isto, a escola deve estar aberta à comunidade, através de parcerias com outras instituições e com empresas particulares, de forma que a inclusão destes jovens na sociedade se torne realmente verdadeira.

Capítulo III - Enquadramento Metodológico

3.1. Introdução

No presente capítulo apresentamos a questão de partida do estudo, definimos os objetivos, bem como as justificações metodológicas que suportam a escolha desta temática investigada.

3.2. Definição da Questão de Partida

O presente estudo tem como objetivo geral analisar “A inclusão de uma criança com NEE no 1º Ciclo do Ensino Básico”, pretendendo dar resposta à seguinte questão: *como se processa a inclusão de uma criança com necessidades DID numa escola do 1º ciclo do ensino básico em Castelo Branco?*

Em termos mais específicos, o presente estudo visa responder às seguintes questões:

- Qual a opinião das professoras (professora titular de turma e a professora de educação especial) relativamente ao conceito de inclusão?
- As intervenções com a criança com NEE são desenvolvidas, sobretudo, em contexto de classe regular?
- Como é que as professoras (professora titular de turma e a professora de educação especial) analisam a participação e o acompanhamento dos pais na educação da criança com NEE?

3.3. Definição dos Objetivos do Estudo

Tendo em conta as questões de investigação, formulámos os seguintes objetivos:

- Analisar a opinião das professoras (professora titular de turma e professora de educação especial) da criança com NEE em relação ao conceito de inclusão;
- Analisar se as intervenções com a criança com NEE são desenvolvidas, sobretudo, em contextos de classe regular;
- Analisar a colaboração entre a família da criança com NEE, com a professora titular de turma e com a professora de educação especial.

3.4. Opções Metodológicas

A escolha da metodologia de investigação está enquadrada com os objetivos e as questões de investigação escolhidas. Segundo Glat e Pletsch (2004), em investigação, a metodologia vai traduzir num conjunto de procedimentos elaborados que visam atingir os objetivos ou responder às questões propostas para o estudo. A nossa investigação trata-se de um estudo de caso, pois quer estudar a inclusão de uma criança com NEE no 1º Ciclo do Ensino Básico numa escola em Castelo Branco.

Yin (2005) define os estudos de caso como exploratórios, descritivos, explicativos e avaliativos. Para este autor, um estudo de caso é exploratório quando se conhece muito pouco da realidade em estudo e os dados servem para esclarecer e delimitar problemas ou fenómenos da realidade; é descritivo quando há descrição consistente e detalhada de um fenómeno no seu contexto natural; é explicativo quando os dados visam determinar relações de causa e efeito em situações concretas, ou seja de que forma os factos acontecem em função dos outros e é avaliativo quando produz uma descrição maciça, esclarece significados e permite a formulação de juízos, sendo esta a parte essencial da avaliação.

Os dados recolhidos do presente estudo são de carácter qualitativo, uma que abrange dados descritivos representados através dos discursos dos participantes.

Carmo e Ferreira (2008) consideram que na metodologia qualitativa “os investigadores interagem com os sujeitos de uma forma natural e, sobretudo, discreta. Tentam misturar-se com eles até compreenderem uma determinada situação, mas procuram minimizar ou controlar os efeitos que provocam nos sujeitos de investigação” (p. 198).

O presente estudo baseia-se em dados descritivos cuja recolha é realizada através de duas entrevistas: à professora titular de turma e à professora de educação especial). Esta entrevista foi validada por peritos na área.

3.5. Recolha de dados - Procedimentos

No presente estudo, o primeiro passo constitui na escolha do tema e na recolha da bibliografia relacionada com a inclusão e com as DID, com o objetivo de conhecer, as características desta NEE e conhecer como se processa a sua inclusão. Depois de efetuadas as pesquisas e leituras iniciais, passámos à organização da investigação e seguidamente à análise documental.

A análise documental permitiu-nos recolher dados e informações sobre o sujeito em estudo, nos seguintes Documentos: Formulário de Referenciação; Roteiro de Avaliação; Programa Educativo Individual (PEI); Relatório de Avaliação da Implementação das Medidas Educativas e Relatório de Avaliação Pedagógica.

Seguidamente, para obter os dados necessários, foi elaborado um guião e uma matriz da entrevista semiestruturada direcionada à professora titular de turma e à professora de educação especial. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas por nós e validadas pelas professoras entrevistadas. A transcrição das mesmas foi sujeita a uma análise dos respetivos conteúdos.

A recolha de dados foi elaborada de forma ativa através da análise documental do processo individual do aluno, recolha de informação junto aos intervenientes diretos no seu processo educativo e na recolha de informação (notas de campo e observação) durante o estágio do 1º ciclo do ensino básico.

3.5.1. Análise Documental

O uso da informação disponível, qualquer que seja o seu caráter documental (numérico ou não numérico, elaborado ou em bruto) é praticamente indispensável em investigação social (Moreira, 2007). A quantidade de documentos para analisar determinará o tipo de análise: uma análise exaustiva dos documentos ou pelo, contrário, uma análise por amostragem ou por seleção (Ketele e Roegiers, 1999). Estes autores diferenciam diversos tipos de documentos a que podemos recorrer na nossa investigação, tais como escritos e audiovisuais, publicados ou de uso específico, oficiais ou não, fechados ou abertos, científicos, didáticos, de vulgarização, culturais, de recreio, de utilização limitada no tempo ou em princípio permanente; de fonte individual ou coletiva.

O acesso aos documentos do “José” (nome fictício): Formulário de Referenciação (Anexo V); Roteiro de Avaliação (Anexo VI); PEI - Programa Educativo Individual (Anexo VII); Relatório de Avaliação da Implementação das Medidas Educativas (Anexo VIII); Relatório de Avaliação Pedagógica (Anexo IX), permitiu-nos clarificar e confirmar se o processo de inclusão da criança está de acordo com o Decreto de Lei n.º 3/2008. Todos os documentos que foram utilizados neste estudo, foram copiados integralmente como os originais, visto que não nos foi permitido fotocopiar os mesmos.

3.5.2. Entrevista Semiestruturada

Uma das técnicas de recolha de dados que recorreremos foram as entrevistas semiestruturadas pois, permitiu-nos uma adequação da entrevista ao entrevistado e uma flexibilidade perante a exploração das questões.

Fontana e Frey (1994) citado por Martins (1996) referem que:

A entrevista é possivelmente o método e/ou a técnica de investigação qualitativa mais vulgar e antigo para obter informação das pessoas em todas as situações práticas, (...), nas quais o entrevistador formula ao entrevistado perguntas (reativos), com o objetivo de conseguir respostas relacionadas com o problema e objetivos da investigação, mantendo as exigências e procedimentos científicos e éticos, (...) envolvendo um contacto direto entre o entrevistador e o entrevistado (p.21).

Para Bogdan e Biklen (1994) “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (p.134).

Nas entrevistas semiestruturadas, o investigador segue um guia de perguntas de carácter aberto a propósito das quais é crucial obter uma resposta da parte do entrevistado, por essa razão devemos deixar que o entrevistado fale abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que quiser. O entrevistador tem de reencaminhar a entrevista para os objetivos pretendidos quando o entrevistado se afastar deles.

A entrevista verifica a opinião espontânea e a recolha de dados significantes, as questões são definidas pelo investigador e realizadas de uma forma flexível. A mesma é uma oportunidade formulada intencionalmente para falar acerca de algo em que o entrevistador está interessado ou não. O papel do primeiro é elaborar questões e, o segundo é produzir respostas contextualmente aceitáveis, (Formosinho, 2008).

Foi elaborado um guião e uma matriz da entrevista (Anexo X), contendo:

- Objetivos geral: Analisar a inclusão de uma criança com NEE no 1º Ciclo do Ensino Básico;
- Objetivos específicos: Analisar a opinião dos professores (professora titular de turma e professora de educação especial) da criança com NEE em relação ao conceito de inclusão; analisar se as intervenções com a criança com NEE são desenvolvidas, sobretudo, em contextos de classe regular; analisar a colaboração entre a família da criança com NEE, os professores e profissionais especializados.
- Organização temática da entrevista:
 - I. Legitimação e Motivação da Entrevista;
 - II. Identificação e Caracterização do Entrevistado;
 - III. Identificação e Caracterização da Criança com NEE/Diagnóstico/Inclusão (trajetória escolar);
 - IV. Envolvimento familiar em casa e na escola (articulação escola versus família);
 - V. Expectativas quanto ao futuro;
 - VI. Complemento.

Em cada temática definimos o objetivo geral, os objetivos específicos e as questões a realizar.

No guião da entrevista efetuada à professora titular de turma e à professora de educação especial começamos por legitimar a entrevista, salientar a importância da colaboração do entrevistado e assegurámos o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos. De seguida obtivemos os dados biográficos sobre as entrevistadas. Seguidamente enveredou-se pela compreensão, identificação e caracterização do sujeito sobre o seu diagnóstico, sobre o seu percurso escolar e sobre o seu processo de inclusão no 1º ciclo do ensino básico. Num ponto posterior enveredou-se por conhecer o grau de envolvimento parental na aquisição de competências da criança com NEE em casa e na escola. Num último plano, procurou-se igualmente saber as perspetivas de futuro para a criança com NEE e recolher dados complementares.

Depois de efetuadas as entrevistas à professora titular de turma e à professora de educação especial, estas foram transcritas e validadas pelas entrevistadas.

De seguida, procurámos elaborar, organizar e mostrar de forma simples e clara os resultados obtidos. Depois de transcrever para o papel as entrevistas faremos a análise do conteúdo que incide sobre os resultados e os dados recolhidos.

Segundo Berelson (1954) “(...) a análise de conteúdo é uma técnica de investigação para a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (pp.496-497). O mesmo autor (1954) refere que a validade da análise de conteúdo decorre com certas exigências:

É necessário que toda e qualquer forma de subjectivismo seja anulada, pois, de contrário, os resultados não podem ser considerados fiéis; Deve ter sempre em linha de conta todos os elementos que poderão servir o fim pretendido, isto é, deve ser exaustiva e sistemática; Como as ciências sociais procuram e, cada vez mais, apresentar os seus resultados sob forma quantificada, terá de calcular também as frequências, se bem que por vezes a media possa, em sentido rigoroso, estar ausente (p.498).

Nesta investigação, procurámos evitar que análise de conteúdo leve a resultados viciados e a conclusões precipitadas. Por essa razão, a conjugação de ambos não é tida como uma garantia de rigor, mas aparece como um meio a utilizar em vista de uma melhor escolha e formulação dos itens de análise e de organização entre eles.

3.5.3. Notas de Campo e Observação

As notas de campo e a observação foram presenciadas em contexto educativo durante o estágio que realizámos no 1º ciclo do ensino básico. Estes dois dados foram retirados durante o período de observação/contextualização que decorreu durante duas semanas e teve como base principal a observação direta ao “José”.

As notas de campo eram escritas na hora de almoço ou ao fim do dia e, só eram registadas as situações mais pertinentes.

Segundo Schatzman e Strauss (1973) citados por Andrade (2011) “as notas de campo são um registo vivo baseado numa conceção interativa das etapas de investigação (...) servirá para confrontar o investigador nas diferentes fases da pesquisa (...) e exercerá um controle considerável sobre o processo de descoberta” (p.33).

Ketele e Roegiers (1999) referem que a observação é “um processo que inclui a atenção voluntária a inteligência, orientado por um objetivo final ou organizador e dirigido a um objeto para recolher informações sobre ele” (p.22). Estes consideram ser um ato inteligente porque, dentro do campo percetivo de que dispõe, o observador seleciona um pequeno número de informações pertinentes entre o vasto leque de informações possíveis.

A partir desta recolha de dados começamos a perceber como o “José” se comportava, que medidas foram aplicadas, como tínhamos de lidar e trabalhar as áreas pedagógicas. Estes dados permitiram planificar as atividades do mesmo (Anexo III – planificação didática – guião de atividades – projeto educativo especial) e as designações das atividades (Anexo IV – atividade individual do aluno com NEE). Durante o nosso período de estágio trabalhámos sempre em contexto de Inclusão. O “José” tinha sempre atividades individuais de acordo com as adequações curriculares individuais (Anexo VII), mas o seu guião de trabalho (Anexo XI) estava sempre em consonância com o da turma. Embora a criança tivesse um comportamento complicado, nunca era excluído de nenhuma atividade e nós tínhamos um lema que era pronunciado muitas vezes: “Nós somos uma turma, para o bem ou para o mal, aqui ninguém é excluído”.

3.6. Caraterização da Criança com NEE

O sujeito deste estudo é uma criança portadora de DID com oito anos de idade e que está incluída numa escola de 1º ciclo do ensino básico de Castelo Branco. A escolha desta instituição deve-se ao facto de termos realizado o nosso estágio de 1º ciclo nessa escola e na sala onde se encontrava a criança com NEE.

A criança em estudo, ao longo da nossa investigação tem o nome fictício de “José”, é uma criança do sexo masculino, com oito anos de idade, frequenta o 3º ano de escolaridade e tem como tipificação das NEE – cognitivo de carácter prolongado que se enquadra na Dificuldade Intelectual e Desenvolvidamental.

Em relação à família, o “José” vive com os seus pais e com os seus irmãos e pertencem a uma minoria étnica. Não eram uns pais muito presentes ao início, neste caso o pai, porque na sua cultura existe ausência de respeito perante a figura feminina, os pais têm uma atenção especial pelos filhos varões e é o pai que transmite

toda a sua cultura e forma de estar aos filhos. No primeiro ano o pai do “José” não colaborava com a escola. Houve uma determinada altura que o pai acompanhava muito a criança, às vezes até de mais, porque passava o tempo dos intervalos nas grades da escola a controlar as situações e acreditava em tudo o que o filho lhe contava, o que fazia com que a criança apresentasse comportamentos mais agressivos com vários colegas incentivado pelo pai. No segundo ano o pai do “José” começou a aperceber-se que era melhor começar a colaborar com os professores e começou a mudar o discurso em relação ao filho. Embora neste momento seja um pai presente, só o acompanha a nível de comportamento, porque nas áreas académicas ele não se preocupa muito.

Em relação à vida social na escola é uma criança bastante complicada ao nível do seu comportamento, porque naquele momento um colega poder ser o melhor amigo, como de repente pode estar a ameaçar e a bater nele.

O “José” com dezasseis meses foi enviado do Hospital Amato Lusitano para o Hospital Pediátrico de Coimbra, tendo como motivo de internamento: Febre elevada, sinais inflamatórios da mão esquerda, hepatomegália e elevação das transaminases.

O aluno é considerado pelas duas professoras que participaram no estudo, um caso muito especial, a professora de educação especial afirma: “ele tem um défice cognitivo, mas, está muito ambíguo o relatório médico, nem os próprios médicos conseguem dizer, tem isto bem definido. É difícil definir esta criança.

Ele não frequentou o Jardim de Infância e embora estivesse inscrito, no 1º ano de escolaridade não vinha referenciado, tendo só sido referenciado no 2º ano de escolaridade.

Segundo o Serviço de Psicologia e Orientação (SPO), a avaliação psicológica foi efetuada com base em entrevistas individuais (criança e pai) e em vários instrumentos de avaliação psicológica e psicopedagógica: Teste de desenvolvimento psicomotor de M. Sheridan; Testes ABC, de Lourenço Filho; Desenho da figura humana (técnica de Goodnough); Provas grafos-percetivas; WISC III (aferição portuguesa de 2003).

A sua maturidade apresenta défices nas várias áreas de desenvolvimento que lhe dificultam a realização das aprendizagens previstas para o seu ano de escolaridade.

As dificuldades mais relevantes são manifestadas nas seguintes áreas: memória motora, coordenação audiomotora, coordenação visuomotora, capacidade de prolação e memorização auditiva. As áreas onde as dificuldades são menos relevantes são: fatigabilidade, atenção dirigida, vocabulário e compreensão geral e memória visual, como podemos observar na tabela 1.

Tabela 1 – Resultados do Teste ABC do “José”

Testes ABC (0 a 100)	
Coordenação visuomotora	11
Memória motora	0
Memória visual	67
Coordenação audiomotora	0
Capacidade de prolação	17
Memorização auditiva	33
Fatigabilidade	50
Atenção dirigida	50
Vocabulário e compreensão geral	50

Em outubro de 2010, o formulário de referência (Anexo V) revela que a maturidade do “José” apresenta vários défices nas áreas de desenvolvimento que lhe dificultam a realização das aprendizagens escolares. A criança tem uma Persistência e desfasamento relevante ao nível das aprendizagens dos alunos da sua idade; desordens conceptuais e de cognição; ausência de controlo tónico, coordenação e coordenação dinâmica; disartria; imaturidade nos processos auditivos, visuais e tátil quinestésicos; distratibilidade; hipercinesia; instabilidade psicomotora; rejeição de regras; reprodução conceptual da postura do pai (os outros elementos não fazem parte da família); ausência de respeito perante a figura feminina “não mandam...”.

Segundo o PEI (Anexo VII) que teve como base o Roteiro de Avaliação (Anexo VI), o “José” tem dificuldade na aquisição de conceitos básicos e complexos a nível das características, da classificação, seriação e reversibilidade (d137.3). A sua maturidade apresenta défices nas várias áreas do desenvolvimento que lhe dificultam a realização das aprendizagens previstas para o seu ano de escolaridade. Assim, aparenta muitas dificuldades na iniciação à aprendizagem da leitura (d140.3) escrita (d145.3) e cálculo (d150.3). Manifesta dificuldades em realizar as tarefas simples e complexas de forma independente e completa (d210.3). Demonstra elevada instabilidade psicomotora. Manifesta grave dificuldade ao nível da concentração e da atenção (d160.2) e no controlo do seu próprio comportamento (d250.3).

Tem défice cognitivo de nível muito inferior (b117.3). Esta dificuldade manifesta-se tanto nas áreas verbais como nas de realização, dificuldade em regular as emoções negativas (b152.3). Necessita de adquirir, organizar e aplicar funções cognitivas básicas sobre objetos acontecimentos e experiências (b163.3). Assim, o aluno tem dificuldades nas Funções Mentais da Linguagem designadamente na receção e expressão da linguagem escrita (b167.3) o que compromete as outras áreas curriculares. Manifesta problemas ao nível da articulação.

Necessita de apoio na área da saúde dadas as suas dificuldades a nível das funções do corpo, (e355+3) e também necessidade de apoio da Segurança Social (e570).

Além das deficiências graves de nível cognitivo, tem graves problemas de comportamento com tendência em quebrar as regras. Tem a professora titular de turma e a professora de educação especial a trabalharem sempre com ele. A maioria do tempo passa em contexto de classe regular.

Em suma o “José” tem uma NEE de carácter prolongado, sendo a sua tipificação de Cognitiva. Segundo o DL 3/2008 tem as seguintes medidas educativas aplicadas: Apoio pedagógico personalizado; Adequações curriculares individuais; Adequação do processo de avaliação. A formalização dessas medidas aplicadas é através do PEI.

3.7. Tratamento dos dados

Os dados recolhidos foram objeto de tratamento, tendo por base os objetivos definidos para esta investigação.

Assim, os dados que resultaram da Entrevista Semiestruturada realizadas à professora titular de turma e à professora de educação especial já foram apresentados neste capítulo, que tem como temáticas: Legimitação e motivação da entrevista; Identificação e caracterização do entrevistado; Identificação e caracterização da criança com NEE/Diagnóstico/Inclusão (trajetória escolar); Envolvimento familiar em casa e na escola (articulação escola versus família); Expetativas quanto ao futuro; Complemento. Estes mesmos dados serão analisados através da análise de conteúdos que incide sobre os resultados e dados recolhidos.

Por sua vez, os dados recolhidos através das notas de campo e da observação permitiram-nos planificar as atividades do “José”, como já foi explicado anteriormente neste capítulo.

Capítulo IV - Apresentação e Discussão dos Resultados

4.1. Introdução

Seguidamente apresentaremos o conjunto de dados obtidos através da recolha realizada. Será revelada a análise de conteúdo das entrevistas realizadas à professora titular de turma e à professora de educação especial.

Em relação à análise das entrevistas, a técnica utilizada foi a análise de conteúdo que se encontra dividida em categoria, subcategoria e unidade de registo.

Segundo Bardin (2009) a análise de conteúdo é “um conjunto de técnicas de análise de comunicações” (p.44). O autor quer dizer que a análise de conteúdo não é só um instrumento, mas sim um conjunto de ferramentas, constituído por uma vasta diversidade de formas adaptável a um campo de aplicação mais vasto que são as comunicações. Os procedimentos são criteriosos, com muitos aspetos observáveis, mas que colaboram no desvendar dos conteúdos dos documentos, sendo uma técnica utilizada em áreas tão distintas como a História, a Psicologia, entre outras... (Amado, 2000).

A metodologia a seguir na análise de conteúdo é apontar para a necessidade de se efetuar uma primeira leitura para estabelecer contato com os documentos, de modo a clarificar a razão da investigação e qual o seu conteúdo. O objetivo é conseguir informação e descobrir instrumentos que possam tratar o material e codificá-lo (Bardin, 2009). No estudo, foi feita a análise de conteúdos a respostas de questões abertas.

Estando o contato com os documentos feito procede-se então há codificação. Para Bardin (2009) a codificação corresponde “a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados em bruto no texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão” (p. 129). O mesmo autor (2009) refere ainda que na codificação é realizada a escolha das unidades de registo e que a unidade de registo é “a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento a considerar como unidade base, visando a categorização e a contagem frequencial” (p. 130). No presente estudo dividimos as componentes das mensagens analisadas em categorias.

Neste estudo optou-se pela técnica de análise de conteúdo para desenvolver uma investigação baseada na leitura e registo dos conteúdos. Segundo Vala (1986) “A finalidade da análise de conteúdos será pois efetuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas” (p. 104).

4.2. Entrevistas Semiestruturadas

Faremos uma análise dos aspetos mais revelantes das respostas dadas nas entrevistas semiestruturadas realizadas. As perguntas foram feitas de acordo com a ordem das temáticas que se encontra na matriz da entrevista (Anexo X) e a sua análise far-se-á tendo em conta cada uma das temáticas. De acordo com a análise de conteúdo realizada foi possível identificar as seguintes categorias que são coincidentes com as temáticas do guião e matriz das entrevistas direcionadas aos intervenientes: I- Legitimação e motivação das entrevistas; II- Identificação e caracterização do entrevistado; III- Identificação e caracterização da criança com NEE/diagnóstico/inclusão (trajetória escolar); IV- Envolvimento familiar em casa e na escola (articulação escola versus família); V- Expetativas quanto ao futuro; VI- Complemento (ver em maior detalhe a análise de conteúdo à Professora Titular de Turma (Anexo XII) e à Professora de Educação Especial (Anexo XIII).

Essas áreas temáticas serviram de base a organização dos dados das entrevistas. Apresentaremos de seguida a análise das duas entrevistas efetuadas à professora titular de turma e à professora de educação especial, das quais podemos retirar algumas conclusões, usando as respetivas categorias estipuladas.

4.2.1. Legitimação e Motivação da entrevista

Neste ponto identificamo-nos e focamos o que pretendemos desenvolver. Pedimos a colaboração dos entrevistados que é de extrema importância ao estudo em causa e garantimos o anonimato e a confidencialidade da informação recolhida, sendo único e exclusivo para fins de investigação.

4.2.2. Identificação e Caracterização dos Entrevistados

Os dois entrevistados são do sexo feminino e têm idades compreendidas entre os 45 e os 55 anos. Ambos pertencem ao quadro de escola.

A Professora Titular de Turma (PTT), não tem formação no âmbito das NEE, tem trinta e dois anos de serviço total e tem dezassete anos de tempo de serviço com crianças com NEE (doze mais cinco na escola onde se encontra no quadro).

A Professora de Educação Especial (PEE), é especializada na formação do âmbito das NEE, tem vinte e cinco anos de serviço total e tem dezanove anos de tempo de serviço com crianças com NEE.

4.2.3. Identificação e caracterização da criança com NEE/Diagnóstico/Inclusão (Trajetória escolar)

- ✓ Solicitação de informações da criança com DID (género, idade e medidas de apoio).

O “José” tem oito anos, tem como medidas de apoio o DL nº 3/2008: apoio pedagógico personalizado; adequações curriculares individuais; adequações no processo de avaliação.

A PTT ainda reforça ... “que aluno apresenta um défice cognitivo de nível muito inferior (b117.3); regular as emoções negativas (b152.3) (...)” Essas dificuldades encontram-se nas seguintes áreas: “(...) complexos a nível das características (d137.3); aprendizagem à leitura (d140.3); escrita (d145.3); cálculo (d150.3); realizar tarefas simples (d210.3); concentração e atenção (d160.2); comportamento (d250.3)”.

- ✓ Há quanto tempo acompanha esta criança?

A PEE acompanha o José há “dois anos” (desde o segundo ano de escolaridade) e a PTT acompanha a criança há “três anos” (desde o primeiro ano de escolaridade).

- ✓ Com que periodicidade acompanha a criança?

A PTT acompanha a criança “todos os dias da semana”, enquanto que a PEE acompanha “duas vezes por semana”.

- ✓ Como caracteriza a criança e a sua deficiência?

Para a PEE o “José” tem “deficiências graves de nível cognitivo e graves problemas de comportamento”. Para a PTT “ (...) o aluno vem de um contexto familiar bastante conturbado, o seu percurso de vida teve fatores que o marcaram profundamente até aos seis anos, idades com que entrou para a escola”. E que de certa forma veio influenciar toda a sua parte comportamental, para além disso a PTT reforça que “é uma criança que tem um atraso de quatro anos, por isso a sua idade mental é inferior em quatro anos à sua idade normal”.

- ✓ Como descreve a sua evolução educativa?

A evolução educativa tem tido muitos altos e baixos, no entanto tem vindo a melhorar. Segundo a PTT “No primeiro e segundo ano houve situações completamente paradoxais, pois era uma criança que recusava laços, tinha uma imagem negativa das mulheres”, porque na minoria étnica a mulher não tem uma função social. Por essa razão a criança achava que a professora “(...) tinha que estar em casa a tratar da família e isso causou alguns constrangimentos em termos das atividades”. Aos poucos a PTT criou laços com a criança, e esse laço foi decisivo assim com “as rotinas que eu fui construindo nesses dois primeiros anos. Esse laço no

terceiro ano deu um salto, começou a ter um comportamento mais assertivo, apesar de ter variações por completo.”

Referente à PEE “...era um menino que quando entrou na escola, não estava sequer cinco minutos dentro da sala de aula, não era um menino selvagem, mas era um menino sem regras nenhuma”. No primeiro ano não fez praticamente nenhuma aquisição académica. Depois fez-se o encaminhamento para a avaliação pela CIF “ no segundo ano foi acompanhado pela educação especial.” Verificaram-se as graves dificuldades ao nível da atividade e da participação, ao nível das funções mentais demonstrou muitos défices. Começou a ser acompanhado pela educação especial. “ (...) Ao nível académico foram moderadas as aquisições, ele globalizou um conjunto de palavras, nós optamos pelo método global por ser mais apelativo a nível das matérias, mas é preciso muito, muito esforço para ele ficar motivado para ele fazer alguma coisa”.

✓ Há estratégias diferenciadas para a criança com NEE na sala de aula?

O “José” tem estratégias diferenciadas na sala de aula, tem um ensino personalizado. A PTT “procura desenvolver atividades de proximidade com os colegas para que ele não fique excluído” a PEE diz que existe estratégias diferenciadas e elogia a professora titular de turma “sempre mostrou muita receptividade em diferenciar as atividades...”

✓ Descreva a relação da criança na sala de aula e na escola.

O seu comportamento na sala de aula e na escola continua a ser bastante conflituoso. Para a PEE “... é um menino que tem muita dificuldade em gerir os conflitos, basta um simples olhar de um colega que ele interpreta como uma provocação e tem logo uma atitude agressiva perante esse colega”. A PEE refere ainda que uma criança com altos e baixos, “...basta ter-lhe acontecido alguma coisa antes de chegar à escola, ter sido contrariado ou outra situação, que chega à escola faz disparates com toda a gente, agride e chama nomes”. No entanto no final terceiro ano a PTT afirma que o “José” na maior parte do tempo “...já conseguia trabalhar com os colegas e com a professora” sem arranjar conflitos.

✓ Como descreve a relação da criança com a turma? E a turma com a criança?

Inicialmente era uma relação terrível, ele não aceitava os colegas da mesma maneira que os colegas não o aceitavam. Segundo a PTT “Ouve uma altura, que inclusivamente lhe puseram a alcunha “corta almas” porque lhes quebrava constantemente as linhas de pensamento e de trabalho”. Neste momento a situação melhorou. Segundo a PEE “... ainda não existe uma aceitação completa por parte dos colegas...”.

- ✓ As medidas educativas que estão a ser aplicadas à criança com NEE estão a trazer benefícios à mesma?

As medidas educativas que estão a ser aplicadas ao “José” são o apoio pedagógico individualizado, as adequações curriculares e as condições especiais de avaliação (alínea a, b e d). Para a PEE estas medidas “...estão a trazer alguns benefícios”. Para a PTT estas medidas estão a funcionar porque a criança “ quando entrou nesta escola parecia o menino selvagem do Rousseau, muitas vezes comentávamos isso quando tínhamos as reflexões e quando falava com a professora coordenadora do estabelecimento”. Estas medidas estão também a trazer benefícios em termos das aprendizagens, partindo sempre de contextos reais e manipuláveis.

- ✓ Sente que a escola contribui com medidas educativas inclusivas? Quais?

As duas professoras são unânimes e dizem que sim. A PEE diz que “temos um grande caminho a percorrer”, afirma ainda que “as nossas escolas têm ao nível de recursos humanos, pessoas com mentes inclusivas, mas ao nível dos espaços físicos e materiais não conseguem proporcionar a estes alunos o que eles necessitam.” A PTT diz que nos dois primeiros anos “foi muito difícil, porque estava sozinha no processo”, mas neste terceiro ano ao ser criado um grupo de professores na gestão do processo do “José” a PTT sentiu que “nesse sentido é que funciona a inclusão” e o que “se passa no caso deste aluno, não se passa na maior parte das escolas...”

- ✓ Fale sobre a atitude da comunidade educativa face à inclusão da criança com NEE.

A comunidade educativa face à inclusão do “José” teve “uma fase de hostilização, a própria família também reagiu com hostilização”, afirma a PTT. A PEE declara que “com este aluno foi difícil, devido ao comportamento desta criança havia queixas de todas as salas porque ele provocava os meninos das outras turmas, da escola toda”. Em relação às assistentes operacionais a situação ainda está um pouco complicada porque o “José” acha que elas não mandam nele, mas se a ordem for da PTT ou da PEE, ele obedece e acata as ordens. Neste momento a relação com os outros professores e os seus colegas já melhorou.

4.2.4. Envolvimento familiar em casa e na escola. (Articulação escola versus família)

- ✓ Como tem visto a participação e o acompanhamento dos pais na educação da criança com NEE.

O envolvimento familiar em casa e na escola é um pouco complicado. Ao início foi muito difícil, o pai do José não cooperava com a escola. Segundo a PEE "...o pai colocava-se nas grades da escola nos intervalos e gritava à criança para dar um murro naquele que lhe batia ou o enfrentava". Para a PTT o pai sempre colocou a criança como "vítima" e os restantes alunos como "agressores". A PTT acha que o seu nível cultural também contribui para este facto.

No segundo ano ele começou a perceber-se que devia entrar na escola e falar com os professores. Essa primeira reunião foi o ponto de partida para a mudança do pai, hoje em dia quando está nas grades da escola ele diz ao "José" "eu quero que te portes bem", refere a PEE. O discurso do encarregado de educação (pai) mudou e isso foi uma conquista para os professores, porque durante esse tempo a criança andava numa "dualidade" e não sabia a quem devia obedecer. Como afirma a PEE "nós achamos sempre que os nossos pais é que estão certos." Por essa razão é que acham que os progressos da criança foram mais demorados devido ter sido "... difícil captar a atenção do encarregado de educação."

- ✓ Os pais acompanham a criança nas atividades escolares? Se sim, como?

A PTT diz que os pais não o acompanham porque "o problema é que têm uma baixa escolaridade". Segundo a PEE afirma que "nas áreas académicas o pai não se preocupa muito (...) importa-se é que ele tenha almoço, que não lhe batam e que não se metam com ele".

4.2.5. Expetativas quanto ao futuro

- ✓ Descreva o que pensa do futuro da criança com NEE relativamente ao nível escolar e profissional.

Embora não possam prever o futuro do "José", a PTT afirma que este aluno com as dificuldades que tem e com aquilo que está a assistir em relação aos alunos com Necessidades Educativas Especiais e o seu próprio meio envolvente e familiar, "... estou apreensiva e com alguma angústia em relação ao futuro do "José" ...". A PEE acredita que "ele um dia até poderá desempenhar alguma função profissional, no âmbito mesmo de uma profissão onde não exigem muitos requisitos, uma profissão mais repetitiva, ou mais que ele consiga fazer algo com uma rotina", mas é uma

criança que vai ter sempre necessidade de supervisão, embora a nível de higiene e a nível da alimentação seja “autónomo” .

4.2.6. Complemento

- ✓ Para além do que falamos, quer referir outros aspetos que não tenham sido abordados e considere importantes?

Este ponto foi elaborado para que as professoras referissem outros aspetos que não foram abordados e que consideravam importantes. A PEE diz “eu penso que o “José” é um caso muito especial (...) há dezanove anos que estou na educação especial e é a primeira vez que, talvez seja um bocadinho pessimista”. A PTT afirma que falou de todas as vertentes, mas espera “...que o futuro seja mais promissor...”, porque é daquelas pessoas que nunca perde a esperança e nunca desiste perante as adversidades.

- ✓ O que entende por inclusão?

Na opinião da PTT “incluir é darmos as mãos, é interlaçarmos, é a partilha, é o não colocar rótulos. Eu acho que durante toda a nossa vida, todas as pessoas tiveram momentos que foram mal-amadas, e estas crianças têm uma história de vida em que muitas vezes são mal-amadas. Se a escola não for o porto de abrigo, farol, para estas crianças e para todas as outras, não sei que sociedade teremos para o futuro”. Na ideia da PEE a inclusão é “darmos oportunidade a todos, a todos os alunos numa comunidade escolar, darmos oportunidades para terem o mesmo sucesso, ou pelo menos dar-lhes todas as ferramentas para conseguirem ter sucesso. É aceitarmos, é ter a mente aberta e não ter preconceitos em relação à diferença”.

Síntese:

De seguida faremos uma breve síntese sobre os dados que foram analisados. A análise documental analisada permitiu-nos verificar que a inclusão do “José” no 1º Ciclo do Ensino Básico está de acordo com o Decreto-Lei n.º 3/2008 e que no processo do aluno encontram-se os seguintes documentos:

- O Formulário de referenciação (Anexo V) refere que a criança tem “Persistência e desfasamento relevante ao nível das aprendizagens dos alunos da sua idade (sete anos); desordens conceptuais e de cognição; ausência de controlo tónico, coordenação e coordenação dinâmica; disartria; imaturidade nos processos auditivos, visuais e tátilo-quinestésicos; distratibilidade; hipercinesia; instabilidade psicomotora; rejeição de regras; reprodução conceptual da postura do pai (os outros

elementos não fazem parte da família); ausência de respeito perante a figura feminina “não mandam...””

- Roteiro de Avaliação (Anexo VI) assinala as componentes em que o aluno tem funcionalidade e incapacidade, confirma-nos a necessidade de uma intervenção especializada de educação especial e identifica-nos a categoria de NEE.
- Programa Educativo Individual (Anexo VII) encontra-se a história escolar e pessoal da criança; perfil de funcionalidade do aluno por referência à CIF-CJ; as adequações no processo de ensino aprendizagem; que não existe ainda o plano anual de transição; responsável pelas respostas educativas; implementação e avaliação do PEI e por último as adequações curriculares individuais (Decreto de Lei 3/2008-Artº 16, alínea b).
- Relatório de Avaliação da Implementação das Medidas Educativas (Anexo VIII) queremos salientar o ponto 4 (avaliação da eficácia das medidas educativas aplicadas) e o ponto 5 (propostas de intervenção para o próximo período). No ponto 4 refere que “as medidas e as estratégias implementadas têm sido numerosas e diversificadas, passando pela negociação, reforço positivo, recompensa, diretividade... Sendo o 3º ano a frequentar a escola, constatamos que os progressos, embora moderados, começam agora a ter evidência.” O ponto 5 revela que “ no próximo período mantem-se as medidas e as estratégias já iniciadas.”
- Relatório de Avaliação Pedagógica (Anexo IX) revela que no 1º período do ano letivo 2012/2013 que o “José” teve uma moderada evolução relativamente à sua instabilidade emocional/comportamental, os seus progressos académicos são moderados, pontualmente ainda adota o comportamento violento ao nível físico e verbal e necessita de apoio direto e constante para desenvolver as atividades em todas as áreas.

A entrevista semiestruturada ajudou-nos a responder às perguntas definidas da questão de partida. Através dos documentos referidos em cima compreendemos como se organiza o processo de inclusão de uma criança com NEE no 1º ciclo do ensino básico. Relativamente ao conceito de inclusão as duas professoras entrevistadas são unânimes em afirmar que inclusão é darmos as mãos, é a partilha, é aceitar, é ter a mente aberta e não ter preconceitos. Embora tenha estratégias diferenciadas na sala de aula e um ensino personalizado as intervenções do “José” são desenvolvidas, sobretudo, em contexto de classe regular para que se possam desenvolver atividade de proximidade com os colegas para que não fique excluído. As professoras analisam a participação e o acompanhamento dos pais de forma diferente: a professora titular de turma refere que não acompanham a criança devido à baixa escolaridade; a professora de educação especial diz que o pai acompanha se for no sentido de ver que não batem e não maltratam o filho, se for nas áreas académicas revela que o pai não se preocupa muito.

As notas de campo e a observação foram presenciadas no contexto educativo durante o estágio que realizamos no 1º ciclo do ensino básico. Estes dois dados foram retirados durante o período de observação/contextualização que decorreu durante duas semanas. A partir desta recolha de dados começámos a aperceber-nos como era o “José”, que medidas foram aplicadas como se tínhamos de lidar e trabalhar as áreas pedagógicas com a criança com NEE. Estes dados permitiram planificar as atividades do José (ver Anexo III – projeto educativo individual) e as designações das atividades (ver Anexo IV – atividade individual do aluno com NEE). Durante o nosso período de estágio trabalhamos sempre em contexto de Inclusão. O “José” tinha atividades individuais de acordo com as adequações curriculares individuais (anexo XII), mas o seu guião de trabalho estava sempre em concordância com o da turma. Embora ele às vezes tivesse um comportamento desviante, nunca era excluído de atividade nenhuma.

Capítulo V - Conclusões, Limitações e Recomendações do Estudo

5.1. Conclusões

Neste capítulo apresentamos as conclusões do nosso estudo. Este estudo pretendeu estudar como se processa a inclusão de uma criança com NEE no 1º Ciclo do Ensino Básico em Castelo Branco. Tendo em conta as questões de investigação, formulámos os seguintes objetivos:

- Analisar a opinião das professoras (professora titular de turma e professora de educação especial) da criança com NEE em relação ao conceito de inclusão;
- Analisar se as intervenções com a criança com NEE são desenvolvidas, sobretudo, em contexto de classe regular;
- Analisar a colaboração entre a família da criança com NEE, com a professora titular de turma e com a professora de educação especial.

O papel do professor é variado, complexo, mas motivador. Pretende que ele seja inovador, dinâmico, comunicativo, crítico e eficaz, devendo ensinar ao mesmo tempo que educa. Ele transmite conhecimentos, ensina métodos, instrumentos de trabalho e alguns valores fundamentais aos alunos, como, por exemplo, a compreensão e o respeito pelo outro, a ajuda e a responsabilidade. Além disso, deve promover o desenvolvimento do espírito crítico, da reflexão, da criatividade e da curiosidade em termos de aprendizagem. Por isso, cabe-lhe atualizar e aperfeiçoar continuamente os conhecimentos e debruçar-se sobre o seu desempenho pedagógico, modificando ou corrigindo a sua atuação. É certo que o papel é de grande responsabilidade e o processo educativo exige dele uma profunda reflexão e grande disponibilidade, para poder apoiar os alunos, em particular aqueles com NEE ou com comportamentos inadequados e perturbadores (Relvas, 1996).

Os educadores/professores desempenham um papel fundamental no processo de inclusão dos alunos com NEE. A criança com NEE é parte integrante da escola, deve ser aceite e apoiada pelos seus professores, mas também pelos seus colegas, como qualquer outra criança. Por essa razão, a diversidade é valorizada, tendo como suporte sentimentos de partilha, participação e amizade (Correia, 2003).

Para Correia (2008) “O professor deve ainda ser um modelo para os alunos, proporcionando-lhes um ambiente acolhedor, que suscite o aumento das interações entre alunos sem NEE e alunos com NEE, fomentando entre eles sentimentos de amizade e de valorização da diferença.” (p.96).

Em relação ao conceito de inclusão constatámos que, as professoras entrevistadas referem que a inclusão é dar aos alunos a oportunidade de terem sucesso escolar, é ter a mente aberta e não ter preconceitos em relação à diferença. A escola deve ser o porto de abrigo para as crianças com NEE, porque muitas vezes estes alunos têm histórias de vida um pouco complicadas. Neste momento uma das professoras tem receio que com os cortes que houve nesta área, a inclusão se

transforme em exclusão. A inclusão só existe se houver recursos suficientes para estas crianças progredirem. Por essa razão, inclusão é darmos as mãos e nunca perder a esperança. “Todos diferentes, Todos iguais”.

“Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças.” (Mantoan,2003)

Para Booth e Ainscow (2002, p.8) a inclusão envolve grandes mudanças, e trata-se de um processo contínuo do desenvolvimento da aprendizagem e da participação de todos os alunos. Estes autores defendem que a inclusão em educação deve:

- Valorizar, de igual modo, todos os alunos e pessoal
- Reduzir a exclusão dos alunos das culturas, currículos e comunidades das escolas locais e aumentar a sua participação
- Reorganizar as políticas, culturas e práticas nas escolas, de maneira a que estas possam responder à diversidade dos alunos
- Diminuir os obstáculos à aprendizagem e à participação de todos os alunos, e não apenas aos que têm deficiências ou que são catalogados como tendo NEE
- Considerar as diferenças entre os alunos como meios de apoio à aprendizagem em vez de as considerar como barreiras e problemas a resolver
- Desenvolver as escolas considerando tanto os seus profissionais como os alunos
- Incentivar as relações mútuas entre as escolas e a comunidade
- Perceber que a inclusão na educação leva à inclusão na sociedade.

Relativamente às intervenções com a criança com NEE são desenvolvidas, sobretudo, em contexto de classe regular verificámos que sim, embora o “José” tenha estratégias diferenciadas e duas professoras a trabalhar com ele. A maioria das intervenções são realizadas em contexto de classe regular para desenvolver atividades e proximidade com os colegas e para que nunca fique excluído. No entanto, através da análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos intervenientes e aos documentos da criança com NEE (já analisados e enunciados de forma particularizada anteriormente), pode-se constatar que o sujeito em estudo têm tido uma evolução escolar, embora lentamente. Também costatámos que a criança tem um acompanhamento diferenciado, mas realizado na maioria em contexto de classe regular.

Os alunos com NEE só estão realmente incluídos na classe regular se forem estimados academicamente pelo professor e admitidos socialmente pelos colegas. Deste modo é de grande importância que o professor faça um acolhimento adequado às crianças com NEE, desenvolvendo um ambiente amigável entre todos os alunos e os sensibilize para a realidade da inclusão. O papel do professor também é muito importante no processo de identificação das NEE de cada aluno, assim como no processo de ensino/aprendizagem do aluno. Este processo deve ser muito bem

analisado, utilizando metas curriculares adequadas e recorrendo a estratégias e materiais de apoio apropriados (Correia, 2008).

Em relação à colaboração entre a família da criança com NEE, com a professora titular de turma e com a professora de educação especial constatámos que no início foi muito complicado, porque o pai não cooperava com a escola e foi muito difícil para o pai perceber e entender que o filho estava a ter muita dificuldade na escola. A colaboração do pai neste dois anos era colocar-se nas grades da escola e incentivar o aluno a ser bastante agressivo, a bater nos colegas, porque, o pai sempre achou que o filho era a vítima e os outros os agressores. No decorrer do segundo ano o pai começou a aperceber-se que era melhor entrar e colaborar com os professores. O seu discurso mudou, neste momento em vez de incentivar a violência, diz “quero que te portes bem”. Mas, nas áreas académicas o pai não se preocupa muito e nunca trabalha com a criança. A mãe neste estudo nunca é referida devido ao facto de a criança ser criada numa cultura de minoria étnica em que as mulheres não mandam e não têm poder de decisão. Mas, para que a criança tenha sucesso escolar e para que desenvolva a sua aprendizagem com facilidade é essencial que se sinta apoiada, quer pela escola, quer pela família, embora nesta família não se verificasse apoio nas áreas académicas da criança, pensamos nós em virtude do baixo nível escolar e cultural.

Segundo Almeida e André (2004) o envolvimento das famílias na vida das crianças “ dá-lhes influência e permite-lhes um conhecimento maior dos seus papéis e das suas competências para ajudarem os filhos a crescerem, razão pela qual também devem participar e contribuir para a dinâmica da escola” (p. 40)

Podemos concluir que a criança tem professores muito empenhados e que trabalham em equipa para arranjar estratégias adequadas à sua aprendizagem. O lema destes professores é incluir sempre a criança na comunidade escolar.

5.2. Limitações e Recomendações

Ao finalizar este estudo, parece-nos pertinente mencionar que o número de sujeitos é reduzido para possamos tirar conclusões que possam ser estendíveis a outros casos, cuja as características em análise se pareçam às que foram objeto de estudo.

Outras das limitações neste estudo foi a falta de tempo que tivemos, pois, em simultâneo estávamos envolvidos na nossa prática profissional (estágio no 1º ciclo do ensino básico).

Depois de terminada esta investigação achamos que este estudo pode servir de apoio para investigações futuras, envolvendo um maior número de sujeitos a investigar e desejar que continue a haver sensibilidade perante o tema da inclusão da criança nas escolas, visto que é uma realidade muito presente no ensino regular.

Referências Bibliográficas:

Almeida, G. (2007). *Deficiência Mental: Avaliação e classificação do desenvolvimento motor*, consultada em 12 de setembro de 2014 em http://www.tede.udesc.br/tde_arquivos/TDE-TZ-/GecielyMFAlmeida.pdf

Alonso, M. V. & Bermejo, B. (2001). *Atraso mental*. Lisboa: MacGraw-Hill.

Andrade, F. (2011). *Educação para os media no jardim-de-infância: A utilização do computador*. Relatório de Estágio. Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Educação, Castelo Branco, Portugal.

Altet, L. (1997). *As pedagogias da aprendizagem*. Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.

Barbosa, J. (2007). *Problemas mentais: identificação e intervenção educativa*. Vila Nova de Gaia: Instituto Piaget.

Belo, C.; Caridade, H.; Cabral, L.; Sousa, L. (2008). *Deficiência Intelectual: Terminologia e conceptualização – Eixos de Esperança*. Revista Diversidades, nº 22. Funchal: O Liberal.

Bétele, J. & Regires, X. (1999). *Metodologia da Recolha de Dados – Fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas e de estudos de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Coleção ciências da educação. Porto: Porto Editora.

Branco, A. (2014). *Necessidades dos pais de crianças com NEE incluídas em jardim de infância*. Relatório de Estágio. Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Educação, Castelo Branco, Portugal.

Carmo, H. & Ferreira M. (2008). *Metodologia da Investigação. Guia para autoaprendizagem*. 2ª edição. Lisboa: Universidade Aberta.

Correia, L. (1997). *Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares. Coleção Educação Especial*. Porto: Porto Editora.

Correia, L. (1999). *Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares*. Porto: Porto Editora.

Correia, L. (2003). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais: Um Guia para Educadores e Professores*. Porto: Porto Editora.

Correia, L. (2008). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais. Um Guia para Educadores e Professores*. Coleção Necessidades Educativas Especiais. 2ª edição. Porto: Porto Editora..

Cunha, M. & Costa, C. (2007). *Comportamentos (des)adaptados: Causa ou Efeito da Deficiência Mental?*. Cadernos de Estudos. nº 5, 59-70.

Declaração de Salamanca (1994). *Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais Acesso e Qualidade*. Ed. UNESCO.

Decreto de Lei nº 45/73 de 12 de fevereiro, consultado em 12 de junho de 2014, de <http://dre.tretas.org/dre/102900/>

Decreto de Lei nº 35/1988 de 4 de fevereiro, consultado em 12 de junho de 2014, de <http://www.observatoriople.gov.pt/np4/np4/?newsId=5&fileName=decretolei351988.pdf>

Decreto de Lei nº 35/1990 de 25 de janeiro, consultado em 12 de junho de 2014, de <http://www.-braganca.pt/files/1/documentos/ensino/Decreto%20Lei%20n%C2%BA%2035-90.%20de%2025%20de%20janeiro.pdf>

Decreto de Lei 319/91 de 23 de agosto (1991) Ministério da Educação: Estabelece o regime educativo especial das crianças com necessidades educativas especiais quando integradas nas escolas do ensino regular, consultado em 12 de junho de 2014, de <http://portal.doc.ua.pt/baes/Decreto-lei319de23agosto91.pdf>.

Decreto de Lei nº 6/2001 de 18 de janeiro, consultado em 12 de junho de 2014, de <http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=decretolei62001.pdf>

Decreto de Lei nº 3 /2008, de 7 de janeiro. Diário da República, 1ª Série, nº 4.

Decreto de Lei nº 281/2009, de 6 de outubro. Diário da República, 1ª Série, nº 193.

Denari, F. (2006). *Um (novo) olhar sobre a formação do professor de educação especial; da segregação à inclusão*. In Rodrigues, D. (Org.). *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. (pp. 35-65). São Paulo: Summus

Despacho 173/ME/91 de 23 de outubro, consultado em 12 de junho de 2014, de <http://www.prof2000.pt/users/bagao/html/despachon173.htm>

Despacho 98A/92 de 20 de junho, consultado em 12 de junho de 2014, de <http://www.prof2000.pt/users/bagao/ecaesever/desp98a.htm>

Despacho conjunto 105/97 de 1 de julho, consultado em 12 de junho de 2014, de <http://www.prof2000.pt/users/bagao/html/dc105de97.htm>

- Duarte, A. (2005). Escola inclusiva - uma escola para todos. *Educare Educere*, (17), 51-62.
- Formosinho, J. O. (Org.). (2008). *A Escola Vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora
- Glat, R. & Bletsch, M. (2004). *O papel da universidade frente às políticas públicas para Educação Inclusiva*, in Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, nº29 ano 10, pp. 3-8.
- Gomes, A.; Fernandes, A.; Batista, C.; Salustiano, D.; Mantoan, M.; & Figueiredo, R. (2007). *Atendimento educacional especializado – Deficiência Mental*. São Paulo: MEC/SEESP.
- Lei nº 46/86 de 14 de Outubro de 1986 (1986) Assembleia da Republica: Lei de bases do sistema educativo português, que vem estabelecer as grandes metas para a educação e para a educação especial em 12 de junho de 2014, de <http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/283BAF87-01C8-4EF4-A169-694533E63B0D/612/LeideBases4686.pdf>.
- Lei de Bases do Sistema Educativo - lei nº 49/2005 de 30 de Agosto
- Lilja, C. (2005). *Deficiência Mental e suas implicações individuais, familiares e sociais*. In Lehenbauer, S. Picawy, M., Steyer, V. & Wandscheer, M. (Org.). *O ensino fundamental no século XXI - questões e desafios*. (pp. 529-545). Porto Alegre: Editora da ULBRA.
- Luckasson, R.; Borthwick-Duffy, S., Buntinx, W. H. E., Coulter, D. L., Craig, E. M., Reeve, A., Schalock, R. L., Snell, M. A., Spitalnik, D. M., Spreat, S., & Tassé, M. J. (2002). *Menta Retardation: Definition, classification and systems of supports*. Washington, DC: American Association on Mental Retardation.
- Mantoan, M. (2003). *Inclusão escolar: O que é? Porquê? Como fazer?* São Paulo: Editora Moderna.
- Martins, E. (1996). *Síntese de investigação qualitativa*. Castelo Branco: Instituto Politécnico de Castelo Branco. Escola Superior de Educação.
- Mesquita, H. (2002). Uma nova política em necessidades educativas especiais: o decreto de lei 319/91- rumo a uma escola inclusiva. *Educare Educere*, (13), 105-118.
- Mesquita, H. (2004). A renovação na formação de professores em necessidades educativas especiais. *Educare Educere*, (nº16), 95-114.
- Mesquita, H. (2005). O papel do professor face às mudanças educativas e processos de inovação numa escola para todos. *Educare Educere*, (17), 29-40.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Morato, P. & Santos, S. (2007). *Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais. A Mudança de Paradigma na Conceção da Deficiência Mental*. Revista de Educação Especial e Reabilitação. IV série. Vol. 14, 51-55.

Moreira, C. (2007). *Teorias e práticas de investigação*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa – ISCSP.

Morgado, J. (2010) Educação inclusiva – é preciso insistir. *Educação Inclusiva*, 1 (2), 24-25.

Niza, S. (1996). Necessidades Especiais de Educação: da exclusão à inclusão na escola comum. In. *Revista do Instituto de Inovação Educacional*, 9 (1-2), 139-149.

Portaria 611/ME/93 de 29 de junho, consultado em 12 de junho de 2014, de <http://www.prof2000.pt/users/ecaesever/port611.htm>

Queirós, S. (2007). *Organização e avaliação de programas de intervenção educativa junto de crianças e jovens com Multideficiência e Surdocegas*. Vila Nova de Gaia: Instituto Piaget.

Relatório Warnock Report (1978) Necessidades educativas especiais: a mudança pelo relatório Warnock, consultado em 12 de junho de 2014, de <https://ria.ua.pt/handle/10773/995>.

Relvas, A. P. (1982). *A Família: introdução ao seu estudo numa perspetiva sistémica*. Lisboa: Edições Afrontamento

Ribeiro, C. (2008). *Estudo Comparativo entre Crianças com Deficiência Mental e Sem Deficiência Mental, no Âmbito do Desenvolvimento Motor*, consultada em 12 de outubro de 2014. <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0434.pdf>.

Ribeiro, S. (2009). *Inclusão social dos jovens com deficiência mental: o papel da formação profissional*, consultada em 12 de outubro de 2014. http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/369/TM-ESEF_SaraRibeiro.pdf?sequence=1

Rebelo, M. (2011). *Concepções e práticas de professores do 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico face à inclusão de crianças com Necessidades Educativas Especiais*, consultada em 12 de outubro de 2014. <http://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/122/1/Concep%C3%A7%C3%B5es%20e%20pr%C3%A1ticas%20de%20professores%20do%202%C2%BA/20e%203%C2%BA%20ciclo%20do%20Ensino%20B%C3%A1sico.pdf>

Rodrigues, D. (2006). Dez ideias (mal) feitas sobre a educação inclusiva. In. D. Rodrigues (ed.). *Educação Inclusiva. Estamos a fazer progressos?* (pp. 75-88). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana (Fórum de estudos de educação inclusiva).

Sanches, I. (1995). *Professores de Educação Especial*. Porto: Porto Editora

Santos, S. (2007). *Estudo Psicométrico da Escala de Comportamento Adaptativo versão Portuguesa - ECAP*. Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Doutor no Ramo de Motricidade Humana, Especialidade de Educação Especial Faculdade de Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa. (não publicada).

Santos, S. (2010). A DID (Dificuldade Intelectual e Desenvolvimental) na Actualidade *Educação Inclusiva*. Vol. 1, nº 2, II-XVI.

Santos, S. & Morato, P. (2002). *Comportamento Adaptativo*. Porto: Porto Editora

Schalock, R. L., Borthwick-Duffy, S. A., Bradley, V. J., Buntinx, W. H. E., Coulter, D. L., Craig, E. M., Gomez, S. C., Lachapelle, Y., Luckasson, R. & Reeve, A. (2010). *Intellectual Disability - Definition, Classification, and Systems of Supports*. AAIDD. 11ª Edição, Washington, D. C..

Schalock, R.; Buntinx, W.; Borthwick-Duffy, S., Luckasson, R.; Snell, M.; Tassé, M. a: Wehmeyer, M.; (2007). *User's guide: Mental Retardation - definition, classification and systems of supports*. 10th Edition. AAIDD. USA.

Selau, B. (2010). *Inclusão na sala de aula*. São Luis/MA: EDUFMA.

Sprinthall e Sprinthall (1993). *Psicologia educacional, uma Abordagem desenvolvimentista*. Editora: McGraw-Hill.

Thompson, J., Bryant, B., Campbell, E., Craig, E., Hugues, C., Rotholz, D., et al. (2004). *Supports Intensity Scale - User Manual*. American Association on Mental Retardation.

Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planeamento e métodos*. 3ª edição. Porto Alegre: Bookman.

Anexos

Anexo I - Planificação Semanal



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

Planificação Semanal

Semana de 16 a 19 de abril de 2012

Estagiária:	Idade: 4 anos 20 crianças	Educadora Cooperante: _____	Professora Supervisora: _____
--------------------	--------------------------------------	---------------------------------------	---

<u>Tema: casa</u>		
<u>Áreas de Conteúdo:</u>	<u>Conteúdos:</u>	<u>Objetivos:</u>
Formação Pessoal e Social	Comunicação; Respeito; Autonomia.	Atribuir valor a comportamentos e atitudes seus e dos outros; Desenvolver atitudes de respeito; Desenvolver a autonomia.
Expressão e Comunicação	Linguagem Oral Fomentar o diálogo e o interesse em comunicar; Aprender a dar atenção e a escutar; Progressivo domínio da linguagem; Compreensão de mensagens orais; Exploração do carácter lúdico da comunicação.	Fomentar o diálogo; Saber escutar; Dizer poesias de forma lúdica; Compreender o conteúdo de diferentes fontes; Explorar o carácter lúdico da linguagem.
	Abordagem à Escrita Tentativas de escrita: escrita / imitação do nome; Familiarização com o código escrito; Controle Motor.	Identificar os trabalhos escrevendo os seus nomes. Valorizar e incentivar as tentativas de escrita; Adquirir um adestramento - controle motor específico - de mãos e dedos que possibilite o progressivo domínio do traço e dos signos gráficos.

<i>Expressão e Comunicação</i>	Tecnologias de Informação e Comunicação	Meios audiovisuais; Educação para os media.	Desenvolver a audição; Visualizar um filme.
	Expressão Plástica	Desenho livre; Dobragem; Pintura.	Desenvolver a criatividade; Fazer dobragens; Expressar-se plasticamente através da pintura.
	Expressão Motora	Dança como forma de ritmo produzido pelo corpo.	Adaptar os movimentos corporais a ritmos pré-estabelecidos.
	Expressão Musical	A letra da música; Reprodução dos timbres da casa; Identificação dos timbres da casa.	Aprender a letra da canção; Reproduzir os timbres da casa; Identificar os timbres da casa.
	Expressão Dramática	Linguagem dramática.	Dramatizar histórias inventadas.
<i>Expressão e Comunicação</i>	Matemática	Organização e Tratamento de Dados; Noção de número; Ordenação.	Pintar de acordo com as indicações da tabela de dupla entrada. Contar o número de objetos. Estabelecer relações entre os elementos de um conjunto (ordem).

<i>Conhecimento do Mundo</i>	Meio Social	<p>A Casa:</p> <ul style="list-style-type: none">▶ Identificar o seu tipo de habitação;▶ Etapas da construção de uma casa;▶ Utensílios de cada divisão. <p>O trabalho e os serviços:</p> <ul style="list-style-type: none">▶ Profissão: Pintor, Arquiteto, Engenheiro, Pedreiro, Operário, Canalizador, Eletricista, Ladrilhador, Carpinteiro.	<p>Identificar o seu tipo de habitação;</p> <p>Conhecer as etapas necessárias para a construir uma casa;</p> <p>Relacionar os utensílios com a divisão a que correspondem.</p> <p>Conhecer e valorizar os diversos tipos de trabalho e serviços numa comunidade organizada.</p>
------------------------------	-------------	--	---

Anexo II - Plano Diário

Plano Diário: 16 de abril de 2012 (2ª-feira)

<i>Áreas</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Atividades / Materiais</i>
		Rotinas.
<i>Formação Pessoal e Social</i>	Comunicação.	Apresentação das crianças à boneca Pimpinha.
<i>Expressão Dramática</i>	Linguagem Dramática	Interação/Brincadeiras com a boneca Pimpinha.
<i>Conhecimento do Mundo (Meio Social)</i>	A Casa: Identificar o seu tipo de habitação.	Identificação e contagem do tipo de habitação de cada criança.
<i>Matemática</i>	Noção de número.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cartaz ▪ Marcadores
<i>Linguagem Oral</i>	Fomentar o diálogo e o interesse em comunicar.	Diálogo com as crianças sobre a profissão do pintor;
<i>Conhecimento do Mundo (Meio Social)</i>	O trabalho e os serviços: Profissão: Pintor.	Aprendizagem a letra da música “Rafa Pintor”; Dizer a música com diversas entoações e ritmos.
<i>Tecnologias de Informação e Comunicação</i>	Meios audiovisuais.	Aprendizagem da música “Rafa Pintor”.
<i>Expressão Musical</i>	A letra da música.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitor de cd ▪ CD “Rafa e as profissões”
<i>Expressão Físico-Motora</i>	Dança como forma de ritmo produzido pelo corpo.	Aprendizagem da coreografia da música “Rafa Pintor”.
<i>Matemática</i>	Organização e Tratamento de Dados.	Elaboração de combinações. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Folha: “Pintando Casas”
		Rotinas; Almoço; Brincadeira livre.

Guião Descritivo:

- ▶ Preparação dos materiais utilizados para o presente dia.
- ▶ Seguidamente vai-se até ao ginásio dar os “Bons Dias” aos meninos, procede-se à rotina da higiene e depois dirigem-se para a sala.
- ▶ Durante a rotina de higiene surge um problema e a estagiária responsável precisa de o ir resolver. As crianças ficam com a educadora Ana e a auxiliar de educação e dirigem-se para a sala.
- ▶ De repente alguém bate à porta, aparece a boneca Pimpinha.
- ▶ A boneca perdeu a sua casa e anda à procura dela. Esta apresenta-se às crianças e pede que cada criança se apresente. Pergunta-se-lhes se a podem ajudar a encontrar a sua casa.
- ▶ Diz-se que na escola onde andou existia um chefe do dia, pergunta-se se no infantário também há. Como não sabe quem é, pergunta-se à educadora Ana quem é o chefe do dia.
- ▶ No placard que se encontra junto da mantinha está uma tabela com vários tipos de habitação e os nomes das crianças. Pede-se a cada criança que assinale com uma bolinha no sítio do seu nome a imagem mais parecida com a sua habitação.
- ▶ No fim da tarefa procede-se à contagem e coloca-se por baixo o número correspondente para sabermos qual o tipo de habitação que predomina.
- ▶ A boneca pergunta às crianças de que cor é a casa delas.
- ▶ Pergunta-se às crianças como se chama a pessoa que pinta as casa. Ela responde que tem um amigo que é o Rafa Pintor. Ele ensinou-lhe uma canção e ela vai ensiná-la aos seus novos amigos.
- ▶ Solicita-se às crianças que se levantem e formem uma roda.
- ▶ De seguida diz-se uma frase da música “Rafa Pintor” e os meninos repetem, diz-se a segunda frase da música e eles repetem e assim sucessivamente até terminarem a primeira quadra.
- ▶ O processo anterior repete-se também para a segunda e terceira quadra.
- ▶ Posteriormente vai-se dizendo a música com diferentes entoações.
- ▶ Quando os alunos já conseguirem dizer a música sem ajuda, poe-se o CD a tocar e ensina-se a melodia da mesma com a letra.

- ▶ Depois de já conseguirem cantar a música com a melodia, ensina-se uma coreografia adequada à mesma.
- ▶ Seguidamente pede-se às crianças que se sentem novamente na mantinha, com o intuito de lhes explicar a tarefa que se irá realizar.
- ▶ A casa da boneca não está pintada porque ela gosta de todas as cores e não consegue escolher. Pede-se ajuda aos meninos para a ajudar.
- ▶ Cada criança realiza uma tarefa em que têm vários elementos de uma casa com diversas combinações. Têm de observar os exemplos e fazer as restantes combinações. No fim com uma cruz assinalam a combinação que mais gostaram, de modo a escolherem a cor da casa da Pimpinha. Esta tarefa vai ser realizada em grupos de quatro.
- ▶ Os restantes colegas vão brincando nos cantinhos. À medida que elas vão terminando trocam com os companheiros que estavam a brincar.
- ▶ Seguidamente pede-se às crianças que se sentem na mantinha para dialogar com elas sobre o que fizeram nessa manhã.
- ▶ Entretanto pede-se aos meninos para formarem uma fila, as crianças e a Pimpinha saem da sala a cantar e a dançar a música do Rafa Pintor. No fim despede-se delas.
- ▶ Procede-se à rotina da higiene e de seguida vão almoçar. Durante o almoço a estagiária responsável aparece.

Plano Diário
17 de abril de 2012 (3^a-feira)

<i>Áreas</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Atividades / Materiais</i>
		Rotinas.
Expressão Dramática	Linguagem Dramática	Interação/Brincadeira com a boneca Pimpinha.
Formação Pessoal e Social	Respeito; Comunicação; Autonomia.	<p>Diálogo sobre o que é necessário para construir uma casa e respetivo registo das respostas.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Quadro ▪ Cartolina ▪ Marcador
Linguagem Oral	Compreensão de mensagens orais.	
Abordagem à Escrita	Familiarização com o código escrito.	
Tecnologias de Informação e Comunicação	Educação para os media.	<p>Visionamento de um filme “Construção de Uma Casa em 35 Dias”.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Computador ▪ Filme
Conhecimento do Mundo (Meio Social)	A Casa: Etapas da construção de uma casa; O trabalho e os serviços: Profissão: Arquiteto, Engenheiro, Pedreiro, Operário, Canalizador, Eletricista, Ladrilhador, Pintor e Carpinteiro.	Identificação das fases necessárias para construir uma casa e as profissões envolvidas.
Matemática	Ordenação.	<p>Realização de um jogo.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Jogo “A Construção de Uma Casa”
Expressão	Dobragens.	Dobragem de uma casa em papel e

<i>Plástica</i>		<p>ornamentação da mesma.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Quadrado em papel de várias cores. ▪ Vários tipos de papel ▪ Marcadores ▪ Tesouras ▪ Canetas Textil Colors ▪ Cola
<i>Linguagem Oral</i>	Progressivo domínio da linguagem.	<p>Aprendizagem da quadra “Uma Casa Para Eu Morar”</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Quadra “Uma Casa Para Eu Morar”
		<p>Rotinas;</p> <p>Almoço;</p> <p>Brincadeira livre.</p>

Guião Descritivo:

- ▶ Preparação dos materiais utilizados para o presente dia.
- ▶ Seguidamente vai-se até ao ginásio dar os “Bons Dias” aos meninos, procede-se à rotina da higiene e depois dirigem-se para a sala.
- ▶ Durante a rotina de higiene surge outro problema à estagiária responsável que precisa de o ir resolver. As crianças ficam com a educadora Ana e a auxiliar de educação e dirigem-se para a sala.
- ▶ De repente alguém bate à porta. É outra vez a boneca Pimpinha que ainda não foi embora, pois ainda não encontrou a sua casa.
- ▶ A boneca com a ajuda da educadora Ana diz quem é o chefe do dia.
- ▶ Questiona-se as crianças que se encontram sentadas na mantinha como se faz uma casa, o que é preciso para construir uma casa. Com a ajuda de uma cartolina e de um marcador registam-se as respostas das crianças.
- ▶ A boneca fica muito admirada com as respostas, porque pensava que as outras casas eram como a sua, feita com madeira.
- ▶ De seguida assistirão a um filme para confirmarem as suas respostas. Durante o filme a bonequinha explica o que estão a observar. No fim

relembra as fases que são necessárias para a construção de uma casa e fala das profissões envolvidas neste processo.

- ▶ A boneca apresenta um jogo às crianças. O jogo consiste em colocar pela ordem correta como se constrói uma casa, esta exploração é feita em conjunto. O jogo vai ficar na sala para que cada criança possa jogar posteriormente.
- ▶ Seguidamente as crianças vão construir uma casa em papel. Todas as crianças se sentam nas mesas de trabalho e é entregue um quadrado de papel de cor a cada criança. Explica-se que vão fazer dobragens com o quadrado até ficar transformado numa casa.
- ▶ A boneca vai explicando como se faz, vai de mesa em mesa para ver se está correto a dobragem e só depois se passa para o passo seguinte. Este processo acontece até se construir a casa.
- ▶ Depois de todos terem construído a sua casa vão se sentar na mantinha para a explicação da tarefa seguinte.
- ▶ Numa mesa colocam-se diversos materiais para que cada criança ornamente a sua casa a seu gosto. Esta tarefa vai ser realizada em grupos de quatro.
- ▶ Os restantes colegas vão brincando nos cantinhos. À medida que elas vão terminando trocam com os companheiros que estavam a brincar.
- ▶ No fim de todas as crianças realizarem a sua tarefa pede-se que se sentem na mantinha com as suas casas ornamentadas para aprenderem a quadra “Uma Casa Para Eu Morar”. A boneca diz uma frase de casa vez e pede para as crianças repetirem. No fim da quadra estar aprendida dizem todos juntos.
- ▶ Entretanto pede-se aos meninos para formarem uma fila, as crianças e a Pimpinha saem da sala a dizerem a quadra que aprenderam. No fim despede-se delas.
- ▶ Procede-se à rotina da higiene e de seguida vão almoçar. Durante o almoço a estagiária responsável aparece.

Plano Diário
18 de abril de 2012 (4ª-feira)

<i>Áreas</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Atividades / Materiais</i>
		Rotinas.
<i>Abordagem à Escrita</i>	Familiarização com o código escrito.	Ensino do pictograma “A Minha Casa” e exploração deste. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pictograma
<i>Formação Pessoal e Social</i>	Comunicação.	
<i>Linguagem Oral</i>	Compreensão de mensagens orais.	
<i>Expressão Musical</i>	Reprodução de timbres da casa.	Diálogo sobre os sons que existem numa casa e exemplificação dos mesmos.
	Identificação dos timbres da casa.	Realização do jogo “Sons da Casa”. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Leitor de CD ▪ CD com os sons da casa
<i>Tecnologias de Informação e Comunicação</i>	Meios audiovisuais.	Leitor de CD CD com os sons da casa
<i>Conhecimento do Mundo (Meio Social)</i>	A Casa: Utensílios de cada divisão.	Identificação dos utensílios da cozinha. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Utensílios em madeira
	Controle Motor; Tentativas de escrita: Escrita / Imitação do nome.	Rodear os utensílios da cozinha numa folha. <ul style="list-style-type: none"> ▪ Folha “Um Passeio Pela Cozinha” ▪ Lápis de cor
<i>Expressão Plástica</i>	Pintura.	

		Rotinas; Almoço; Brincadeira livre.
--	--	---

Guião Descritivo:

- ▶ Preparação dos materiais utilizados para o presente dia.
- ▶ Seguidamente vai-se até ao ginásio dar os “Bons Dias” aos meninos, procede-se à rotina da higiene e depois dirigem-se para a sala.
- ▶ Durante esta rotina mais uma vez surge um problema à estagiária responsável que precisa de o ir resolver. As crianças ficam com a educadora Ana e a auxiliar de educação e dirigem-se para a sala.
- ▶ De repente alguém bate à porta. É novamente a boneca Pimpinha.
- ▶ Com a ajuda da educadora Ana, a boneca diz quem é o chefe do dia.
- ▶ Ensina-se às crianças o pictograma “A Minha Casa”, fazendo a sua exploração.
- ▶ Perguntar às crianças que sons podem existir numa casa. Pede-se que digam e exemplifiquem esse som.
- ▶ Será realizado o jogo “Os Sons da Casa”. Vão ser distribuídos pelas crianças vários cartões. Depois de ouvirem o som têm de mostrar a imagem correspondente.
- ▶ No fim do jogo a casa da boneca Pimpinha aparece, ela fica muito feliz. Abre a porta da sua casa e vê que não há nada lá dentro.
- ▶ Ao lado está um saco, ela abre-o e começa a tirar o que se encontra dentro deste. Enquanto se tira, pergunta-se como se chama cada utensílio.
- ▶ Todos juntos chegam à conclusão de que se trata dos utensílios da cozinha.
- ▶ Pede-se a cada criança que escolha um utensílio e ajude a montar a cozinha.
- ▶ Depois de terem montado a cozinha explica-se a tarefa seguinte.
- ▶ Vai ser distribuída a cada criança uma folha onde vão ter de fazer um círculo nos objetos que se encontram numa cozinha. Esta tarefa vai ser realizada em grupos de quatro.

- ▶ Os restantes colegas vão brincando nos cantinhos. À medida que elas vão terminando trocam com os companheiros que estavam a brincar.
- ▶ No fim de todas as crianças realizarem a sua tarefa pede-se que se sentem na mantinha para dialogar sobre o que fizeram nessa manhã.
- ▶ Entretanto pede-se aos meninos para formarem uma fila, as crianças e a Pimpinha saem da sala a cantar. No fim despede-se delas.
- ▶ Procede-se à rotina da higiene e de seguida vão almoçar. Durante o almoço a estagiária responsável aparece.

Plano Diário
19 de abril de 2012 (5ª-feira)

<i>Áreas</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Atividades / Materiais</i>
		Rotinas
<i>Linguagem Oral</i>	Aprender a dar atenção e a escutar; Exploração do carácter lúdico da comunicação.	Conto do poema “Numa Casa Muito Estranha” e exploração do mesmo. ▪ Poema “Numa Casa Muito Estranha”
<i>Formação Pessoal e Social</i>	Comunicação.	
<i>Conhecimento do Mundo (Meio Social)</i>	A Casa: Utensílios de cada divisão.	Separação dos utensílios pelas divisões a que correspondem. ▪ Cartões das divisões e dos utensílios.
		Identificação dos utensílios da sala, da casa de banho e dos quartos e construção da respetiva divisão da casa. ▪ Utensílios em madeira
<i>Abordagem à Escrita</i>	Controle motor; Tentativas de escrita: Escrita / Imitação do nome.	Ligar os utensílios à divisão correspondente numa folha. Pintura dos mesmos. ▪ Folha “Vamos Arrumar a Casa” ▪ Lápis de cor
<i>Expressão Plástica</i>	Pintura.	
		Rotinas; Almoço; Brincadeira livre.

Guião Descritivo:

- ▶ Preparação dos materiais utilizados para o presente dia.
- ▶ Seguidamente vai-se até ao ginásio dar os “Bons Dias” aos meninos, procede-se à rotina da higiene e depois dirigem-se para a sala.
- ▶ Durante a rotina de higiene mais uma vez surge um problema à estagiária responsável que precisa de o ir resolver. As crianças ficam com a educadora Ana e a auxiliar de educação e dirigem-se para a sala.
- ▶ De repente alguém bate à porta. É de novo a boneca Pimpinha.
- ▶ A boneca com a ajuda da educadora Ana diz quem é o chefe do dia.
- ▶ Com as crianças sentadas na mantinha a boneca Pimpinha começa a andar pela sala a soletrar o poema “Numa Casa Muito Estranha”. No fim pergunta às crianças se o que diz está correto.
- ▶ Para ajudar a colocar os utensílios na divisão certa vão estar vários cartões correspondentes a esses elementos. Faz-se a separação de cada divisão da casa e coloca-se cada utensílio na divisão certa. No final diz-se o poema na ordem correta.
- ▶ A boneca encontra um saco, ela abre-o e começa a tirar o que lá se encontra. Enquanto tira pergunta como se chamam aqueles utensílios.
- ▶ Todos juntos chegam à conclusão de que se tratam dos utensílios da sala, da casa de banho e dos quartos.
- ▶ Pede-se a cada criança que escolha um utensílio e ajude a construir a divisão a que correspondem. Depois de terem terminado explica-se a tarefa seguinte.
- ▶ Distribui-se por cada criança uma folha onde vão ter de ligar os objetos à divisão que pertencem para a casa ficar arrumada. Os objetos depois de ligados serão coloridos. Esta tarefa vai ser realizada em grupos de quatro.
- ▶ Os restantes colegas vão brincando nos cantinhos. À medida que elas vão terminando trocam com os companheiros que estavam a brincar.
- ▶ No fim de todas as crianças realizarem a sua tarefa pede-se que se sentem na mantinha para dialogar sobre o que fizeram nessa manhã.
- ▶ A boneca Pimpinha diz que se vai embora, porque já encontrou a sua casa e já está arrumada. Despeço-me de todas as crianças com a frase “Vitória, vitória acabou-se a história e tira a sua peruca. Explico que o

que aconteceu durante a semana foi a história da boneca e que as histórias não são só em livros.

- ▶ Procede-se à rotina da higiene e de seguida vão almoçar. Durante o almoço a estagiária responsável aparece.

Anexo III – Planificação Semanal

INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS AFONSO DE PAIVA
ESCOLA BÁSICA DE SÃO TIAGO

PLANIFICAÇÃO DIDÁTICA GUIÃO DE ATIVIDADES			
Elementos de identificação			
<i>Professor(a) Cooperante: Professora</i>			
<i>Alunos de Prática Supervisionada:</i>			
<i>Professor Supervisor: Professor</i>			
<i>Turma: ST – 3º ano</i>			
<i>Unidade temática: A importância do Sol e do ar puro.</i>			
<i>Semana de 4 de dezembro de 2012 a 6 de dezembro de 2012</i>			
Seleção do conteúdo programático			
Objetivos didáticos gerais			
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar problemas concretos relativos ao seu meio e colaborar em ações ligadas à melhoria do seu quadro de vida. (Estudo do Meio) • Produzir textos escritos com intenções comunicativas diversificadas. (Língua Portuguesa) • Compreender o sistema de numeração decimal. (Matemática) • Cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios, compreendendo e aplicando as regras combinadas na turma, bem como os princípios de cordialidade e respeito na relação com os colegas e o professor. (Expressões) 			
Sequenciação do conteúdo programáticos por áreas curriculares			
Estudo do Meio			
<i>Competências/ Tópicos/Blocos</i>	<i>Descritores de desempenho / Objetivos específicos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Resultados esperados / Avaliação</i>
Bloco 1 – À descoberta de si mesmo. A saúde do seu corpo.	Reconhecer a importância do ar puro e do sol para a saúde.	A saúde do seu corpo.	Conhece a importância do ar puro e do sol para a saúde.

Língua Portuguesa			
<i>Competências/ Tópicos/Blocos</i>	<i>Descritores de desempenho / Objetivos específicos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Resultados esperados / Avaliação</i>
1.Compreensão do oral; 2.Expressão oral. 3.Leitura; 4.Escrita; 5.Conhecimento explícito da língua.	Presta atenção ao que ouve de modo a tornar possível: identificar diferentes intencionalidades comunicativas; identificar ideias-chave. Utilizar técnicas para recolher, organizar e reter a informação: sublinhar; tomar notas; esquemematizar; Redigir textos (de acordo com o plano previamente elaborado), respeitando as convenções ortográficas e de pontuação: utilizando os mecanismos de coesão e de coerência adequados. Classificar palavras quanto à sílaba tónica.	Intencionalidade comunicativa: informar; recrear; mobilizar a ação. Informação relevante e acessória. Planificação de textos. Pontuação, ortografia. Sílaba tónica. Sílaba átona.	Compreende o que ouve para retirar a informação mais importante. Consegue localizar a informação relevante e acessória. Consegue redigir um texto sobre a importância do sol e do ar puro. Respeita as regras de pontuação e ortográficas do mesmo. Consegue classificar nas palavras selecionadas a sílaba tónica e a sílaba átona.
Matemática			
<i>Competências/ Tópicos/Blocos</i>	<i>Descritores de desempenho / Objetivos específicos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Resultados esperados / Avaliação</i>
Números e operações com números naturais.	Ler e representar números 10000. Compreender o valor posicional de um algarismo no sistema de numeração decimal – milhar (abordagem das classes).	Leitura e escrita de números.	Lê e representa números até 10000. Compreende o valor posicional no sistema de numeração decimal – milhar.
Expressões			
<i>Competências/ Tópicos/Blocos</i>	<i>Descritores de desempenho / Objetivos específicos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Resultados esperados / Avaliação</i>
Expressões	Consolidar alguns conhecimentos acerca da poluição com a ajuda de um jogo.	Jogo de exploração: - Objetos.	Compreende as regras que são pedidas no jogo.
Projeto Educativo Individual			
<i>Projeto</i>	<i>Objetivos didáticos</i>	<i>Materiais/Recursos</i>	<i>Áreas Curriculares de relação</i>
Projeto Educativo Individual.	Identificar e desenhar as vogais. Copiar da letra de imprensa para a manuscrita e vice-versa. Conhecer os números de	Guiões de trabalho. O método das 28 palavras.	Língua Portuguesa; Matemática.

Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico

2012

Projeto Educativo Individual.	Identificar e desenhar as vogais. Copiar da letra de imprensa para a manuscrita e vice-versa. Conhecer os números de 1 a 10. Fazer adições simples. Escrever o seu nome. Associar a palavra à imagem. Cumprir as regras que lhe são dirigidas.	Guiões de trabalho. O método das 28 palavras.	Língua Portuguesa; Matemática.
--------------------------------------	---	--	---

Anexo IV – Planificação da 2ª Semana Individual

Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem Guião de aula	
Terça-feira 04/12/2012	Responsável pela execução:
<p>Tema integrador: A importância do Sol e do ar puro.</p> <p>Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade: poluição; ar puro;</p>	<p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Centrifugadora das aventuras; ○ Estrela e Ulisses; ○ Caixa com o DVD; ○ Computador; ○ Projetor; ○ Filme “Poluição - As suas consequências”; <p>http://www.youtube.com/watch?v=bFOyyICUITY</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Livro em suporte digital “Natal nas Asas do Arco-íris” <p>http://www.authorstream.com/Presentation/silviamelchior-291115-natal-nas-asas-arcoiris-1-education-ppt-powerpoint/</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Manual de Estudo do Meio; ○ Guião.
<p>Elemento integrador geral: Centrifugadora das aventuras, sendo que esta irá conter o elemento integrador de cada dia. Este elemento servirá para estimular as crianças e desenvolver o sentido de responsabilidade.</p> <p>Elemento integrador da semana: O elemento integrador do dia será a Estrela e o Ulisses a segurar uma caixa que tem lá dentro um DVD com uma etiqueta a dizer “poluição”. Tal como em cada dia da semana anterior será o aluno que se portou melhor e teve melhor avaliação no guião que terá oportunidade de experimentar a aventura do dia na centrifugadora.</p>	
<p>SUMÁRIO</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Abordagem à importância do Sol e do ar puro - Estudo do Meio. ❖ Realização da questão 1 e 2 da página 46 do Manual de Estudo do Meio. ❖ Leitura e análise da primeira parte do texto “Natal nas Asas do Arco-íris” - Língua Portuguesa. 	
<p>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Abordagem em contexto didático / Sistematização em contexto didático / Avaliação em contexto didático / Ampliação/reforço em contexto didático</i> 	
<p style="text-align: center;">Designação da atividade</p> <p style="text-align: center;"><u>Abordagem em contexto didático.</u></p> <p style="text-align: center;">Atividade 1</p> <p>Descodificação do tema da</p>	<p style="text-align: center;">Procedimentos de execução</p> <p>1.1. Observação do objeto. 1.2. Visionamento do filme.</p> <p>http://www.youtube.com/watch?v=bFOyyICUITY</p>

<p>semana através do objeto encontrado na centrífuga das aventuras.</p> <p><u>Ampliação/reforço em contexto didático.</u></p> <p>Atividade 2</p> <p>Realização das questões 1 e 2 da página 46 do Manual de Estudo do Meio.</p> <p><u>Sistematização em contexto didático.</u></p> <p>Atividade 3</p> <p>Leitura e análise da primeira parte do texto “Natal nas Asas do Arco-íris”.</p> <p>(http://www.authorstream.com/Presentation/silviamelchior-291115-natal-nas-asas-arcoiris-1-education-ppt-powerpoint/)</p> <p><u>Sistematização em contexto didático.</u></p> <p>Atividade individual do aluno com NEE</p> <p>Realização de duas atividades:</p> <p>A. Pinta com a mesma cor as letras que são iguais.</p>	<p>1.3. Comentário escrito sobre o mesmo.</p> <p>1.4. Leitura de alguns comentários sobre o filme por alguns alunos escolhidos aleatoriamente.</p> <p>2.1. Leitura dos enunciados por vários alunos escolhidos ao acaso.</p> <p>2.2. Realização das questões individualmente.</p> <p>2.3. Correção das questões oralmente por alguns alunos escolhidos aleatoriamente.</p> <p><u>Antes da leitura</u></p> <p>-Discussão sobre a possível articulação entre uma cidade cinzenta e a poluição.</p> <p><u>Durante a leitura</u></p> <p>-Leitura em voz alta pela professora estagiária.</p> <p>-Leitura em voz alta por alguns elementos da turma (selecionados aleatoriamente).</p> <p><u>Depois da leitura</u></p> <p>- Resolução de algumas questões que se encontram no guião de trabalho.</p> <p><u>Exemplo:</u></p> <p>De que cor era a cidade do texto que foi lido?</p> <p>Quem é a personagem principal do texto?</p> <p>Como se sentiam as crianças da história?</p> <p>❖ Leitura e explicação do enunciado do problema pela professora estagiária.</p> <p>❖ Resolução do problema.</p> <p>❖ Correção do problema.</p>
---	---



B. Traça o caminho que leva o Pedro até à bola.

<p>Quarta-feira 05/12/2012</p>	<p>Responsável pela execução:</p>
------------------------------------	--

Tema integrador: A importância do Sol e do ar puro.

Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade: poluição; ar puro; sílaba tónica; sílaba átona.

Elemento integrador: O elemento integrador do dia será a Estrela e o Ulisses a segurar um cartaz que dará continuidade ao tema da poluição. Tal como no dia anterior será o aluno que se portou melhor e teve melhor avaliação no guião que terá oportunidade de experimentar a aventura do dia na centrífugadora.

Recursos:


- Centrífugadora das aventuras;
- Estrela e Ulisses;
- Cartaz;
- Livro: [“Sim eu posso! Ajudar a salvar o Planeta”, da autora Emma Brownjohn, da editora Alêtheia Editores.](#)
- Manual de Estudo do Meio;
- Computador;
- Projetor;
- Livro em suporte digital “Natal nas Asas do Arco-íris”

[\(http://www.authorstream.com/Presentation/silviamelchior-291115-natal-nas-asas-arcoiris-1-education-ppt-powerpoint/\)](http://www.authorstream.com/Presentation/silviamelchior-291115-natal-nas-asas-arcoiris-1-education-ppt-powerpoint/)

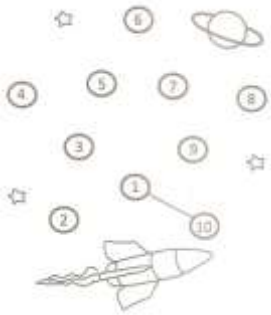
- Guiões.

<p>SUMÁRIO</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Continuação do tema: A importância do Sol e do ar puro - Estudo do Meio. ❖ Análise do livro “Sim, eu posso! Ajudar a salvar o Planeta” - Língua Portuguesa e Estudo do Meio. ❖ Realização da questão 3 da página 46 do Manual de Estudo do Meio. ❖ Leitura e análise da segunda parte do texto “Natal nas Asas do Arco-íris” - Língua Portuguesa. ❖ Abordagem ao conteúdo: A sílaba tónica e a sílaba átona - Língua Portuguesa. 	
<p>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Abordagem em contexto didático / Sistematização em contexto didático / Avaliação em contexto didático / Ampliação/reforço em contexto didático</i> 	
<p style="text-align: center;">Designação da atividade</p> <p style="text-align: center;"><u>Sistematização em contexto didático</u></p> <p style="text-align: center;">Atividade 1</p> <p>Continuação do tema da semana através do objeto (cartaz) encontrado na centrífugadora das aventuras.</p> <p style="text-align: center;"><u>Sistematização em contexto didático</u></p> <p style="text-align: center;">Atividade 2</p> <p>Observação e análise do livro: <u>“Sim eu posso! Ajudar a salvar o Planeta”, da autora Emma Brownjohn, da editora Alêtheia Editores.</u></p> <p style="text-align: center;"><u>Ampliação/reforço em contexto didático.</u></p> <p style="text-align: center;">Atividade 3</p> <p>Realização da atividade 3 e do “gosto de saber” da página 46 do Manual de Estudo do Meio.</p>	<p style="text-align: center;">Procedimentos de execução</p> <p>1.1. Observação do cartaz encontrado na centrífugadora das aventuras.</p> <p>1.2. Análise do mesmo.</p> <p>1.3. Elaboração de um pequeno texto que nos ajude a melhorar o nosso planeta.</p> <p>1.4. Leitura de alguns textos por alguns alunos escolhidos aleatoriamente.</p> <p>2.1. Observação e análise do livro.</p> <p>2.2. Comentário oral dos alunos sobre o que observam.</p> <p>3.1. Leitura do enunciado por um aluno escolhido ao acaso.</p> <p>3.2. Realização da questão individualmente.</p> <p>3.3. Leitura silenciosa do “gosto de saber”.</p> <p>3.4. Elaboração de mais dois tópicos que cada aluno acha que falta no “gosto de saber”.</p> <p>3.5. Correção oral das questões por alguns alunos escolhidos ao acaso.</p>

<p><u>Sistematização em contexto didático.</u></p> <p>Atividade 4</p> <p>Leitura e análise da segunda parte do texto “Natal nas Asas do Arco-íris”.</p> <p>(http://www.authorstream.com/Presentation/silviamelchior-291115-natal-nas-asas-arcoiris-1-education-ppt-powerpoint/)</p>	<p><u>Antes da leitura</u></p> <p>- Continuação da discussão sobre a possível articulação entre uma cidade cinzenta e a poluição.</p> <p><u>Durante a leitura</u></p> <p>-Leitura em voz alta pela professora estagiária.</p> <p>-Leitura em voz alta por alguns elementos da turma (selecionados aleatoriamente).</p> <p><u>Depois da leitura</u></p> <p>- Resolução de algumas questões que se encontram no guião de trabalho.</p> <p><u>Exemplo:</u></p> <p>Quem era a Ariela? Como era a fada Ariela? O que é que as fadas iriam transmitir ao Pai Natal?</p>
<p><u>Abordagem em contexto didático.</u></p> <p>Atividade 5</p> <p>A descoberta da sílaba tónica e da sílaba átona.</p> <p>Estratégias utilizadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Bater as palmas para descobrir o número de sílabas que possui a palavra escolhida. ▪ Para descobrir a sílaba que se pronuncia com mais intensidade (sílaba tónica), “vai chamar-se” a palavra que foi escolhida. 	<p>5.1. Leitura dos enunciados da atividade por vários alunos escolhidos ao acaso.</p> <p>5.2. Realização no quadro de outras palavras que não se encontram na atividade pela professora estagiária para ajudar a compreender este novo conteúdo.</p> <p>5.3. Realização das questões individualmente.</p> <p>5.4. Correção das questões no quadro por alguns alunos escolhidos ao acaso.</p>
<p><u>Sistematização em contexto didático.</u></p> <p>Atividade individual do aluno com NEE</p> <p>Realização de duas atividades:</p> <p>A. Conta as bolas que cada menino tem no seu saco e escreve na etiqueta o número que lhe corresponde.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Leitura e explicação do enunciado do problema pela professora estagiária. ❖ Resolução do problema. ❖ Correção do problema.



B. Une os números pela ordem correta e descobre qual é o objeto formado



Quinta-feira 06/12/2012	Responsável pela execução:
----------------------------	-----------------------------------


Tema integrador: A importância do Sol e do ar puro.

Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade: milhar.

Elemento integrador: O elemento integrador do dia será o livro “Sim eu posso! Ajudar a salvar o Planeta”_que se encontra ao pé do Ulisses e da Estrela. Tal como no dia anterior será o aluno que se portou melhor e teve melhor avaliação no guião que terá oportunidade de experimentar a aventura do dia na centrífugadora.

- Recursos:**
- Centrífugadora das aventuras;
 - Estrela e Ulisses;
 - Livro: [“Sim eu posso! Ajudar a salvar o Planeta”, da autora Emma Brownjohn, da editora Alêtheia Editores.](#)
 - Manual de Matemática;
 - Jogo ecológico que se encontra no livro em cima referido;
 - Guiões.

<p>SUMÁRIO</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ Sistematização do conteúdo: sílaba tónica e sílaba átona - Língua Portuguesa. ❖ Abordagem das classes (milhar) - Matemática. ❖ Realização das questões 1, 2, 3, 3.1 e 3.2 das páginas 48 e 49 do Manual de Matemática. ❖ Realização do jogo ecológico - Estudo do Meio e Expressões. 	
<p>Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Abordagem em contexto didático / Sistematização em contexto didático / Avaliação em contexto didático / Ampliação/reforço em contexto didático</i> 	
<p style="text-align: center;">Designação da atividade</p> <p>Atividade 1</p> <p><u>Sistematização em contexto didático.</u></p> <p>A Estrela e o Ulisses querem saber se os alunos estiveram com atenção à última atividade que realizaram sobre a sílaba tónica e a sílaba átona.</p> <p><u>Abordagem em contexto didático.</u></p> <p>Atividade 2</p> <p>“Davam abraços e soltavam gargalhadas”. Neste dia o Jerónimo e os seus pais deram <u>1253</u> abraços e gargalhadas.</p> <p>A que ordem pertence este número?</p> <p>Realização da atividade 1, 2, 3, 3.1 e 3.2 das páginas 48 e 49 do Manual de Matemática.</p> <p><u>Avaliação em contexto didático.</u></p> <p>Atividade 3</p> <p>“Arrumação” de ideias sobre a importância do sol e do ar puro</p>	<p style="text-align: center;">Procedimentos de execução</p> <p>1.1. Leitura do enunciado da atividade por vários alunos escolhidos ao acaso.</p> <p>1.2. Realização das questões individualmente.</p> <p>1.3. Correção das questões no quadro por dois alunos escolhidos ao acaso.</p> <p>2.1. Leitura do enunciado por um aluno escolhido ao acaso.</p> <p>2.2. Realização das atividades em grande grupo.</p> <p>2.3. Correção das questões no quadro pela professora estagiária.</p> <p>2.4. Leitura dos enunciados por vários alunos escolhidos ao acaso.</p> <p>2.5. Realização das questões individualmente.</p> <p>2.6. Correção das questões no quadro por alguns alunos escolhidos aleatoriamente.</p> <p>3.1. A professora estagiária forma cinco grupos com quatro elementos.</p> <p>3.2. Será entregue a cada grupo o material necessário para jogar.</p> <p>3.3. Explicação das regras do jogo.</p> <p>❖ Leitura e explicação do enunciado do problema pela</p>

<p>através do “jogo ecológico”.</p> <p><u>Sistematização em contexto didático.</u></p> <p>Atividade individual do aluno com NEE</p> <p>Realização de duas atividades:</p> 	<p>professora estagiária.</p> <ul style="list-style-type: none">❖ Resolução do problema.❖ Correção do problema.
<p>Reflexão</p>	

O/A
Cooperante: _____

Professor(a)

O Professor Supervisor: _____

O aluno de PS: _____

Anexo V – Formulário de Referenciação

Formulário de Referenciação

Ano letivo 2011/2012

Agrupamentos de Escolas:

Entidade ou pessoa responsável pela referenciação:

Data da referenciação:

Nome: José

Data de nascimento: 2004

Morada:

Telefone:

Nível de Educação ou Ensino: 1º Ciclo do Ensino Básico

Ano de Escolaridade: 2º ano

Turma: ST

Motivo da Referenciação

Segundo o relatório de 12/10/2010:

“A sua maturidade apresenta défice nas várias áreas de desenvolvimento que lhe dificultam a realização das aprendizagens previstas para o seu ano de escolaridade. As dificuldades mais relevantes são manifestadas nas seguintes áreas: coordenação visuomotora, memória motora, coordenação audiomotora, capacidade de prolação, memorização auditiva, fatigabilidade, atenção dirigida, vocabulário e compreensão geral...”

“Foi pedida a intervenção da Terapia da Fala, do Núcleo de Educação Especial do Agrupamento” (...)

Relativamente a esta solicitação, a mesma não teve lugar, devido à rejeição do aluno, em participar na sessão de avaliação com a terapeuta.

Anexo VI – Roteiro de Avaliação

Roteiro de Avaliação

Dados de Identificação	
Nome: José	Ano de Escolaridade: 2º
Data de Nascimento: 2004	Escola: EB 1 - Castelo Branco

Descrição da Situação do Aluno
<p>O José frequentou o Jardim de Infância apenas durante alguns dias, em 2008/2009 28 dias e em 2009/2010 um dia.</p> <p>Frequenta a EB1, do Agrupamento de Castelo Branco desde o ano letivo de 2010/2011.</p>

Equipa Pluridisciplinar	
Nome	Função/Serviço a que pertence
	Professora Titular de Turma Professora de Educação Especial Psicólogo (SPO)

O Que Avaliar?					
<u>Funcionalidade e Incapacidade</u>					
Componentes	<u>Categorias</u>				
	Capítulos	Código	Descrição	Dados já existentes	Informação a recolher
<i>Atividade e Participação</i>	Capítulo 1	d160	Concentrar a atenção	X	
		d161	Dirigir a atenção	X	
		d163	Pensar	X	
		d140	Aprender a ler	X	
		d170	Aprender a escrever	X	
		d172	Aprender a calcular		
	Capítulo 2	d210	Realizar uma única tarefa	X	
				X	
	Capítulo 7	d710	Interações pessoais básicas	X	
	Capítulo 8	d810	Educação Escolar	X	
<i>Funções do corpo</i>	Capítulo 1	b117	Funções intelectuais	X	
		b130	Funções das energias e dos impulsos	X	
		b167	Funções mentais da linguagem	X	
				X	
				X	
<i>Fatores ambientais</i>	Capítulo 3	e355	Profissionais de Saúde	X	
	Capítulo 5	e570	Relacionados com a Segurança Social	X	
<i>Outros fatores contextuais relevantes, incluindo fatores pessoais</i>					

Como Avaliar?					
Componentes	Categorias	Fonte de Informação	Instrumentos a usar	Profissional Responsável	Calendarização
<i>Atividade e Participação</i>	d140 Aprender a ler d145 Aprender a escrever d150 Aprender a calcular d160 Concentrar a atenção d161 Dirigir a atenção d163 Pensar	Pais, aluno, professores	-Observação naturalista; -Entrevista ao aluno e ao pai.	-Professora Titular de Turma; -Professora de Educação Especial; -Psicólogo	Novembro 2011
<i>Funções do corpo</i>	b117 Funções intelectuais b126 Funções do temperamento e da personalidade b130 Funções da energia e dos impulsos b140 Funções da atenção b144 Funções da memória b147 Funções psicomotoras b152 Funções emocionais b163 Funções cognitivas básicas b167 Funções mentais da linguagem	Aluno	-Testes psicológicos; -Testes pedagógicos; -Relatórios médicos.	-Professora Titular de Turma; -Professora de Educação Especial; -Médico; -Psicólogo	Novembro 2011
<i>Fatores ambientais</i>	Capítulo 3 e355 Profissionais de saúde Capítulo 5 e570 Relacionados com a Segurança Social	Aluno, pais e colegas	-Observação naturalista; -Entrevista ao aluno e ao pai.	-Professora Titular de Turma; -Professora de Educação Especial; -Médico -Psicólogo	Novembro 2011

Funções do Corpo

Nota: Assinale com uma cruz (X), à frente de cada categoria, o valor que considera mais adequado à situação de acordo com os seguintes qualificadores:

0-Nenhuma deficiência; **1**-Deficiência Ligeira; **2**-Deficiência Moderada; **3**-Deficiência Grave;
4-Deficiência Completa; **8**-Não Especificada (1); **9**-Não Aplicável (2)

(1)-Este quantificador deve ser utilizado sempre que não houver informação suficiente para especificar a gravidade da deficiência;

(2)- Este quantificador deve ser utilizado nas situações em que seja inadequado aplicar um código específico.

Qualificadores	0	1	2	3	4	8	9
Capítulo 1 - Funções Mentais							
(Funções Mentais Globais)							
b110 Funções da consciência							
b114 Funções da orientação no espaço e no tempo							
b117 Funções intelectuais				X			
b122 Funções psicossociais globais							
b126 Funções do temperamento e da personalidade							
b130 Funções da energia e dos impulsos							
b134 Funções do sono							
(Funções Mentais Específicas)							
b140 Funções da atenção							
b144 Funções da memória							
b147 Funções psicomotoras							
b152 Funções emocionais				X			
b156 Funções da percepção							
b163 Funções cognitivas básicas				X			
b164 Funções cognitivas de nível superior							
b167 Funções mentais da linguagem				X			
b172 Funções do cálculo							
Capítulo 2 - Funções sensoriais e dor							
b210 Funções da visão							
b215 Funções dos anexos do olho							
b230 Funções auditivas							
b235 Funções vestibulares							
b250 Função gustativa							
b255 Função olfativa							

b260 Função propriocetiva									
b265 Função tátil									
b280 Sensação de dor									
Capítulo 3 - Funções da Voz e da Fala									
b310 Funções da voz									
b320 Funções de articulação									
b330 Funções da fluência e do ritmo da fala									
Capítulo 4 - Funções do aparelho cardiovascular, dos sistemas hematológico e imunológico e do aparelho respiratório									
b410 Funções cardíacas									
b420 Funções da pressão arterial									
b429 Funções cardiovasculares, não especificadas									
b430 Funções do sistema hematológico									
b435 Funções do sistema imunológico									
b440 Funções da respiração									

Funções do Corpo

Nota: Assinale com uma cruz (X), à frente de cada categoria, o valor que considera mais adequado à situação de acordo com os seguintes qualificadores:

0-Nenhuma deficiência; **1**-Deficiência Ligeira; **2**-Deficiência Moderada; **3**-Deficiência Grave;
4-Deficiência Completa; **8**-Não Especificada (1); **9**-Não Aplicável (2)

(1)-Este quantificador deve ser utilizado sempre que não houver informação suficiente para especificar a gravidade da deficiência;

(2)- Este quantificador deve ser utilizado nas situações em que seja inadequado aplicar um código específico.

Qualificadores									
Capítulo 5 - Funções da Aparelho Digestivo e dos Sistemas Metabólicos e Endócrino									
b515 Funções digestivas									
b525 Funções de defecação									
b530 Funções de manutenção do peso									
b555 Funções das glândulas endócrinas									
Capítulo 6 - Funções Genitourinárias e Reprodutivas									
b620 Funções miccionais									
Capítulo 7 - Funções Neuromusculoesqueléticas e Funções Relacionadas com o Movimento									
b710 Funções relacionadas com a mobilidade das articulações									
b715 Estabilidade das funções das articulações									
b730 Funções relacionadas com a força muscular									
b735 Funções relacionadas com o tónus muscular									
b740 Funções relacionadas com a resistência muscular									
b750 Funções relacionadas com reflexos motores									
b755 Funções relacionadas com reações motoras involuntárias									
b760 Funções relacionadas com o controle do movimento voluntário									
b765 Funções relacionadas com o controle do movimento involuntário									

b770 Funções relacionadas com o padrão de marcha								
b780 Funções relacionadas com os músculos e funções do movimento								
Outras Funções Corporais a Considerar								

Atividade e Participação

Nota: Assinale com uma cruz (X), à frente de cada categoria, o valor que considera mais adequado à situação ao nível do desempenho (o que o indivíduo faz no ambiente de vida habitual) de acordo com os seguintes qualificadores:

0-Nenhuma deficiência; **1**-Deficiência Ligeira; **2**-Deficiência Moderada; **3**-Deficiência Grave;
4-Deficiência Completa; **8**-Não Especificada (3); **9**-Não Aplicável (4)

(3)-Este quantificador deve ser utilizado sempre que não houver informação suficiente para especificar a gravidade da deficiência;

(4)- Este quantificador deve ser utilizado nas situações em que seja inadequado aplicar um código específico.

Qualificadores	0	1	2	3	4	8	9
Capítulo 1 - Aprendizagens e Aplicação de Conhecimentos							
d110 Observar							
d115 Ouvir							
d130 Imitar							
d133 Adquirir linguagem							
d110 Desenvolvimento da linguagem							
d137 Adquirir conceitos			X				
d140 Aprender a ler				X			
d145 Aprender a escrever				X			
d150 Aprender a calcular				X			
d155 Adquirir competências							
d160 Concentrar a atenção			X				
d161 Dirigir a atenção							
d163 Pensar							
d166 Ler							
d170 Escrever							
d172 Calcular							
d175 Resolver problemas							
d177 Tomar decisões							
d198 Aprendizagem e explicação de conhecimentos							
Capítulo 2 - Tarefas e Exigências Gerais							
d210 Levar a cabo uma tarefa única			X				
d220 Levar a cabo tarefas múltiplas							
d230 Levar a cabo a rotina diária							
d250 Controlar o seu próprio comportamento							

Capítulo 3 - Comunicação							
d310 Comunicar e receber mensagens orais							
d315 Comunicar e receber mensagens não verbais							
d325 Comunicar e receber mensagens escritas							
d330 Falar							
d335 Produzir mensagens não verbais							
d340 Produzir mensagens na linguagem formal dos sinais							
d345 Escrever mensagens							
d350 Conversação							
d355 Discussão							
d360 Utilização de dispositivos e de técnicas de comunicação							
Capítulo 4 - Mobilidade							
d410 Mudar as posições básicas do corpo							
d415 Manter as posições do corpo							
d420 Auto-transferências							
d430 Levantar e transportar objetos							
d435 Mover objetos com os membros inferiores							
d4351 Dar pontapés							
d440 Atividades de motricidade fina da mão							
d445 Utilização da mão e do braço							
d450 Andar							
d455 Deslocar-se							

Atividade e Participação

Nota: Assinale com uma cruz (X), à frente de cada categoria, o valor que considera mais adequado à situação ao nível do desempenho (o que o indivíduo faz no ambiente de vida habitual) de acordo com os seguintes qualificadores:

0-Nenhuma deficiência; **1**-Deficiência Ligeira; **2**-Deficiência Moderada; **3**-Deficiência Grave;
4-Deficiência Completa; **8**-Não Especificada (3); **9**-Não Aplicável (4)

(3)-Este quantificador deve ser utilizado sempre que não houver informação suficiente para especificar a gravidade da deficiência;

(4)- Este quantificador deve ser utilizado nas situações em que seja inadequado aplicar um código específico.

Qualificadores	0	1	2	3	4	8	9
Capítulo 5 - Autocuidados							
d510 Lavar-se							
d520 Cuidar de partes do corpo							
d530 Higiene pessoal relacionada com as excreções							
d540 Vestir-se							
d550 Comer							
d560 Beber							
Capítulo 6 - Vida Doméstica							
d620 Adquirir bens e serviços							
d630 Preparar refeições							
d640 Realizar o trabalho doméstico							
d650 Cuidar do objetos domésticos							
Capítulo 7 - Interações e Relacionamentos Interpessoais							
d710 Interações interpessoais básicas				X			
d720 Interações interpessoais complexas							
d7202 Regular os comportamentos nas interações				X			
d730 Relacionamento com estranhos							
d740 Relacionamento formal							
d750 Relacionamento sociais informais							
d760 Relacionamentos familiares							
d799 Outras <i>Especifique:</i>							
Capítulo 8 - Áreas Principais da Vida							
d810 Educação infantil							
d820 Educação escolar				X			

d825 Formação profissional									
Capítulo 9 - Vida Comunitária, Social e Cívica									
d910 Vida comunitária									
d910 Recreação e lazer									
Outros Aspetos da Atividade e Participação a Considerar									

Fatores Ambientais

Nota: Podem ser tidas em consideração todas as categorias ou apenas aquelas que se considerem mais pertinentes em função da condição específica da criança/jovem. As diferentes categorias podem ser consideradas enquanto barreiras ou facilitadores. Assinale para cada categoria, com (.) se a está a considerar como barreira ou com (+) se está a considerar como facilitador. Assinale com uma cruz (X), à frente de cada categoria, o valor que considera mais adequado à situação ao nível do desempenho de acordo com os seguintes qualificadores:

0-Nenhuma Facilitador/Barreira; **1**-Facilitador/Barreira Ligeiro; **2**-Facilitador/Barreira Moderado; **3**-Facilitador Substantial/Barreira Grave; **4**-Facilitador/Barreira Completo; **8**-Não Especificada; **9**-Não Aplicável

Qualificadores	Barreira ou Facilitador	0	1	2	3	4	8	9
Capítulo 1 - Produtos e Tecnologias								
e110 Para consumo pessoal (alimentos e medicamentos)								
e115 Para uso pessoal na vida diária								
e120 Para facilitar a mobilidade e transporte pessoal								
e125 Para a comunicação								
e130 Para a educação								
e135 Para o trabalho								
e140 Para a cultura, a recreação e o desporto								
e150 Arquitetura, construção e acabamentos prédios de utilização pública								
e155 Arquitetura, construção e acabamentos de prédios para o uso privado								
Capítulo 2 - Ambiente Natural e Mudanças Ambientais Feitas pelo Homem								
e225 Clima								
e240 Luz								
e250 Som								
Capítulo 3 - Apoios e relacionamentos								
e310 Família próxima								
e320 Amigos								
e325 Conhecidos, pares, colegas, vizinhos e membros da comunidade								
e330 Pessoas em posição de autoridade								
e340 Prestadores de cuidados pessoais e assistentes pessoais								
e355 Profissionais de saúde	+				X			
e360 Outros profissionais								

Capítulo 4 - Atitudes									
e410 Atitudes individuais dos membros da família próxima									
e420 Atitudes individuais dos amigos									
e425 Atitudes individuais de conhecidos, pares, colegas e membros da comunidade									
e425 Atitudes individuais de pessoas em posição de autoridade									
e440 Atitudes individuais de prestadores de cuidados pessoais e assistentes pessoais									
e450 Atitudes individuais de profissionais de saúde									
e465 Normas, práticas e ideologias sociais									
Capítulo 5 - Serviços, Sistemas e Políticas									
e515 Relacionados com a arquitetura e a construção									
e540 Relacionados com os transportes									
e570 Relacionados com a segurança social	+			X					
e575 Relacionados com o apoio social geral									
e580 Relacionados com a saúde									
e585 Relacionados com a educação e formação profissional									
e590 Relacionados com o trabalho e o emprego									
e595 Relacionados com o sistema político									
Outros Fatores Ambientais a Considerar									

Relatório Técnico-Pedagógico

(por referência à CIF)

Nome: José

Data de Nascimento: 2004

Ano de Escolaridade: 2º

Escola: EB 1 - Castelo Branco

Perfil de Funcionalidade

1. Atividade e Participação

O José tem dificuldade na aquisição de conceitos básicos e complexos a nível das características, da classificação, seriação e reversibilidade (d137.3).

A sua maturidade apresenta défices nas várias áreas do desenvolvimento que lhe dificultam a realização das aprendizagens previstas para o seu ano de escolaridade. Assim, como apresenta muitas dificuldades na iniciação à aprendizagem da leitura (d140.3) escrita (d145.3) e cálculo (d150.3).

O José manifesta dificuldade em realizar as tarefas simples e complexas de forma independente e completa (d210.3).

Manifesta instabilidade psicomotora. A instabilidade que o aluno manifesta tem também relação com a dificuldade na concentração da atenção (d160.2) e no controlo do seu próprio comportamento (d250.3).

2. Funções do Corpo

O José tem défice cognitivo de nível muito inferior (b117.3). Esta dificuldade manifesta-se tanto nas áreas verbais como nas de relação.

Tem dificuldade em regular as emoções negativas (b152.3).

O José necessita de adquirir, organizar e aplicar funções cognitivas básicas sobre objetos, acontecimentos e experiências (b163.3).

Assim, o aluno tem dificuldades nas Funções mentais da linguagem designadamente na receção e expressão da linguagem escrita (b167.3) o que compromete as outras áreas curriculares.

Dificuldade de articulação.

3.Fatores Ambientais

O José necessita de apoio na área da saúde dadas as suas dificuldades a nível das funções do corpo (e355+3).

Tem também necessidade de apoio da Segurança Social (e570).

Tomadas de Decisão

1.Necessidade de educação especial (assinale com uma cruz)

a) Não se confirma a necessidade de uma intervenção especializada de educação especial	<input type="checkbox"/>
b) Confirma-se a necessidade de uma intervenção especializada de educação especial	<input checked="" type="checkbox"/>

1.1. Se assinalou a opção b) identifique e fundamente a intervenção especializada de educação especial (medidas e recursos):

O José manifesta défice cognitivo de nível muito inferior que se traduz nas dificuldades de aprendizagem da leitura, escrita e cálculo, comprometendo as aprendizagens nas diversas áreas curriculares.

Tem manifestado atitudes e comportamentos desajustados com os colegas e com os adultos dentro e fora da sala de aula.

Tem ainda muitas dificuldades em algumas funções de atividade e participação, designadamente nas relacionadas com as tarefas escolares e exigências curriculares do programa.

1.2. Se assinalou a opção b) assinale com uma cruz a categoria de NEE, tendo em consideração a limitação mais acentuada ao nível do seu funcionamento nos diferentes domínios.

Tipificação das NEE

Sensorial			Motor	Cognitivo	Emocional	Saúde física	Comunicação, fala e linguagem	Cognitivo, Motor e Sensorial
Audição	Visão	Audição e visão						
				X				

1.3.Respostas (se assinalou a opção b) em 1) e **medidas educativas a adotar** (se assinalou a opção a) em 1)

O José deve beneficiar das seguintes medidas:

- a) Apoio pedagógico personalizado
- b) Adequações curriculares individuais
- d) Adequações no processo de avaliação

Relatório elaborado por:

Data: 30/01/2012

Concordo com o presente relatório:

O Encarregado de educação:

Data: / /2012

Homologado por:

Cargo: _____

Assinatura: _____

Data: 30/01/2012

**Anexo VII – Programa Educativo Individual e Adequações
Curriculares Individuais**

Programa Educativo Individual

Ano Letivo 2012/2013

Estabelecimento de Ensino: EB 1

Agrupamento de Escolas: Afonso de Paiva

Nome: José

Data de Nascimento: 2004

Morada:

Telefone:

Nível de Educação ou Ensino: Pré-Escolar 1ºCEB 2ºCEB 3ºCEB

E. Secundário

Ano de Escolaridade: 3º

Turma: ST

Professora Titular de Turma:

Docente de Educação Especial:

1. História escolar e pessoal

Resumo da história escolar			
Frequentou: Creche: Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Ama <input type="checkbox"/> Jardim-de-infância: Sim <input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> IP <input type="checkbox"/>			
Ano Letivo	IP/Creche/Ama/Jardim-de-infância		Medidas Educativas Adotadas
	Frequentou alguns dias o JI.		
1º/2º/3º Ciclo do Ensino Básico			
Ano Letivo	Ano de Escolaridade	Escola	Medidas Educativas Adotadas
2010/2011	1º	EB 1	
2011/2012	2º	EB 1	a) b) d) DL 3/2008
2012/2013	3º	EB 1	a) b) d) DL 3/2008
Observações:			
Outros antecedentes relevantes			

2. Perfil de funcionalidade do aluno por referência à CIF-CJ

Atividade e Participação

O José tem dificuldade na aquisição de conceitos básicos e complexos a nível das características, da classificação, seriação e reversibilidade (d137.3).

A sua maturidade apresenta défices nas várias áreas do desenvolvimento que lhe dificultam a realização das aprendizagens previstas para o seu ano de escolaridade. Assim, aparenta muitas dificuldades na iniciação à aprendizagem da leitura (d140.3) escrita (d145.3) e cálculo (d150.3). Manifesta dificuldades em realizar as tarefas simples e complexas de forma independente e completa (d210.3).

Demonstra elevada instabilidade psicomotora. Manifesta grave dificuldade ao nível da concentração e da atenção (d160.2) e no controlo do seu próprio comportamento (d250.3).

Funções e Estruturas do Corpo

O José tem défice cognitivo de nível muito inferior (b117.3). Esta dificuldade manifesta-se tanto nas áreas verbais como nas de realização.

Tem dificuldade em regular as emoções negativas (b152.3).

O José necessita de adquirir, organizar e aplicar funções cognitivas básicas sobre objetos acontecimentos e experiências (b163.3).

Assim, o aluno tem dificuldades nas Funções Mentais da Linguagem designadamente na receção e expressão da linguagem escrita (b167.3) o que compromete as outras áreas curriculares. Manifesta problemas ao nível da articulação.

Fatores Ambientais

O José necessita de apoio na área da saúde dadas as suas dificuldades a nível das funções do corpo, (e355+3).

Tem também necessidade de apoio da Segurança Social (e570).

Adequações no processo de ensino e de aprendizagem

Medidas educativas a implementar

a) Apoio pedagógico personalizado

- 1- Organização do grupo
 - Organização do espaço
 - Organização das atividades
- 2- Estímulo e reforço das competências e aptidões envolvidas na aprendizagem
- 3- Antecipação e reforço de conteúdos
- 4- Reforço e desenvolvimento de competências específicas
 - Especifique:

b) Adequações curriculares individuais

Introdução de áreas curriculares específicas:

- Leitura e escrita em braile
- Treino de visão
- Orientação e mobilidade
- Atividade motora adaptada
- Língua gestual portuguesa (L1)
- Português segunda língua (L2)
- Língua estrangeira escrita (L3)
- Adequação de objetivos e de conteúdos intermédios

Especifique em que áreas curriculares/disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática e

Estudo do Meio (Adequações curriculares em anexo)

- Dispensa das atividades de difícil execução em função da incapacidade:

Especifique em que área curriculares/disciplinas e justifique:

c) Adequações no processo de matrícula

- Matrícula em escola de referência
- Matrícula em escola com unidade especializada
- Matrícula com dispensa dos limites etários
- Matrícula por disciplinas

d) Adequações no processo de avaliação <input checked="" type="checkbox"/>			
1. Tipo de prova <input checked="" type="checkbox"/>	Perguntas elaboradas de forma diferente		<input checked="" type="checkbox"/>
	Perguntas diretas		<input checked="" type="checkbox"/>
	Diversificação nas questões	Resposta V/F	<input type="checkbox"/>
		Escolha múltipla	<input type="checkbox"/>
		Respostas curtas	<input type="checkbox"/>
		Outra (especificar)	<input type="checkbox"/>
	Reduzidos		<input type="checkbox"/>
Outras (especificar)		<input type="checkbox"/>	
2. Instrumento de avaliação <input type="checkbox"/>			
3. Instrumentos de certificação <input type="checkbox"/>			
4. Condições de avaliação <input checked="" type="checkbox"/>	Adequações à forma ou meio de expressão do aluno	Essencialmente escrita	<input type="checkbox"/>
		Essencialmente oral	<input type="checkbox"/>
		Com ajuda na compreensão	<input type="checkbox"/>
		Com utilização do computador	<input type="checkbox"/>
		Outras (especificar)	<input type="checkbox"/>
	Adequação à periodicidade	Contínua	<input checked="" type="checkbox"/>
		Sistemática	<input checked="" type="checkbox"/>
		Outras (especificar)	<input type="checkbox"/>
	Adequação à duração	Mais tempo para a realização	<input type="checkbox"/>
		Outras (especificar)	<input type="checkbox"/>
	Adequação ao local de execução	Sala de aula	<input checked="" type="checkbox"/>
		Sala de apoio	<input checked="" type="checkbox"/>
		Outras (especificar) _____	<input type="checkbox"/>
	Outras (especificar)		<input type="checkbox"/>

e) Currículo específico individual (anexar currículo)

Currículo específico individual

Anexar Currículo: (Definição dos conteúdos, das competências gerais e específicas, das estratégias, recursos humanos e materiais)

- Priorização de áreas curriculares
- Eliminação de áreas curriculares
- Introdução de objetivos curriculares
- Eliminação de objetivos e conteúdos

Plano Individual de Transição (anexar)

f) Tecnologias de apoio

- Livros em braile/forma digital
- Material audiovisual
- Equipamento específico para leitura, escrita e cálculo
- Auxiliares acústicos
- Auxiliares óticos
- Equipamento informático adaptado
- Máquinas de escrever braile
- Adaptações de mobiliário
- Adaptações de espaço
- Outros:

Especifique:

Outras informações

- Constituição/redução de turma (artº 12, nº2)

3. Plano individual de transição

(Anexar o PIT, sempre que exista)

4. Responsável pelas respostas educativas

5.1. Horário

Horas	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9H00-9H45	Ap. Ed	Ap. Ed	Ap. Ed	Ap. Ed	E E
9H45-10H30	Ap. Ed	Ap. Ed	Ap. Ed	Ap. Ed	E E
10H30-11H00	Intervalo				
11H00-11H45	TT	TT	TT	TT	TT
11H45-12H30	E E	Ap. Ed	E E	Ap. Ed	Ap. Ed
Almoço					
14H00-14H45	Ap. Ed	TT	Ap. Ed	TT	Ap. Ed
14H45-15H30	Ap. Ed	TT	Ap. Ed	Ap. Ed	Ap. Ed
15H30-15H45	Intervalo				
15H45-16H30	Apoio ao estudo	Atividade Lúdica Expressiva	Inglês	Atividade Física Expressiva	Atividade Física Expressiva
16H30-16H45	Intervalo				
16H45-17H30	Inglês	Atividade Física Expressiva	Atividade Lúdica Expressiva	Apoio ao Estudo	Inglês

Tempo Turma - Professora Titular de Turma

Apoio Educativo

Apoio Educativo

Apoio Educativo

Educação Especial - Professora de Educação Especial

5.2. Intervenientes e funções

Identificação dos intervenientes	Funções desempenhadas
	Professora Titular de Turma Professora de Educação Especial Apoio Educativo Apoio Educativo Apoio Educativo Psicólogo (SPO)

5. Implementação e avaliação do PEI

Início da implementação do PEI	
Setembro de 2012	
Avaliação do PEI	
Critérios	Resultados da avaliação formativa previstas neste PEI. Resultados das avaliações qualitativas da EE. Resultados das medidas de modificação do comportamento adotadas.
Instrumentos	Documentos de avaliação trimestral. Relatório circunstanciado (final do ano letivo).
Intervenientes	Diretora de Turma Professora de Educação Especial Psicólogo SPO Encarregado de Educação
Momentos	Nos momentos de avaliação interna (final dos períodos letivos). No entanto, o PEI pode ser revisto em qualquer momento se o aluno atingir os objetivos nele propostos ou se piorar a sua situação relativamente à funcionalidade e incapacidade.
Data de revisão	No final do nível de educação (junho/2013) e no final de ciclo.

Transição entre ciclos

--

Elaboração e homologação

PEI elaborado por:

Assinatura:

Professora Titular de Turma
Professora de Educação Especial
Psicólogo (SPO)

Coordenação do PEI a cargo da Professora Titular de Turma:

Assinatura:

Nome:

Aprovado pelo Conselho pedagógico

Assinatura:

Data: 28/11/2012

Homologado pelo Diretor:

Assinatura:

Data: 28/11/2012

Concordo com as medidas educativas definidas,
Encarregado de Educação:

Assinatura:

Data: 18/10/2012

Adequações Curriculares Individuais
(Dec.-Lei 3/2008-Artº 16, alínea b)

Ano Letivo - 2012/2013

Aluno - José 3º ano (nível 1º)

Áreas	Conteúdos Gerais	Competências a Atingir	Avaliação das Adequações	Sugestões Metodológicas
Língua Portuguesa	Desenvolver o gosto pela leitura e escrita; Adquirir a técnica da leitura e escrita;	<ul style="list-style-type: none"> -Escrever o seu nome completo; -Copiar da letra de imprensa para a manuscrita e vice-versa; -Identificar os grafemas dados na letra minúscula e maiúscula; -Reconhecer o nome de alguns companheiros; -Associar a palavra à imagem; -Decompor palavras em sílabas; -Formar novas palavras; Identificar palavras dadas em jornais, revistas e outros contextos; -Fazer a discriminação auditiva 	<p>A</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>T</p> <p>T</p> <p>T</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Audição de histórias; -Utilização do computador; -Responsabilizar o aluno pela distribuição dos dossiês dos colegas; -Utilização de cartazes em cartolina, com as figuras da palavra-tipo; -Cartões com a palavra-tipo (em letra de imprensa e manuscrita); -Cartões silábicos com as sílabas de todas as palavras tipo; (Utilização do método global das 28 palavras) -Quadro magnético; -Jogos de dominó de palavras;

	Expressão oral	<p>dos fonemas;</p> <ul style="list-style-type: none"> -Identificar e escrever palavras simples; -Aperfeiçoar a produção escrita; -Completar frases simples lacunadas; -Aperfeiçoar a articulação das palavras; -Fazer a discriminação auditiva dos fonemas; -Identificar o feminino e masculino; -Familiarizar-se com os conceitos: singular e plural; (oralmente) -Expressar-se de forma correta e coerente; 	<p>T</p> <p>A</p> <p>T</p> <p>NA</p> <p>T</p> <p>T</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>T</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Puzzles de palavras; -Jornais e revistas (recorte e colagem de palavras e imagens); -Folhetos publicitários; -Livro de leitura e fichas; -Software educativo
--	----------------	--	---	---

A - Atingido

T - Treino (Em desenvolvimento)

NA - Não Atingido

Adequações Curriculares Individuais
(Dec.-Lei 3/2008-Artº 16, alínea b)

Ano Letivo - 2012/2013

Aluno - José 3º ano (nível 1º)

Áreas	Conteúdos Gerais	Competências a Atingir	Avaliação das Adequações	Sugestões Metodológicas Material
Matemática (cariz funcional)	Adquirir a prática dos números e operações;	<ul style="list-style-type: none"> -Introduzir sucessivamente os números de forma funcional, até 20; -Ligar o número à quantidade; -Representar os números; -Estabelecer relações de ordem; -Efetuar a decomposição dos números; -Preencher régua numerada (até 10); -Ordenar por ordem crescente e decrescente; -Utilizar o sinal =; 	<p style="text-align: center;">A</p> <p style="text-align: center;">A</p> <p style="text-align: center;">A</p> <p style="text-align: center;">T</p> <p style="text-align: center;">T</p> <p style="text-align: center;">A</p> <p style="text-align: center;">T</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Relacionar os conteúdos com o quotidiano; Utilizar: <ul style="list-style-type: none"> -Material manipulável; -Jogos educativos; -Dominós; -Jogos dos dados;

		<ul style="list-style-type: none"> -Explorar situações que conduzam à descoberta de adições simples; -Explorar situações que conduzam à descoberta de subtrações simples; -Fazer contagens de 2 em 2... de 3 em 3...; -Treinar o cálculo mental; -Fazer itinerários simples; -Fazer simetrias simples; -Dramatizar situações problemáticas relacionadas com o quotidiano; 	<p>T</p> <p>T</p> <p>T</p> <p>T</p> <p>T</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>T</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Software educativo; -Utilizar material concreto (caixas de ovos, folhetos...); -Sistematização frequente;
--	--	--	---	--

A - Atingido

T - Treino (Em desenvolvimento)

NA - Não Atingido

Adequações Curriculares Individuais
(Dec.-Lei 3/2008-Artº 16, alínea b)

Ano Letivo - 2012/2013

Aluno - José 3º ano de escolaridade

Áreas	Conteúdos Gerais	Competências a Atingir	Avaliação das Adequações	Sugestões Metodológicas Material
Estudo do Meio (cariz funcional)	Adquirir noções temporais; Conhecer os espaços envolventes;	<ul style="list-style-type: none"> - Dizer a sua idade; -Saber a sua morada; -Identificar relações de parentesco; -Saber os dias da semana; -Identificar alguns seres vivos e as suas características; -Reconhecer os espaços da casa e as suas funções; -Conhecer algumas regras de prevenção de incêndios nas habitações, e locais públicos; 	<p>A</p> <p>T</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>T</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Manuais escolares; -Cartazes; -Imagens; -Software educativo; -Visionamento de pequenos filmes (internet) relacionados com os assuntos tratados; (consultar lista)

	<p>Segurança do corpo</p>	<p>-Entender algumas regras de atuação em caso de sismo;</p> <p>-Compreender as regras principais rodoviárias;</p> <p>-Conhecer e aplicar normas de prevenção de acidentes domésticos:</p> <p>-cuidados com objetos e produtos perigosos (cortantes, inflamáveis, corrosivos, tóxicos...); cuidados a ter com a eletricidade;</p> <p>-Sinalização relativa à segurança (venenos, eletricidade...).</p>	<p>T</p> <p>T</p> <p>T</p> <p>T</p>	<p>- Dramatizar situações com os referidos materiais/objetos;</p> <p>-Identificar sinalética de informação;</p>
--	---------------------------	--	-------------------------------------	---

A - Atingido

T - Treino (Em desenvolvimento)

NA - Não Atingido

Adequações Curriculares Individuais
(Dec.-Lei 3/2008-Artº 16, alínea b)

Ano Letivo - 2011/2012

Aluno - José 2º ano

Áreas	Conteúdos Gerais	Competências a Atingir	Avaliação das Adequações	Sugestões Metodológicas Material
Socializaçã/ comportamento	Reduzir os comportamentos disruptivos	<ul style="list-style-type: none"> -Manter-se sentado na sala de aula, por períodos mínimos de 45 min.; -Saber respeitar a sua vez; -Obedecer aos adultos; -Respeitar os seus colegas e a professora intervindo com educação e alguma pertinência; -Pedir autorização para mexer nos objetos dos colegas; -Relacionar-se de forma correta com colegas e adultos; -Reduzir progressivamente os 	Competências com continuidade de Treino	<ul style="list-style-type: none"> -Valorizar os progressos do aluno; -Manter, por parte do educador, uma atitude firme e assertiva; -Responsabilizar o aluno com tarefas simples do quotidiano; -Incentivar o aluno a participar nas atividades; -Utilizar o reforço positivo; -Fazer treino auto-instrucional, levando o aluno a descrever em voz alta, a tarefa que está a desenvolver;

<p>Autonomia</p>	<p>Trabalhar sem o reforço constante das professoras</p>	<p>seus atos de irreverência e mau comportamento;</p> <ul style="list-style-type: none"> -Saber pedir desculpa quando erra; -Conseguir desenvolver pequenas tarefas escolares, sem a presença constante das professoras; -Ser capaz de terminar as atividades simples; -Ser capaz de fazer um recado, sem se dispersar pelo “caminho”; 		<p>-O nível de exigência deve estar adaptado às suas possibilidades, tanto a dificuldade como o tempo das tarefas devem aumentar gradualmente;</p>
------------------	--	--	--	--

A - Atingido

T - Treino (Em desenvolvimento)

NA - Não Atingido

Adequações Curriculares Individuais
(Dec.-Lei 3/2008-Artº 16, alínea b)

Ano Letivo - 2011/2012

Aluno - José 2º ano

Áreas	Conteúdos Gerais	Competências a Atingir	Avaliação das Adequações	Sugestões Metodológicas
Atenção/ Concentração	Aumentar os níveis de Atenção Concentração	<ul style="list-style-type: none"> -Ser capaz de levar uma tarefa simples até ao final; -Conseguir desenvolver as tarefas sem se distrair constantemente; -Conseguir ouvir alguns temas tratados com a turma; 	Competências com continuidade de Treino	<ul style="list-style-type: none"> -Utilizar o computador; -Fazer exercícios de treino de atenção: diferenças, puzzles, sequências, labirintos, itinerários... -Intercalar tarefas com diferentes níveis de exigência e interesse para evitarmos que se canse e desmotive; -Utilizar a análise de tarefa - “Desmontando” a informação geral em partes mais simples;

- A avaliação das adequações será feita trimestral, através do registo de avaliação e no final do ano, com registo na tabela. Os instrumentos a utilizar serão: Fichas de trabalho; Fichas de avaliação trimestrais; Análise das produções; Observação dos comportamentos.
- O desenvolvimento dos conteúdos/competências, em todas as áreas dependerá da assiduidade do aluno, do comportamento adotado por ele e das aquisições feitas.

A - Atingido

T - Treino (Em desenvolvimento)

NA - Não Atingido

**Anexo VIII – Relatório de Avaliação da implementação das
medidas educativas**

EB1**Ano Letivo 2012/2013****1º Período****Relatório de Avaliação****Avaliação da implementação das medidas educativas****(Artº 13º nº2, DL 3/2008)****1. Identificação do aluno****Nome:** José**Data de nascimento:** 2004**Situação Educativa do aluno:** 1º Ciclo do Ensino Básico**Ano de Escolaridade:** 3º**Turma:** ST**2. Caracterização das NEE do aluno****2.1. Identificação da problemática da criança/aluno****2.1.1. NEE de carácter prolongado**

Tipificação das NEE								
Sensorial			Motora	Cognitiva	Emocional	Saúde Física	Comunicação, Fala, Linguagem	CMS
Audição	Visual	AV						

2.1.2. Outras NEE. Quais? _____

2.2. Medidas educativas aplicadas

2.2.1. Medidas aplicadas (DL 3/2008)

a) Apoio pedagógico personalizado	
b) Adequações curriculares individuais	
c) Adequações no processo de matrícula	
d) Adequações no processo de avaliação	
e) Currículo específico individual	
f) Tecnologias de apoio	

2.2.2. Formalização das medidas aplicadas

PEI	
PIT	
Parceria com instituição	

3. Progressos alcançados - 1º Período

3.1. Resultados escolares

3.1.1. Áreas curriculares regulares/Comportamento/Acompanhamento pela Educação Especial

Ao longo deste período escolar verificou-se uma melhoria significativa ao nível do

comportamento do José. Embora o aluno tenha sido assíduo, os seus progressos académicos continuam moderados. Quando se registam alguns dias de ausência, há sempre necessidade de uma nova intervenção ao nível do cumprimento das regras de comportamento. Foi solicitada, novamente, pela equipa que trabalha com o José, uma reunião com o encarregado de educação. Finalmente conseguiu-se o objetivo, tendo desenvolvido entre todos um diálogo ponderado e produtivo. O pai do José viu com interesse os trabalhos dele, dialogou, questionou, tendo ficado esclarecido sobre o trabalho que pretendemos desenvolver com o seu educando. Por sua vez, as professoras que são responsáveis pelos desempenhos do aluno, teve oportunidade de solicitar, mais uma vez, a colaboração do encarregado de educação, no sentido de agirmos em sintonia, de modo a conseguirmos a mudança de comportamento/aproveitamento, que tanto desejamos que aconteça no José. Desde essa longa reunião, conseguiu-se que o pai do aluno ficasse mais “ao nosso lado” e, embora ainda aconteçam alguns episódios menos agradáveis, a situação já não se compara com a dos anos anteriores.

Relativamente às aprendizagens académicas, os progressos têm sido muito moderados. Temos implementado um conjunto de estratégias, entre elas a “mediação”, tentando “negociar” com o aluno as atividades a desenvolver. Temos ainda utilizado, abundantemente, o reforço positivo com o aluno e com o pai, para que os mesmos entendam que a escola é um espaço de respeito, e que se respeitarem as regras, tal como os outros, terão uma resposta positiva por parte da mesma.

Na área de Língua Portuguesa, tem-se insistido na leitura e escrita pelo método global. Utiliza-se material concreto e apelativo, de modo a desenvolver o interesse do aluno. Identifica as palavras: “menino e menina, uva, bota, nota, pá, mãe, pai,...” e outras que vão surgindo de modo funcional, dependendo da sua motivação. Escreve as palavras com ajuda, faz alguns jogos com as sílabas das palavras conhecidas e escreve o seu nome completo.

Continua a apresentar um elevado défice ao nível da atenção/concentração, havendo necessidade de diversificar a atividade. Contudo, já consegue manter-se 15 a 20 minutos numa tarefa.

Na área da Matemática, conhece os números até 10. Utiliza-se material manipulável, fichas personalizadas e apelativas, de modo a captar o seu interesse. Os conteúdos são, sempre que possível, relacionados com atividades do seu interesse, por exemplo, para os ordinais até ao 5º, desenhámos uma “pista de automóveis”, em papel de cenário, o José trouxe os seus carrinhos de brincar e fizemos corridas na pista. Seguidamente desenhámos os “pódios” e colocámos os carros nos devidos lugares. Repetimos a atividade algumas

vezes.

Na área de Estudo do Meio, continuamos a trabalhar conteúdos relacionados com a segurança do seu corpo, regras de higiene e regras de comportamento. Continua a haver uma supervisão constante do aluno, de modo a contrariar os seus comportamentos disruptivos. Necesita de apoio direto e constante para desenvolver as atividades, em todas as áreas.

4.Avaliação da eficácia das medidas educativas aplicadas

As medidas e as estratégias implementadas têm sido numerosas e diversificadas, passando pela *negociação, reforço positivo, recompensa, diretividade...* Sendo o 3º ano a frequentar a escola, constatamos que os progressos, embora moderados, começam agora a ter alguma evidência.

5.Propostas de intervenção para o próximo período

No próximo período mantem-se as medidas e as estratégias já iniciadas. Continuaremos a trabalhar os conteúdos numa perspetiva prática e concretizável.

6.Elaboração

Professora de Educação Especial

Professora Titular de Turma

Data: 19/12/2012

Anexo IX – Relatório de Avaliação Pedagógica

EB1
Ano Letivo 2012/2013
1º Período

Relatório de Avaliação Pedagógica

Nome: José

Data de Nascimento: 2004

Ao longo deste período, o José tem demonstrado uma moderada evolução relativamente à sua instabilidade emocional/comportamental. Tem-se verificado maior assiduidade, embora os seus progressos académicos continuem moderados. Quando se registam alguns dias de ausência, há sempre necessidade de uma nova intervenção ao nível do cumprimento das regras básicas do comportamento e revisão dos conceitos já tratados. Embora não seja com tanta frequência, continua a desobedecer às ordens dos adultos e a desafiar as pessoas que têm responsabilidade sobre ele.

A escola tem desenvolvido contatos com o encarregado de educação, no sentido de ajustar modos de procedimento relativamente ao aluno.

Relativamente às aprendizagens académicas, os progressos têm sido muito moderados, devido aos fatores que envolvem todo o processo educativo do aluno, referenciados anteriormente. Quando se propõem atividades que envolvem aprendizagens académicas, mesmo em forma de jogo, a primeira reação é de rejeição imediata. Conhece algumas palavras e os números até 5, embora ainda tenha necessidade de concretizar, para ligar o número à quantidade. Pontualmente, ainda adota o comportamento violento, ao nível físico e verbal. É necessário utilizar estratégias de “negociação” para que o aluno desenvolva as tarefas escolares. Continua a apresentar um elevado défice ao nível da atenção/concentração, não conseguindo estar mais de 15 minutos na mesma atividade. Tenta-se que o aluno permaneça dentro da sala de aula o maior tempo possível, contudo, é difícil manter-se mais de 45 minutos e sempre com a professora de turma junto dele. Quando não está na sala de aula, é encaminhado para alguma professora do apoio pedagógico acrescido ou para a professora de educação especial.

Necessita de apoio direto e constante para desenvolver as atividades, em todas as áreas.

Castelo Branco, 5 de novembro de 2012

A Professora Titular de Turma _____

A Professora de Educação Especial _____

Anexo X – Guião e Matriz da Entrevista

GUIÃO DA ENTREVISTA – Professores da criança com NEE

ENTREVISTADO:

ENTREVISTADORA: Mestranda

LOCAL: Escola Básica São Tiago

DURAÇÃO:

Guião da Entrevista

Tema: “A Inclusão da Criança com NEE no 1º Ciclo do Ensino Básico”

Objetivo Geral:

- Analisar a inclusão de uma criança com NEE no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Objetivos Específicos:

- Analisar a opinião dos professores (professora titular de turma e professora de educação especial;) da criança com NEE em relação ao conceito de inclusão;
- Analisar se as intervenções com a criança com NEE são desenvolvidas, sobretudo, em contextos de classe regular;
- Analisar a colaboração entre a família da criança com NEE, os professores e profissionais especializados.

Organização temática da entrevista:

I. Legitimação e Motivação da Entrevista

II. Identificação e Caracterização do Entrevistado

III. Identificação e Caracterização da Criança com NEE/Diagnóstico/Inclusão (trajetória escolar)

IV. Envolvimento familiar em casa e na escola (articulação escola versus família)

V. Expetativas quanto ao futuro

VI. Complemento

Áreas temáticas da Entrevista

Temática I: Legitimação e Motivação da Entrevista

Objetivo Geral:

- Legitimar a Entrevista;
- Salientar a importância da colaboração do entrevistado;
- Assegurar o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos na entrevista.

Objetivo Específicos:

- Explicar com clareza ao entrevistado o objetivo da entrevista;
- Dar conhecimento da utilidade do contributo e cooperação do entrevistado para a realização e sucesso deste trabalho de investigação;
- Garantir o anonimato e não divulgar ou publicar o seu conteúdo, sendo único exclusivamente para fins de investigação.

Questões:

- Sou aluna da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco e pretendo desenvolver um trabalho de investigação no âmbito de um Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.
Deste trabalho de investigação faz parte uma entrevista aos professores (professora titular de turma e professora de educação especial) da criança com NEE, com o objetivo de recolher informações sobre a inclusão desta criança no 1º ciclo do ensino básico.
- Para tal, peço a sua colaboração que é de extrema importância ao estudo em causa.
- Garanto-lhe o anonimato e a confidencialidade dos seus depoimentos. A informação recolhida não será utilizada para outros fins, sendo único e exclusivo para fins de investigação.

Temática II: Identificação e Caracterização do Entrevistado.

Objetivo Geral:

- Obter dados biográficos sobre o entrevistado.

Objetivo Específicos:

- Solicitar informações sobre:
 - Género; idade; formação inicial; formação no âmbito das NEE; situação profissional atual; tempo de serviço total; tempo de serviço com crianças com NEE.
- Proporcionar ao entrevistado a possibilidade de tomar a palavra e ganhar confiança.

Questões:

- Dados pessoais do entrevistado:
 - Género:
 - Idade:
 - Formação no âmbito das NEE:
 - Situação Profissional atual:
 - Tempo de serviço total:
 - Tempo de serviço com crianças com NEE:

Temática III: Identificação e caracterização da criança com NEE/Diagnóstico/Inclusão
(Trajetória escolar)

Objetivo Geral:

- Obter informação para a caracterização da criança e as suas necessidades educativas especiais;
- Procurar informações sobre o seu diagnóstico;
- Conhecer o percurso escolar da criança com NEE;
- Compreender o processo da inclusão da criança com NEE na escola;

Objetivo Específicos:

- Solicitar informações sobre: idade, género e escolaridade.
- Recolher dados sobre como a escola chegou ao diagnóstico da criança com NEE;
- Recolher informação sobre o percurso ensino aprendizagem;
- Avaliar os conhecimentos e as estratégias adotadas face à criança com NEE;
- Referir as atitudes face à inclusão da criança com NEE na escola, por parte da comunidade educativa.

Questões:

- Solicitação das informações dos pontos a abordar:
 - Género:
 - Idade:
 - Medidas de apoio:
- Há quanto tempo acompanha esta criança com NEE?
- Com que periodicidade acompanha a criança?
- Como caracteriza a criança e a sua deficiência?
- Como descreve a sua evolução educativa?
- Há estratégias diferenciadas para a criança com NEE na sala de aula?
- Descreva o comportamento da criança na sala de aula e na escola.
- Como descreve a relação da criança com a turma? E a turma com a criança?
- As medidas educativas que estão a ser aplicadas à criança com NEE estão a trazer benefícios à mesma?
- Sente que a escola contribui com medidas educativas inclusivas? Quais?
- Fale sobre a atitude da comunidade educativa face à inclusão da criança com NEE.

Temática IV: Envolvimento familiar em casa e na escola.

(Articulação escola versus família)

Objetivo Geral:

- Conhecer o grau de envolvimento parental na aquisição de competências da criança com NEE em casa e na escola.

Objetivo Específicos:

- Descrever o grau de envolvimento parental na aquisição de competências;
- Conhecer as rotinas diárias da criança com NEE.

Questões:

- Como tem visto a participação e o acompanhamento dos pais na educação da criança com NEE?
- Os pais acompanham a criança nas atividades escolares? Se sim, como?

Temática V: Expetativas quanto ao futuro

Objetivo Geral:

- Obter elementos das perspetivas de futuro para a criança com NEE.

Objetivo Específicos:

- Aspirações quanto ao nível escolar e profissional da criança com NEE.

Questões:

- Descreva o que pensa do futuro da criança com NEE relativamente ao nível escolar e profissional.

Temática VI: Complemento

Objetivo Geral:

- Recolher dados complementares

Objetivo Específicos:

- Solicitar informações complementares relativas aos assuntos tratados.

Questões:

- Para além do que falamos, quer referir outros aspetos que não tenham sido abordados e considere importantes?
- O que entende por inclusão?

GUIÃO DA ENTREVISTA – Professores da criança com NEE

ENTREVISTADO:

ENTREVISTADORA: Mestranda

LOCAL: Escola Básica São Tiago

DURAÇÃO:

Matriz da Entrevista

Tema: “A Inclusão da Criança com NEE no 1º Ciclo do Ensino Básico”

Objetivo Geral:

- Analisar a inclusão de uma criança com NEE no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Objetivos Específicos:

- Analisar a opinião dos professores (professora titular de turma e professora de educação especial) da criança com NEE em relação ao conceito de inclusão;
- Analisar se as intervenções com a criança com NEE são desenvolvidas, sobretudo, em contextos de classe regular;
- Analisar a colaboração entre a família da criança com NEE, os professores e profissionais especializados.

Organização temática da entrevista:

I. Legitimação e Motivação da Entrevista

II. Identificação e Caracterização do Entrevistado

III. Identificação e Caracterização da Criança com NEE/Diagnóstico/Inclusão (trajetória escolar)

IV. Envolvimento familiar em casa e na escola (articulação escola versus família)

V. Expetativas quanto ao futuro

VI. Complemento

Temática I: Legitimação e Motivação da Entrevista

- Sou aluna da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco e pretendo desenvolver um trabalho de investigação no âmbito de um Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Deste trabalho de investigação faz parte uma entrevista aos professores (professora titular de turma e professora de educação especial) da criança com NEE, com o objetivo de recolher informações sobre a inclusão desta criança no 1º ciclo do ensino básico.

- Para tal, peço a sua colaboração que é de extrema importância ao estudo em causa.
- Garanto-lhe o anonimato e a confidencialidade dos seus depoimentos. A informação recolhida não será utilizada para outros fins, sendo único e exclusivo para fins de investigação.

Temática II: Identificação e Caracterização do Entrevistado.

- Dados pessoais do entrevistado:
 - Género:
 - Idade:
 - Formação no âmbito das NEE:
 - Situação Profissional atual:
 - Tempo de serviço total:
 - Tempo de serviço com crianças com NEE:

Temática III: Identificação e caracterização da criança com NEE/Diagnóstico/Inclusão (Trajetória escolar)

- Solicitação das informações dos pontos a abordar:
 - Género:
 - Idade:
 - Medidas de apoio:
- Há quanto tempo acompanha esta criança com NEE?
- Com que periodicidade acompanha a criança?
- Como caracteriza a criança e a sua deficiência?
- Como descreve a sua evolução educativa?
- Há estratégias diferenciadas para a criança com NEE na sala de aula?
- Descreva o comportamento da criança na sala de aula e na escola.
- Como descreve a relação da criança com a turma? E a turma com a criança?
- As medidas educativas que estão a ser aplicadas à criança com NEE estão a trazer benefícios à mesma?
- Sente que a escola contribui com medidas educativas inclusivas? Quais?
- Fale sobre a atitude da comunidade educativa face à inclusão da criança com NEE.

Temática IV: Envolvimento familiar em casa e na escola.

(Articulação escola versus família)

- Como tem visto a participação e o acompanhamento dos pais na educação da criança com NEE?
- Os pais acompanham a criança nas atividades escolares? Se sim, como?

Temática V: Expetativas quanto ao futuro

- Descreva o que pensa do futuro da criança com NEE relativamente ao nível escolar e profissional.

Temática VI: Complemento

- Para além do que falamos, quer referir outros aspetos que não tenham sido abordados e considere importantes?
- O que entende por inclusão?

Anexo XI – Guiões de trabalho

Guião de trabalho

Nome: _____

Data: _____

Atividade 1



Está atento ao filme que se encontrou na centrífugadora das aventuras. Depois de o visionares com muita, muita atenção, elabora um pequeno comentário sobre o mesmo.

Atividade 2

Abre o teu manual de Estudo do Meio na página 46 e resolve as questões 1 e 2 no teu caderno diário.



Atividade 3

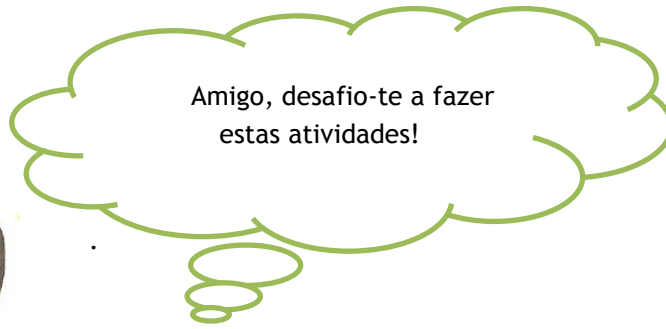


Sabias que existe uma cidade de cor cinzenta? Porque será? Queres descobrir? Está com muita atenção à história que te vou apresentar.



Queremos saber se estives-te com atenção à história!
No teu caderno diário responde às questões que te propomos.

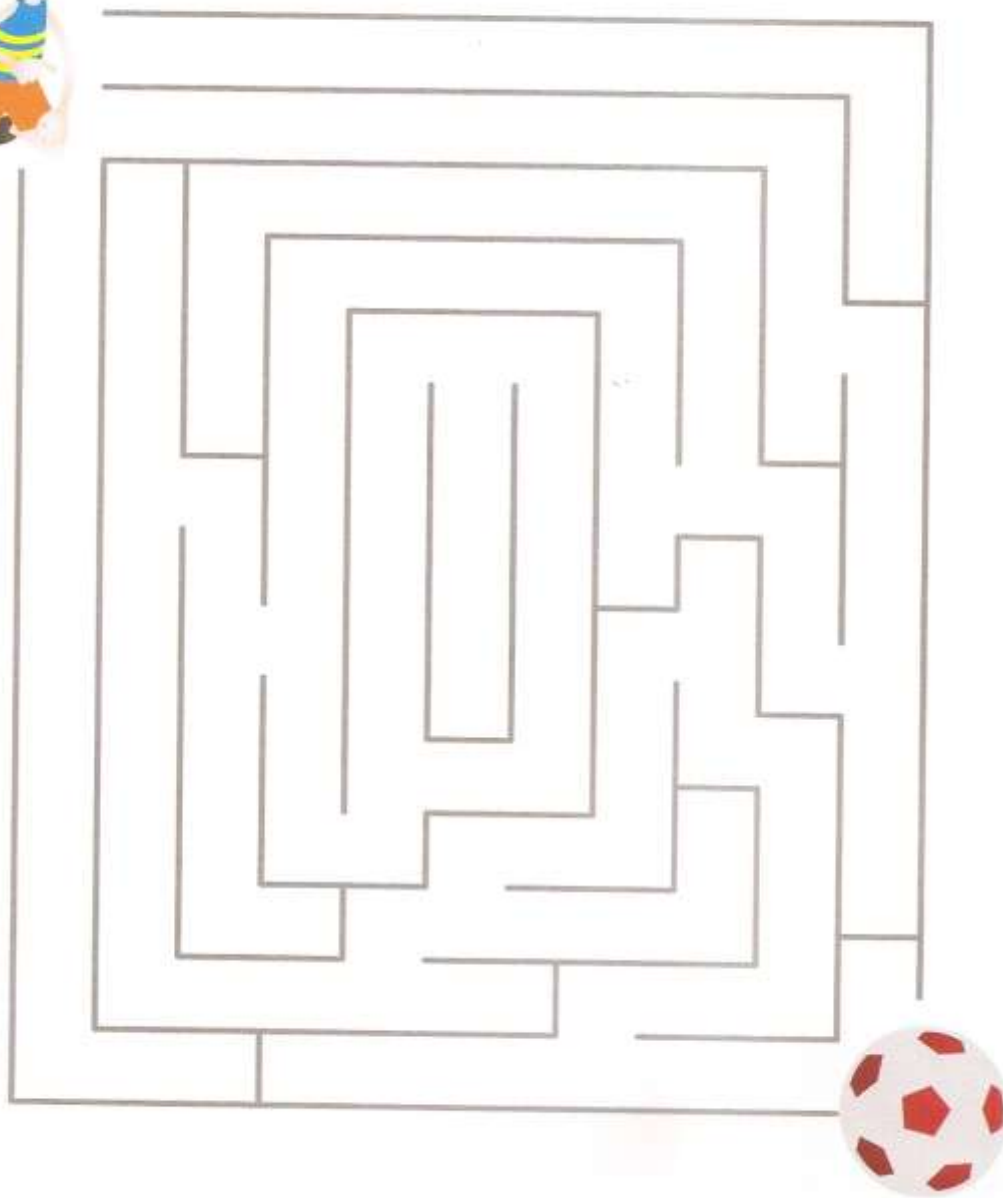
- 1) De cor era a cidade do texto que foi lido?
- 2) Quem é a personagem principal do texto?
- 3) Existiam na cidade mais objetos cinzentos? Quais?
- 4) Que características tinham as pessoas da cidade?
- 5) Como se sentiam as crianças da história?
- 6) O Jerónimo pedia ajuda aos pais para escrever uma carta. Quem era o destinatário da mesma?
- 7) Os pais ajudaram o Jerónimo? Justifica a tua resposta.
- 8) O que gostava o Jerónimo de observar?
- 9) Quem modelava as nuvens ao sabor dos pedidos do Jerónimo?



A. Pinta com a mesma cor as letras que são iguais.



A. Traça o caminho que leva o Pedro até à bola.





Abre o teu manual de Estudo do Meio na página 46 e resolve a questão 3 no teu caderno diário.
No fim lê o gosto de saber e acrescenta no teu caderno mais dois tónicos

Atividade 3



Ontem começamos a ler uma história, já descobriste porque a cidade é cinzenta? Será da poluição? Está com muita atenção à última parte da história que te vou



Queremos saber se estives-te com atenção à história!
No teu caderno diário responde às questões que te propomos.

- 10) Quem era a Ariela?
- 11) Como era a fada Ariela?
- 12) O que é que as fadas iriam transmitir ao Pai Natal?
- 13) Completa a frase: Sem cor a vida é...
- 14) Quando Jerónimo acordou, abriu a janela do seu quarto e ficou maravilhado com o quê?
- 15) O que fizeram os flocos de todas as cores à cidade?
- 16) Que mudança houve nas pessoas que viviam na cidade?
- 17) Como é que a Ariela e as outras fadas moldavam os flocos de neve?
- 18) O que fez o Jerónimo com os seus pais?
- 19) No fim da história o que pensou a Ariela?

Atividade 4



Sabias que as palavras podem ser composta por uma ou mais sílabas?

Classificamos as palavras de

1 sílaba - monossílabo ou palavra monossilábica.

2 sílabas - dissílabo ou palavra dissilábica.

3 sílabas - trissílabo ou palavra trissilábica.

mais de 3 sílabas - polissílabo ou palavra polissilábica

Desafio-te a preencher a tabela que se encontra no teu guião.

Palavras	Número de sílabas	Classificação
Fada		
Bonita		
Transparentes		
O		
Céu		



Sabias que todas as palavras têm apenas uma sílaba que se pronuncia com mais intensidade. A essa sílaba dá-se o nome de sílaba tónica.

As restantes sílabas têm o nome de sílaba átona.

Desafiamos-te a resolver as seguintes questões que se encontram no teu guião.

- Sublinha a sílaba tónica de cada palavra.

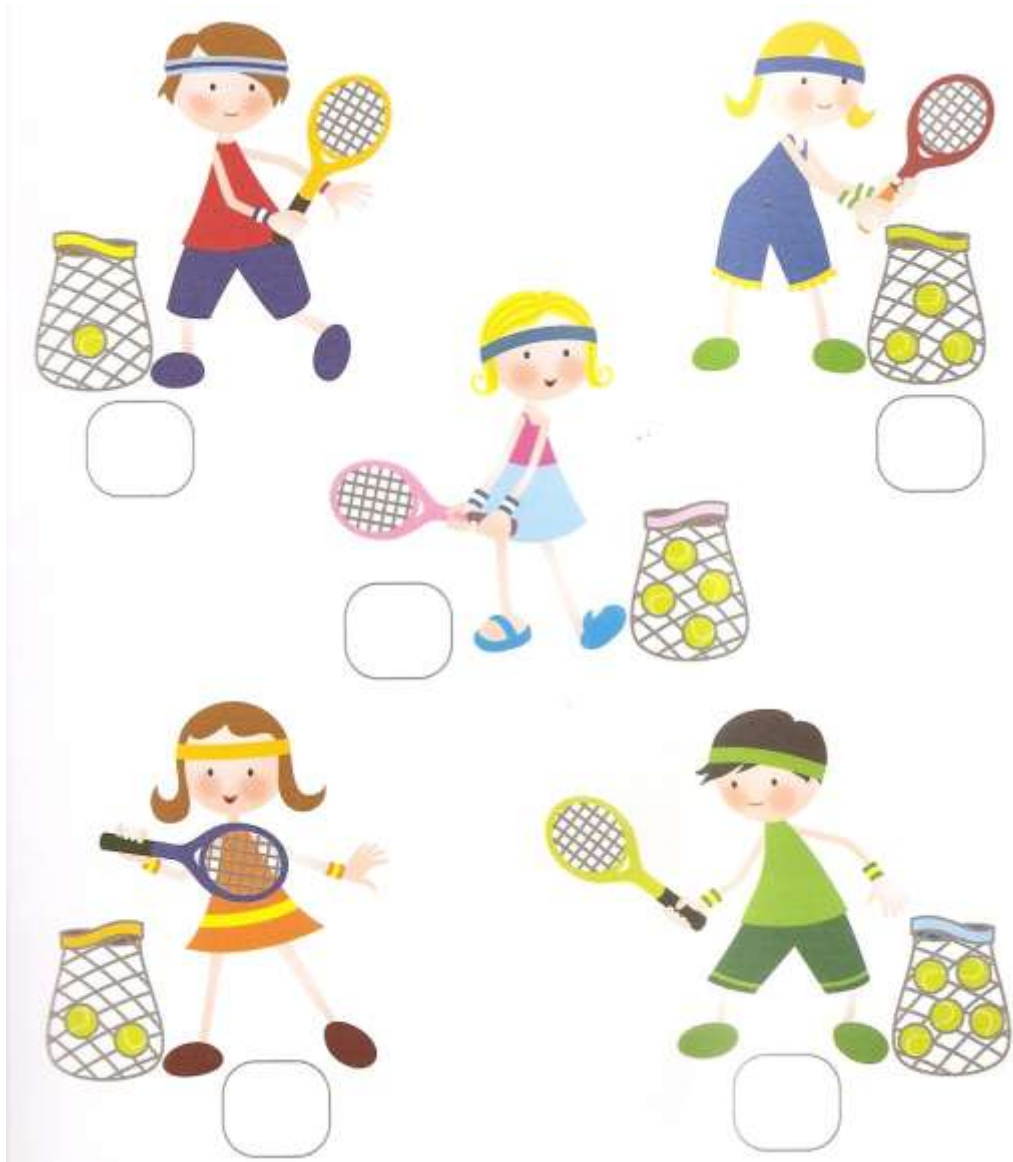
ALEGRE NATUREZA HABITANTES NUVENS PEQUENAS

- Faço um círculo em volta das sílabas átonas de cada palavra:

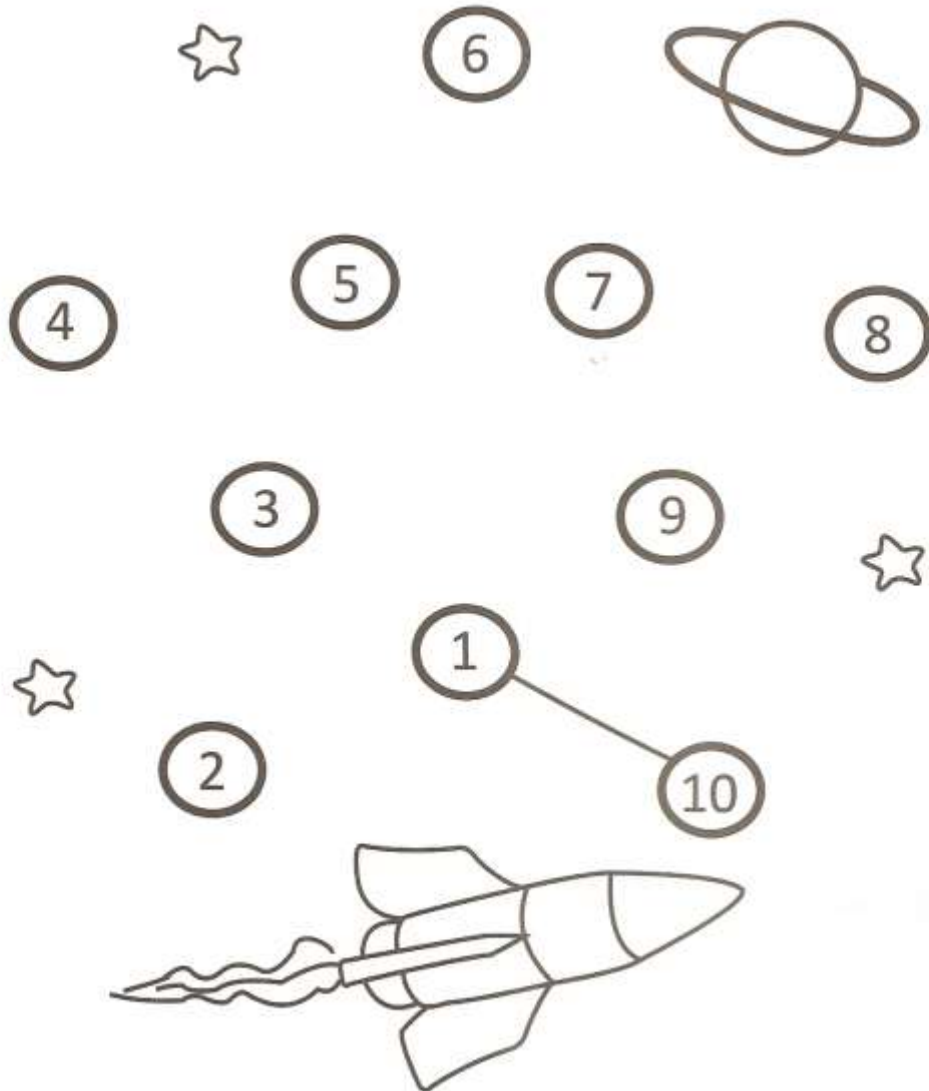
BRINCAR MARAVILHOSO DESAFIO ADULTOS ESPECIAL



A. Conta as bolas que cada menino tem no seu saco e escreve na etiqueta o número que lhe corresponde.



B. Une os números pela ordem correta e descobre qual é o objeto formado.



Guião de trabalho

Nome: _____

Data: _____

Atividade 1



Queremos saber se estives-te com atenção à última atividade que realizas-te ontem! Resolve o desafio que te propomos.

Palavra	Número de sílabas	Classificação
Coração		

- ❖ Sublinha a sílaba tónica da palavra.

Coração

- ❖ Faço um círculo em volta das sílabas átonas da palavra:

Coração

Atividade 2

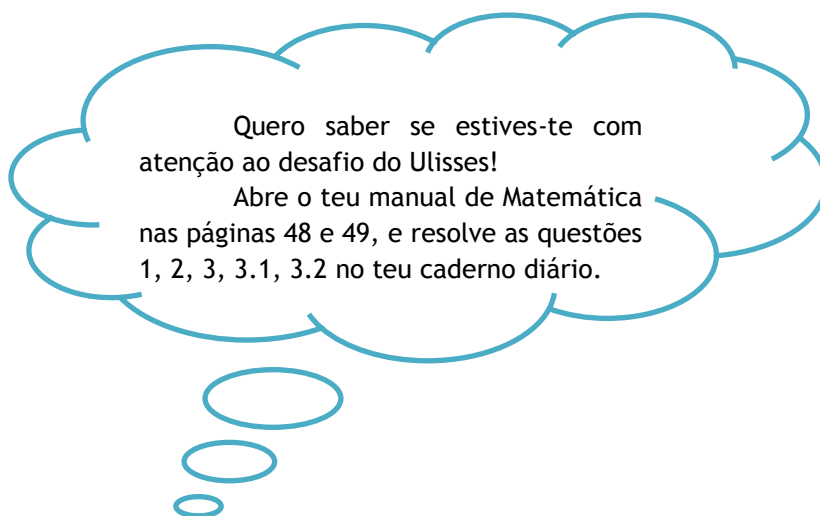


“Davam abraços e soltavam gargalhadas”
Neste dia o Jerónimo e os seus pais deram 1253 abraços e gargalhadas.
A que ordem pertence este número?
Desafio-te a resolver no teu guião esta atividade.

	Centenas C	Dezenas D	Unidades U

☞ Como posso ler este número por ordens?

☞ Quantos milhares, centenas, dezenas e unidades tem este número?



Atividade 3

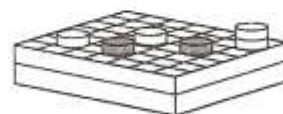


Para finalizar a nossa aventura sobre: como melhorar o nosso planeta, vamos brincar ao “Jogo Ecológico” que se encontra no livro “Sim, eu posso! Ajudar a salvar o Planeta”.
Joga em grupos de quatro com muita atenção e não faças batota!

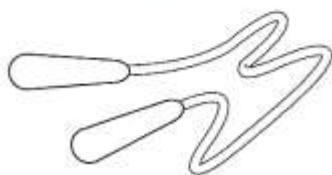
Amiguinho estás preparado para começar a tua aventura? Prepara-te!



Assinala, com um ☒, os teus brinquedos preferidos.



Liga cada jogo ao que lhe falta.



**Anexo XII – Transcrição da Entrevista da Professora Titular de
Turma**

GUIÃO DA ENTREVISTA – Professores da criança com NEE

ENTREVISTADO: Professora Titular de Turma (PTT)

ENTREVISTADORA: Mestranda (M)

LOCAL: Escola Básica São Tiago

DURAÇÃO: 31 minutos e 11 segundos

Transcrição da Entrevista

Tema: “A Inclusão da Criança com NEE no 1º Ciclo do Ensino Básico

Temática I: Legitimação e Motivação da Entrevista

- Sou aluna da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco e pretendo desenvolver um trabalho de investigação no âmbito de um Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.
Deste trabalho de investigação faz parte uma entrevista aos professores (professora titular de turma e professora de educação especial) da criança com NEE, com o objetivo de recolher informações sobre a inclusão desta criança no 1º ciclo do ensino básico.
- Para tal, peço a sua colaboração que é de extrema importância ao estudo em causa.
- Garanto-lhe o anonimato e a confidencialidade dos seus depoimentos. A informação recolhida não será utilizada para outros fins, sendo único e exclusivo para fins de investigação.

Temática II: Identificação e Caracterização do Entrevistado.

- Dados pessoais do entrevistado:
 - Género: Feminino
 - Idade: 54 anos
 - Formação no âmbito das NEE: Não tenho formação nas NEE.
 - Situação Profissional atual: Professora do quadro de escola.
 - Tempo de serviço total: 32 anos de tempo de serviço.
 - Tempo de serviço com crianças com NEE: 12 anos mais 5 nesta escola.

Temática III: Identificação e caracterização da criança com NEE/Diagnóstico/Inclusão (Trajetória escolar)

- M - Solicitação das informações dos pontos a abordar:
 - PTT - Género: Masculino
 - PTT - Idade: 8 anos
 - PTT - Medidas de apoio: O aluno apresenta um défice cognitivo de nível muito inferior, d117.3, esta dificuldade manifesta-se tanto nas áreas verbais, tanto como nas de realização, tem dificuldades em regular as emoções negativas, b152.3. Necessita de adquirir organização e de

aplicar funções cognitivas básicas, sobre objetos e acontecimentos e experiências, b163.3. Sendo assim o aluno tem dificuldades nas funções mentais da linguagem, designadamente na receção e expressão da linguagem escrita que é b167.3. No que compromete as outras áreas curriculares, manifesta também problemas ao nível da articulação. O aluno tem um plano educativo individual, mas as suas alíneas são diferentes. As medidas aplicadas é no âmbito do DL nº 3 /2008 é a alínea a- apoio pedagógico personalizado, a alínea b- adequações curriculares individuais, a alínea d- adequações no processo de avaliação. A nível da participação e da atividade o aluno tem dificuldade na aquisição conceitos básicos e complexa das características da classificação e da seriação e reversibilidade, que é o d137.3. A sua maturidade apresenta défices nas várias áreas do desenvolvimento que lhe dificultam a realização das aprendizagens previstas para o seu ano de escolaridade. Assim manifesta muitas dificuldades na iniciação à aprendizagem da leitura d140.3, escrita d145.3 e cálculo d150.2. Manifesta dificuldades em realizar as tarefas simples e complexas de forma independente e completa d210.3. Demonstra elevada instabilidade psicomotora, manifesta grave dificuldade ao nível da concentração e da atenção d160.2 e no controlo do seu próprio comportamento d250.3. A nível dos fatores ambientais, necessita de apoio na área da saúde, dadas as suas dificuldades ao nível das funções do corpo e355+3. Tem também necessidade de apoio da segurança social e570 e está a ser seguido pela comissão de proteção de crianças e jovens em risco.

- M - Há quanto tempo acompanha esta criança com NEE?

PTT – Desde o seu primeiro, por isso há três anos.

- M - Com que periodicidade acompanha a criança?

PTT – Todos os dias da semana.

- M - Como caracteriza a criança e a sua deficiência?

PTT – A criança não teve quaisquer pré-requisitos em termos da entrada para o primeiro ciclo do ensino básico. Sendo um aluno com um contexto familiar bastante conturbado, o seu percurso de vida teve fatores que o marcaram profundamente até aos seis anos, idade com que entrou para a escola. De certa forma isso veio influenciar toda a sua parte comportamental, é uma criança que tem um atraso de quatro anos, por isso a sua idade mental é inferior em quatro à idade “normal”.

○ M - Como descreve a sua evolução educativa?

PTT – A evolução educativa tem tido muitos altos e baixos, no entanto tem vindo a melhorar. No início houve situações completamente paradoxais, era uma criança que recusava laços, tinha uma imagem negativa das mulheres, isto porque na filosofia do seu grupo social que é de etnia cigana, a mulher não tem uma função social. Por isso eu não tinha de ser professora, tinha que estar em casa a tratar da família e isso causou alguns constrangimentos em termos das atividades. No entanto eu procurei sempre através de atividades personalizadas e muitas vezes desmontagem da própria estrutura que ele trazia, mas sem ferir a sua própria cultura. Trabalhar com ele ao poucos de facto criou laços comigo, e esse laço foi decisivo assim como as rotinas que eu fui construindo nesses dois primeiros anos. No terceiro ano deu um salto, começou a ter um comportamento mais assertivo, apesar de ter variações por completo. Numas alturas ele está bem, acompanha e tem um bom relacionamento com os colegas, isso ao princípio era quase nulo, mas de um momento para outro tudo pode ruir e ter que se utilizar estratégias diferentes. É ter que se analisar, ter que se ver o que aconteceu, para que ele venha assim para a escola nesse dia e também melhorou bastante o comportamento dele e até a forma como ele está na sala e ao mesmo tempo como se coloca face às aprendizagens com algum esforço o pai começou com um trabalho conjunto, feito por mim e pela professora Delminda, e pelo grupo que acompanham o José a apoiar-nos e isso foi decisivo.

○ M - Há estratégias diferenciadas para a criança com NEE na sala de aula?

PTT – Claro, estratégias diferenciadas, o ensino é personalizado e ao mesmo tempo. Eu entendo a inclusão não como um aluno diferente dentro da sala de aula, desgarrado de todo o contexto. Aquilo que procuro sempre quando tenho alunos diferentes e são diferentes e acho que todos nós somos diferentes, mas se essa diferença é marcada por um problema cognitivo, que é o caso deste aluno e por um problema social que também está ligado, então é um esforço comum. Procuro desenvolver atividades de proximidade com os colegas e ao mesmo tempo para que ele não fique excluído. E por outro lado, penso que se tratarmos um aluno com este perfil, sem estar integrado na própria turma, com atividades algumas conjuntas, aquilo que acontece é que em vez de o estarmos a incluir estávamos a excluir, porque, já há atualmente as turmas de perfil, mas a inclusão não poder ser só algo só escrito num papel, tem que produzir efeitos, de tal forma através do elogio, quando ele tem um comportamento adequado, através de determinadas atividades que ele consegue fazer ao mesmo tempo com a turma. Isso é uma forma de até mesmo de criar um bom ambiente como um todo. Eu não defendo o ensino estanque, por isso sou mais um elemento de uma equipa em que funciono como um “coacher”, mas isso é porque vejo as coisas assim. Todos crescemos e todos aprendemos.

- M - Descreva o comportamento da criança na sala de aula e na escola.
PTT – O comportamento na escola e na sala de aula, neste momento no final do terceiro ano é diferente. Ele na sala de aula já consegue trabalhar com os colegas e com a professora. Não sempre, mas a maior parte do tempo, assim como da quando da prática supervisionada também colaborava com as duas professoras que estavam a desenvolver o trabalho. Depois levantam-se os maiores problemas na questão do intervalo, na hora do almoço, que aí apresenta um comportamento mais atípico, mais agressivo, muito agressivo mesmo.

- M - Como descreve a relação da criança com a turma? E a turma com a criança?
PTT – Também fomos construindo essa relação. Inicialmente era uma relação terrível, ele não aceitava os colegas da mesma maneira que os colegas não o aceitavam a ele. Ouve uma altura, que inclusivamente lhe puseram a alcunha “corta almas”, porque lhes quebrava constantemente as linhas de pensamento e trabalho. Realmente o que acontece para mim é assim, em relação a este aluno atualmente já há um relacionamento melhor. Ele inclusivamente já não mexe nas coisas dos colegas lá fora, consegue já proteger alguns colegas da sala de aula e relaciona-se bem com eles. inclusivamente nos espaços exteriores. Mas é imprevisível, por isso há um trabalho constante, quer de acompanhamento, como de supervisão.

- M - As medidas educativas que estão a ser aplicadas à criança com NEE estão a trazer benefícios à mesma?
PTT – Estão de fato sem sombra dúvida porque mais parecia quando entrou nesta escola um menino selvagem do Rousseau, que muitas vezes comentávamos isso quando tínhamos as reflexões e quando eu falava com a professora coordenadora do estabelecimento. Mas de facto tem que se ser muito flexível, tem que se despende muito do nosso tempo, tem que se ser muito resiliente e essencialmente tem de se trabalhar com estratégias que promovam essas situações. Nomeadamente em termos das aprendizagens o diálogo e a formulação de hipóteses que é muito importante. Depois a realização de tarefas, partindo sempre de contextos reais, e manipuláveis. A questão também do registo das suas ideias, que numa primeira altura era a professora que fazia e agora já é através de cartões, ele já consegue fazer a associação. E o percurso de aprendizagem tem ser transversal para estes alunos, não pode ser de outra forma, até porque com um atraso real para a mental de quatro anos, ele agora no terceiro ano é que está a começar a estar pronto para iniciar o chamado primeiro ano do primeiro ciclo. Teve-se que trabalhar todos esses pré-requisitos e depois em relações às estratégias da turma tem que se falar sempre em reforço positivo, quando há comportamentos adequados, elogios, a valorização do desempenho do aluno, quando ele de fato merece. Por sua vez eu tenho adotado também outro tipo

de estratégias face aos comportamentos inadequados que ele tem. Que é o de antecipar e prevenir os problemas sempre que possível, estabelecer regras precisas e de consequências claras, evitar uma linguagem de confronto, isso é fundamental. O aluno com uma linguagem de confronto reage sempre de uma forma mais agressiva, se for uma linguagem mais calma, mais assertiva que o leve a entender que não está a proceder bem. Devemos estabelecer alternativas para comportamentos inadequados, agora perturbou a aula, o que poderíamos ter feito para que isso não acontecesse. E depois a existência de um sítio para arrefecer as ideias poderia ajudar, muitas vezes temos de ignorar, ignorar tanto quanto possível certos comportamentos e provocações. Eu às vezes digo, está imenso vento, não ouvi nada e essas coisas, porque muitas vezes aquelas provocações, aquelas coisas que ele faz mesmo para destabilizar, perdem o impacto se forem desvalorizadas. E muitas vezes se até levarmos para a brincadeira, arranjarmos ali uma fórmula, que para ele não seja uma hostilização, mas seja um criar uma situação de rir, perdeu a força da provocação, ele abandona simplesmente aquela atitude. Remover os objetos que possam desencadear as ações.

- M - Sente que a escola contribui com medidas educativas inclusivas? Quais?
PTT – No caso deste aluno contribui, porque nos dois primeiros anos, foi muito difícil, porque eu estava sozinha no processo. Este terceiro ano, ao ser criando um grupo, com uma professora do ensino especial que faz a gestão do processo e ao mesmo tempo vários professores a dar apoio em várias vertentes, incluindo eu enquanto professora titular da turma. Porque ele está na sala duas a três horas diárias, mas todo o trabalho conjunto e aferido, de fato nesse sentido é que funciona a inclusão. E eu tive a sorte de encontrar as pessoas certas, neste ano. Porque realmente o que tem vindo a acontecer, é que o que se passa no caso deste aluno, não se passa na maior parte das escolas, não se passa na maior parte das salas, porque em vez de se estar a investir na escola inclusiva, estão nitidamente a querer “sacudir a água do capote”, porque todos estes alunos necessitam recursos especiais. Em tempos de crise à que cortar, eu muitas vezes sou eu que trago de casa os recursos para trabalhar com ele, porque necessita de material diferenciado. E depois o que se passa-se que os mais frágeis acabem por ainda serem votados ao abandono e arrastam-se pela escola.
- M - Fale sobre a atitude da comunidade educativa face à inclusão da criança com NEE.
PTT – Teve de tudo, por acaso é uma experiência interessante. A comunidade educativa inicialmente teve uma fase de hostilização, a que a própria família reagiu com hostilização. Depois gradualmente com reuniões de pais e encarregados de educação, com sensibilização dos próprios funcionários, dos outros professores. Teve que haver aqui um trabalho de

fundo, para que hoje, este aluno já não ser tão bem aquele que é apontado por tudo o que acontece de mal na escola. O que não é verdade, se há alturas, que tudo bem ele não procede da melhor maneira, à outras alturas que cento e tal alunos, há outros e no início ele é que arcava sempre as culpas, mesmo que não fosse ele. Ele sentia-se mesmo muito mal com as injustiças. Eu acho que isso também foi uma forma de ele entender quando não era ele a cometer as coisas e não ter quem o defende se, que ele começou a distinguir era importante ele não mentir. Foi um passo decisivo para integração e a própria comunidade começar a funcionar. Mas nada disto é fácil. E nem se quer faz em três anos e isto é para ter continuidade, ao longo de toda a escolaridade e o meu receio é que se chegue a uma altura que se deixe de acontecer. Depois o que temos á volta, o sistema educativo que temos e a escola que se esta a desenhar para o futuro deixa-me algumas reservas.

Temática IV: Envolvimento familiar em casa e na escola.

(Articulação escola versus família)

- M - Como tem visto a participação e o acompanhamento dos pais na educação da criança com NEE?

PTT – Está um bocadinho implícito no que eu já disse. Eles numa fase, sempre acompanharam muito a criança, às vezes até acompanhavam de mais. Passavam a vida nas grades no intervalo a controlar as situações e depois acreditavam em tudo o que o filho dizia. Eram extremamente, principalmente o pai, até por que lá esta a nível de cultura, a sua cultura, os pais com os filhos varões têm de fato uma especial atenção. O legado deles é que o pai que transmite aos filhos rapazes o pai é que transmite toda a sua cultura e forma de estar. Nomeadamente quando andam de carro, as mulheres vão sempre atrás independentemente da idade que tenha a criança vem sempre á frente se for rapaz. E no princípio ouve essa a questão. Depois como eu já referenciei foi o conversar e o tentar fazer ver ao pai as dificuldades que o filho tinha, porque também é algo que não se aceita nesse tipo de cultura e que só com um trabalho conjunto é que poderíamos ir lá.

- M - Os pais acompanham a criança nas atividades escolares? Se sim, como?

PTT – Não acompanham, porque o problema é que têm uma baixa escolaridade.

Temática V: Expetativas quanto ao futuro

- M - Descreva o que pensa do futuro da criança com NEE relativamente ao nível escolar e profissional.

PTT – Isso é quase ser vidente na conjuntura atual. Estamos num país em crise, país que está a deixar a educação para trás, só falo na educação que é

naquilo que me toca, que está a colocar mesmo a parte curricular muito compactada, deixando aquilo que era importante, que a criança tem, tem de facto adquirir determinadas skills, mas tem que saber a aprender a saber ser, isto é aprendizagem. Tudo como eu costume dizer a concentração, os valores, se podem treinar e se aprendem. Depois de se aprender têm que ser treinados, mas não há nada que venha na nossa base, alguma coisa vem no nosso esquema genético mas que, podemos utilizando estratégias, e com a evolução e com os estudos e inclusivamente investigações e nisso somos bons. Não precisávamos nada de a andar a copiar dos outros países, temos pessoas espetaculares a debruçar-se sobre isso. Mas não é isso que está a acontecer há um distanciamento grande do que é a realidade do quotidiano e a escola mudou, o público da escola, as crianças mudaram e eu por exemplo como professora também já mudei. Mas aquilo que assisto é que quem muda é que fica assim em xeque, querer-se voltar um pouco a uma escola que era feita para crianças que tinham medo de até de expor as suas ideias e de ser, numa sociedade de superinformação é perigoso. E este aluno com as dificuldades que tem e com aquilo que eu estou a assistir em relação aos alunos com necessidades educativas especiais e depois o seu próprio meio, envolvente e familiar, deixa-me apreensiva e com alguma angústia.

Temática VI: Complemento

- M - Para além do que falamos, quer referir outros aspetos que não tenham sido abordados e considere importantes?
PTT – Não, eu acho que já falei das várias vertentes. Esperar que o futuro seja mais promissor, porque eu sou daquelas que nunca perde a esperança. E nunca desisto perante as adversidades e é por isso, que mesmo com todas estas convulsões a nível de ser professor e da ser educação, eu adoro ser professora e principalmente eu gosto de ser professora e de principalmente de trabalhar com crianças que para mim são um desafio.
- M - O que entende por inclusão?
PTT – – Incluir é darmos as mãos, é interlaçarmos, é darmos, é a partilha, é o não colocar rótulos, porque no final eu acho que durante toda a nossa vida, todas as pessoas tiveram momentos que foram mal-amados e estas crianças têm uma história de vida, muitas vezes o de mal-amados. Se a escola não for o porto de abrigo, o farol para estas crianças e para todas as outras, não sei que sociedade teremos para o futuro. É este o meu conceito e volto a referir é darmos as mãos mesmo.

**Anexo XIII – Transcrição da Entrevista da Professora de Educação
Especial**

ENTREVISTADO: Professora de Educação Especial (PEE)

ENTREVISTADORA: Mestranda (M)

LOCAL: Escola Básica São Tiago

DURAÇÃO: 34 minutos e 42 segundos

Transcrição da Entrevista

Tema: “A Inclusão da Criança com NEE no 1º Ciclo do Ensino Básico”

Temática I: Legitimação e Motivação da Entrevista

- Sou aluna da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco e pretendo desenvolver um trabalho de investigação no âmbito de um Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.
Deste trabalho de investigação faz parte uma entrevista aos professores (professora titular de turma e professora de educação especial) da criança com NEE, com o objetivo de recolher informações sobre a inclusão desta criança no 1º ciclo do ensino básico.
- Para tal, peço a sua colaboração que é de extrema importância ao estudo em causa.
- Garanto-lhe o anonimato e a confidencialidade dos seus depoimentos. A informação recolhida não será utilizada para outros fins, sendo único e exclusivo para fins de investigação.

Temática II: Identificação e Caracterização do Entrevistado.

- Dados pessoais do entrevistado:
 - Género: Feminino
 - Idade: 49 anos
 - Formação no âmbito das NEE: Especializada.
 - Situação Profissional atual: Professora Quadro Escola.
 - Tempo de serviço total: 25 anos
 - Tempo de serviço com crianças com NEE: 19 anos

Temática III: Identificação e caracterização da criança com NEE/Diagnóstico/Inclusão (Trajetória escolar)

- M - Solicitação das informações dos pontos a abordar:
 - PEE - Género: Masculino
 - PEE - Idade: 8 anos
 - PEE - Medidas de apoio: As medidas aplicadas são o DL nº 3/2008: apoio pedagógico personalizado; adequações curriculares individuais; adequações no processo de avaliação.
- M - Há quanto tempo acompanha esta criança com NEE?

PEE - Faço o acompanhamento ao José desde o 2º ano de escolaridade, ou seja é o segundo ano. No primeiro ano que o José entrou na escola ele não vinha referenciado porque não frequentou o jardim-de-infância. Foi um ano bastante atribulado, bastante difícil, mas o acompanhamento dado ao José era só de retaguarda e era dado pela professora titular de turma. Na educação especial só está há dois anos.

- M - Com que periodicidade acompanha a criança?

PEE – O José tem duas vezes por semana acompanhamento da Educação especial, que corresponde a quatro horas semanais, porque tem uma equipa a trabalhar com ele. Uma equipa constituída por mais três professores que trabalham sempre com ele. O José é um aluno que necessita de uma supervisão constante e mais devido aos seus problemas de comportamento e então absorvemos da educação especial apenas duas horas, dado que tem uma equipa mais de três professores que trabalham todos os dias com o José.

- M - Como caracteriza a criança e a sua deficiência?

PEE – O José para além das deficiências e dificuldades graves ao nível cognitivo, tem graves problemas de comportamento. Ele desde o primeiro ano que demonstra esses graves problemas de comportamento, que depois foram sempre associados às dificuldades cognitivas, que foi como uma bola de neve. Muitas aprendizagens não as fará, devido à sua fraca apetência para assimilar e fazer aquisições académicas. Tem um défice cognitivo, sim, mas associado à deficiência, ao nível do comportamento é uma criança muito, muito difícil. Daí ter uma equipa a trabalhar para ele com supervisão constante.

- M - Como descreve a sua evolução educativa?

PEE – Embora moderada, ele teve uma evolução moderada, mas verificou-se essa evolução, porquê? Era um menino que quando entrou na escola não estava sequer cinco minutos dentro da sala de aula, não era um menino selvagem, mas era um menino sem regras nenhuma, não conseguia estar dentro da sala de aula pendurava-se no corrimão, pendurava-se nas portas, não tinha regras nenhuma, tinha um comportamento muito, muito agressivo para as pessoas. No primeiro ano não fez praticamente nenhuma aquisição académica. Depois fizemos o encaminhamento dele, fizemos a avaliação pela CIF, fizemos todo o processo e no segundo ano que foi acompanhado pela educação especial. Verificaram-se as graves dificuldades ao nível da atividade e da participação, ao nível das funções mentais, demonstrou muitos défices. Começou a ser acompanhado pela educação especial e criámos a tal equipa porque houve necessidade, porque ele já não obedecia às assistentes operacionais, ele só obedecia a dois ou três professores e então houve a necessidade consoante o perfil do professor, trabalhar com o aluno. Ao nível académico foram moderadas as aquisições, ele globalizou um conjunto de

palavras, nós optámos pelo método global por ser mais apelativo, ao nível dos matérias, mas é preciso muito, muito esforço para ele ficar motivado para ele fazer alguma coisa. Ele conta mecanicamente até cem, mas só consegue decompor os números até vinte, só consegue relacioná-los entre si até vinte e a partir dos dez já é com dificuldade, Um menino que já anda pelo terceiro ano na escola é uma evolução muito, muito baixa, muito reduzida. E isto sempre com muito esforço, muita motivação, muito reforço positivo, muito elogio e às vezes tem que ser com castigo, porque ele continua com comportamentos desviantes, comportamentos mesmo de uma pessoa ter que se impor com ele. Mas ao nível académico foram muito fracas as aquisições que ele fez.

- M - Há estratégias diferenciadas para a criança com NEE na sala de aula?
PEE – Há, eu considero que ele teve muita sorte em ter ficado naquela turma e com a professora que é. A professora titular da turma desde o primeiro ano mostrou recetividade em diferenciar, em diversificar as atividades, sempre com o José durante o tempo que ele estava na sala, sempre direcionou a sua atenção para ele, nem podia ser de outra forma, porque se não estivesse a acontecer isso, já estava em conflito com o resto do grupo. E a professora sempre fez trabalho diferenciado, sempre trabalhou comigo na planificação dos documentos, nas estratégias a utilizar, portanto estivemos sempre em sintonia, eu a professora da turma e a outra equipa que trabalha com o José de modo que a forma de agir fosse idêntica porque era muito importante para ele, se uma pessoa ou um professor proibisse de fazer determinada coisa e o outro professor não fosse condescendente e deixasse fazer, por essa razão temos estar sempre em sintonia de ação e em sintonia de atitudes. Para que o José entendesse que os professores que trabalhavam com ele eram aqueles que tinham de decidir e não ele, porque se não fizéssemos isso, a esta altura estávamos todos a levar “porrada” do José, mas isso era quase de certeza absoluta. A professora sempre foi muito recetiva, muito colaborante, muito cooperativa em toda a documentação que foi necessária fazer para o José e pensar nas estratégias. Admito que ela tenha passado um mau bocado porque ele lhe tirava um bocado o sono, no princípio ela chegou a ser agredida por ele, portanto foram situações que se não tivéssemos tido a capacidade de gerir e de resolver dentro da escola, talvez a esta hora o José nem estivesse cá a frequentar esta escola, porque houve situações bastante delicadas, nos dois primeiros anos de frequência do aluno.
- M - Descreva o comportamento da criança na sala de aula e na escola.
PEE – Na sala de aula é um comportamento que continua ainda a ser bastante conflituoso, é um menino que tem muita dificuldade em gerir os conflitos, por exemplo um simples olhar de um colega, ele interpreta como uma provocação e ele tem logo uma atitude agressiva perante esse colega. Continua a haver necessidade da tal supervisão, se bem que ouve alguma

evolução, a nível do comportamento até foi considerável. Ele neste momento já interage com os colegas, tem um comportamento dito normal, se vier uma pessoa e não o conhecer ele já consegue ter brincadeiras com os colegas, sem estar constantemente a bater e a provocar os colegas. Se bem que ele tem os tais picos, se ele vem um dia em que lhe aconteceu alguma coisa, ou foi contrariado ou outra situação, algum obstáculo que ele tenha tido, chega à escola e faz disparates com toda a gente, agride, chama nomes. Os colegas até que entendessem que tinham de ter um bocadinho de paciência para ver se modificávamos o comportamento do José, foi difícil para crianças da idade do José entenderem que ele tinha determinados comportamentos e que às vezes não era castigado e eles se os tivessem eram castigados. Isto em crianças da mesma idade é difícil de explicar. Mais uma vez a professora teve um papel fundamental, na ausência do aluno na sala a professora aproveitava para sensibilizar os outros alunos de que tínhamos que ter alguma paciência, já que o José tinha determinadas características e que tínhamos de ver se modificávamos ao longo do tempo e pedir ajuda aos colegas para ajudarem também a professora a encontrar estratégias para ver se o José se modificava. Isso foi muito importante a professora ter essa atitude perante a turma.

- M - Como descreve a relação da criança com a turma? E a turma com a criança?
PEE – Melhorou, não podemos dizer que há uma aceitação completa pelos colegas mas também não podemos também exigir que os miúdos, os alunos achem que o José é uma estrela, de maneira nenhuma, pois ele não pode ser modelo, ele não é modelo para ninguém. E nós não queremos que ele seja modelo, queremos é que os colegas entendam a dificuldade do José e em vez de estarem constantemente a censurar, arranjem estratégias e eles às vezes dão opinião, mas isso entre eles uns com os outros fazem isso.
- M - As medidas educativas que estão a ser aplicadas à criança com NEE estão a trazer benefícios à mesma?
PEE – Estão a trazer alguns benefícios. Ele iniciou com o Decreto de Lei 3/2008 a alínea a, b e a d que era o apoio pedagógico individualizado, eram as condições curriculares e as condições especiais de avaliação.
- M - Sente que a escola contribui com medidas educativas inclusivas? Quais?
PEE – Contribui com medidas educativas inclusivas, apesar que ainda temos um grande caminho a percorrer, nas nossas escolas temos ao nível dos recursos humanos pessoas com mentes inclusivas, mas ao nível dos espaços físicos e dos materiais não se conseguimos proporcionar a estes alunos aquilo que eles necessitam. As escolas do ensino regular falham por essa falta de espaços físicos destinados a determinadas atividades que cativassem estes alunos. Por exemplo estou a trabalhar o dinheiro, normalmente nós fazemos jogos e negócios, colocámos etiquetas nos objetos. Uma coisa que ele gosta é

de mexer na calculadora do bar, e eu não posso fazer isso, não posso invadir o bar, mas é no bar que ele gosta de fazer os trocos, mas se eu trazer a calculadora para fora do bar ele já não lhe interessa. Se nós tivéssemos um espaço destinado só para fazer estas atividades da vida diária e outros, se calhar estes miúdos estavam mais motivados para desenvolver estas atividades destinadas para esses espaços, assim torna-se difícil.

- M - Fale sobre a atitude da comunidade educativa face à inclusão da criança com NEE.

PEE – Com este aluno foi difícil, porque devido ao comportamento dele, havia queixas de todas as salas por que ele provocava os meninos das outras salas, da escola toda. Ele chegava a entrar pelas janelas das outras salas e entrar para dentro da sala de aula onde estava outro professor a dar aula ou nos intervalos várias vezes invadiu outras salas de aulas. Foi difícil e em relação às assistentes operacionais por exemplo ainda hoje e tem dificuldade em obedecer, em fazer aquilo que as assistentes operacionais dizem para fazer. Ele acha que as assistentes ou por que lhe foi transmitido pelo encarregado de educação, ele acha que elas não têm legitimidade para mandar nele, ele não faz. Se for eu ou a professora Cecília ela acata as ordens. Se for uma auxiliar raramente aceita, há uma ou outra que o sabe levar. Mas a maior parte ele não faz o que as assistentes operacionais dizem para fazer. Em relação aos outros professores a relação já melhorou e com os outros colegas também melhorou muito, pois brinca com eles no pátio. Há queixas, quase todos os intervalos há queixas. Mas nós também temos outros alunos que também fazem alguns disparates como o José, mas ele tem uma certa estima de ficar com a fama de fazer os disparates.

Temática IV: Envolvimento familiar em casa e na escola. **(Articulação escola versus família)**

- M - Como tem visto a participação e o acompanhamento dos pais na educação da criança com NEE?

PEE – No início no primeiro e segundo ano foi muito difícil, o pai do José não cooperava com a escola, não colaborava, foi difícil, alias, os documentos do José no segundo ano foram elaborados, mas para conseguir que o pai viesse e se percebe-se da dificuldade que o filho estava a ter na escola, foi muito difícil. O pai colocava-se nas grades da escola e gritava José dá um murro naquele, foi difícil, foi preciso a intervenção da gestão em determinadas situações porque o pai, principalmente o pai é que falava, o pai sempre achou que o filho lhe batiam na escola, que o filho é que era a vítima e os outros eram os agressores. E tivemos que fazer um trabalho com o pai, pois não vinha à escola, estava nas grades e se nós lhe disséssemos eu ou a professora cecília que precisávamos de falar ele não vinha. No segundo ano ele começou a perceber-se se calhar era

melhor entrar e vir para o lado dos professores. E tivemos a primeira reunião que foi no segundo ano com o pai e durou mais ou menos duas horas e picos com a professora Madalena, eu a professora Cecília e tivemos uma conversa séria com ele, não sei se foi de estar um homem entre mulheres ele começou a mudar completamente e hoje se eu lhe disser na rua ó senhor José tem de que vir lá para conversar um bocadinho, está bem senhora professora. Mesmo quando está nas grades o pai diz ao José “eu quero que te portes bem”. Também mudou o discurso em relação às orientações que dá ao José. O discurso do encarregado de educação mudou e isso foi uma grande conquista para nós, porque nos termos aquele encarregado sempre contra nós e a dar orientações contrárias daquelas que nós dávamos ao filho, eram precisamente as orientações contrárias que ele dava. O miúdo andava numa dualidade que ele não sabia bem quem é que estava a falar bem. E claro que nós achamos sempre que os nossos pais estão a falar certo. E se calhar os progressos dele demoraram mas precisamente porque foi difícil captar o encarregado de educação.

- M - Os pais acompanham a criança nas atividades escolares? Se sim, como?

PEE – Presentemente o pai acompanha, mas mais naquele sentido de preocupado se lhe batem, porque nas áreas académicas ele não se preocupa muito. Quando nós lhe estamos a mostrar os dossiês, os trabalhos ele não se importa muito, ele interessasse é que ele tenha almoço, que não lhe batam, que não se metam com ele, a parte académica puxar por ele em casa, ditar palavrinhas assim não. Ele em casa nas áreas académicas não é ajudado. Nunca trabalham com ele, nada.

Temática V: Expetativas quanto ao futuro

- M - Descreva o que pensa do futuro da criança com NEE relativamente ao nível escolar e profissional.

PEE – Claro que é uma criança que vai ter sempre necessidade de supervisão. Ele ao nível da higiene pessoal é autónomo, ele a nível da alimentação é autónomo, mas ao nível do comportamento ele vai demorar ainda a conseguir gerir completamente as suas atitudes, os seus conflitos, daí que mesmo quando passar para o segundo ciclo, ele vai necessitar, o percurso dele vai assentar sempre numa supervisão. Claro que é um aluno que vai ter um percurso sempre vigiado, sempre com estratégias adequadas às suas necessidades. Eu acredito que ele um dia até poderá desempenhar alguma função profissional, no âmbito mesmo de uma profissão onde não exigem muitos requisitos, uma profissão mais repetitiva, ou mais que ele consiga fazer algo com uma rotina. Eu não posso estar a prever o futuro do José, mas quase que diria que vai ser por uma via profissionalizante. Era bom que mudassem

até as políticas dos cursos profissionais por que neste momento também não há nenhum curso profissional que se encaixe se o José não tiver uma evolução significativa, que se encaixe nas necessidades do José. Porque a formação profissional que temos agora exige da parte académica e essa parte o José está muito aquém daquilo que é exigido para as vias profissionais.

Temática VI: Complemento

- M - Para além do que falamos, quer referir outros aspetos que não tenham sido abordados e considere importantes?

PEE – Eu penso que o José é um caso muito especial, escolheu o José para fazer o seu estudo de caso e é mesmo um caso muito especial porque eu há dezanove anos que estou na educação especial e é a primeira vez que seja um bocadinho pessimista, que tenha apresentado tão poucos progressos a nível académicos como o José, mas que por sua vez, nós olhamos para o José, fisicamente é um menino perfeito, à qualquer coisa naquele cérebro que nem os próprios médicos tem coragem de atestar, ele está como um défice cognitivo mas está muito ambíguo o relatório médico. Nem os próprios médicos conseguem dizer que tem isto bem definido. Na avaliação que nós fizemos pela CIF é claro dá muito baixinho na atividade e participação, dá muito baixinho em todas as áreas, mas é um aluno muito ambíguo, é difícil definir esta criança. E depois associado ao seu comportamento, eu diria que a área da socialização, ainda foi aquela área em que nós podemos sentir felizes por ele ter frequentado esta escola, porque na área da socialização ouve uma evolução foi muito, muito boa.

- M - O que entende por inclusão?

PEE – A inclusão é darmos oportunidade a todos, a todos a os alunos numa comunidade escolar, darmos oportunidades para terem o mesmo sucesso, ou pelo menos dar lhes todas as ferramentas para conseguirem ter sucesso. E é aceitarmos, ter a mente aberta, e não ter preconceitos em relação à diferença. O que está a acontecer hoje eu pensava que até com tanta legislação que tem saído no nosso país a favor da inclusão, primeiro da integração depois da inclusão eu pensava que até íamos num caminho positivo. Mas neste momento estou com algum receio que a inclusão se esteja a transformar em exclusão. Porque eu tenho duas horas com o José, este menino tem uma equipa a trabalhar com ele porque tinha associado à sua deficiência comportamentos disruptivos, péssimos, então houve a necessidade de fazer a tal equipa. Mas tenho meninos que não têm esses comportamentos são meninos com um bom comportamento, com muitas necessidades e também só tenho duas ou três horas para trabalhar com esses meninos. O que é isto quer dizer, que a inclusão só existe se os recursos para essas crianças forem os suficientes para essa criança progredir, neste momento não está a acontecer isso. Os cortes são

de tal forma que reduzem o horário dos professores, reduzem os professores, aliás temos duas colegas, sou eu e outra colega, para dar atenção ao agrupamento Afonso de Paiva, às escolas do primeiro ciclo Santiago, Castelo, Mina, jardim-de-infância, isto não é inclusão. Isto é as crianças estarem cá, dentro da sala de aula, o professor por sua vez tem vinte e tal alunos à frente não tem o tempo suficiente para estar, para se dirigir ao tempo necessário dirigido ao aluno que está ali com as necessidades educativas e depois temos uma aluno cinco horas na escola, mas só com uma hora de trabalho mais individualizado. Por muito esforço que os professores do ensino regular tenham, mas qualquer pessoa que esteja numa sala de aula hoje, sabe que um professor do ensino regular, ou tem uma turma muita homogénea, e consegue dirigir ali algum tempo ao aluno que tem necessidades educativas. Ou se a turma e as turmas são todas heterogenias e hoje já não há turmas homogenias, deve haver um caso ou outro, são muitos heterogenias, e o professor acaba por não ter capacidade de resposta para aquele aluno com necessidades, que está à sua frente. Isto quer dizer que não mudarem novamente a política e colocarem um rácio de alunos mais pequeno por cada professor de educação especial ou até turmas mais pequenas. Porque essa teoria de que as turmas com trinta alunos são tão produtivas que as turmas de vinte, também não concordo, e então se houver um aluno com necessidades educativas, menos ainda, portanto a inclusão só acontecerá, se estes fatores forem tidos em conta, neste momento não estão a ser tidos em conta. A inclusão neste momento vai-se fazendo, há boa receptividade dos colegas das turmas perante estes meninos, a conceção que o professor da turma colocava de lado um aluno com NEE, é mentira, todos os alunos que eu tenho nas turmas estão bem integrados na turma, com o professor e com os alunos. Só ao nível dos resultados talvez não sejam tão bons, porque não têm o tempo suficiente ou exigido para as necessidades que têm. É só nesse sentido que eu acho que estamos um bocadinho a regredir. Eu há quatro anos atrás tinha seis alunos para dar apoio, e neste momento tenho dez, e tenho um nas Sarzedas que dou apoio indireto à minha colega e temos o nosso colega de apoio que vai lá e que fazemos a interligação daquilo, o menino tem dislexia, trabalha com ele exercícios orientados para a deficiência que o menino tem, para as dificuldades do menino. Porque se eu tivesse que ir às Sarzedas eu vou só um dia ao Castelo, iria só meio-dia ao Castelo e pior seria ainda. Tem havido uma boa receptividade e apoio dos colegas, tanto do apoio acrescido como os titulares de turma, por isso a inclusão vai se fazendo, porque se não fosse isto, eu diria que neste momento a inclusão estaria em standby e que não existia. Com a boa vontade de todos, vamos fazendo.

